unesp **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

PRISCILA APARECIDA MARTINS ANDRADE

MULHERES E TATUAGENS:
valores e intenções impregnados na construção do corpo feminino

ARARAQUARA – S.P.
2015

PRISCILA APARECIDA MARTINS ANDRADE

MULHERES E TATUAGENS:
valores e intenções impregnados na construção do corpo feminino

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara , como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina

ARARAQUARA – S.P.
2015

Andrade, Priscila
Mulheres e Tatuagens: valores e intenções impregnados na construção do corpo feminino / Priscila Andrade — 2015
112 f. ; 30cm

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara).
Orientador: Fábio Tadeu Reina

1. Tatuagem. 2. Preconceito. 3. Mulher. 4. Corpo. 5. Classes Sociais. I. Título.

PRISCILA APARECIDA MARTINS ANDRADE

MULHERES E TATUAGENS:
valores e intenções impregnados na construção do corpo feminino

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.
Orientador: Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina

Data da defesa: _06_/_07_/_2015_

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina
Universidade Estadual Paulista - UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Araraquara - SP

Membro Titular: Profª. Drª. Luci Regina Muzzeti
Universidade Estadual Paulista - UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Araraquara - SP

Membro Titular: Profª. Drª. Vivian Patrícia Oliveira de Moraes Manécolo
Universidade Estadual de Londrina - UEL - Londrina - PR

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

A todos que ajudaram na construção do meu sonho, essa dissertação.

A todos os tatuadores e tatuadoras, uma das profissões mais encantadoras que existem, verdadeiros artistas que realizam sonhos.

A todos os modificados corporais pela ousadia de transformar e colorir o mundo, de não aceitar imposições sociais e não se importarem com os preconceitos. "Vocês riem de mim por eu ser diferente, eu rio de vocês por serem todos iguais".

AGRADECIMENTOS

> Leve na sua memória, para o resto da vida, as coisas boas que surgiram nas dificuldades. Elas serão uma prova de sua capacidade, e lhe darão confiança diante de qualquer obstáculo.
> Chico Xavier.

Para iniciar cito as palavras de um homem que para mim é um mestre em sabedoria, bondade e humildade. Começo meus agradecimentos comparando todas as pessoas que estiveram comigo às estrelas, cada pessoa tem um céu particular e nesse céu há diversas estrelas e as minhas iluminaram o caminho para a chegada do que sempre almejei, o Mestrado.

Primeiramente agradeço a Deus pela oportunidade de estar evoluindo aqui na Terra, ele acreditou em mim e me deu essa nova chance. Agradeço aos espíritos iluminados, ao meu mentor espiritual que esteve o tempo todo comigo nessa caminhada, me influenciando com bons pensamentos, me dando força para nunca desistir dos meus sonhos.

Agradeço ao meu orientador Dr. Fábio Tadeu Reina por esses dois anos de ensinamentos, amizade e por sempre acreditar em mim e permitir que um dos meus sonhos se tornasse realidade, a pesquisa sobre tatuagem.

Agradeço a minha família: Minha mãe Conceição pelo esforço em sempre me fazer estudar, apesar das dificuldades em viver na área rural e sempre ter um obstáculo que me impedisse de ir à escola. Ao meu pai, Pedro que mesmo com pouco estudo sempre me mostrou a importância de ler, qualquer coisa, um livro, uma revista, mas sempre ler. A minha cunhada Cecília e ao meu irmão Paulo que mesmo a distância sempre me mandaram bons pensamentos e torceram por mim. Ao meu cunhado Fernando que sempre tinha uma palavra de incentivo para me dar. Vocês são estrelas lindas no meu céu.

Agradeço a minha professora doutora Andreza Marques de Castro Leão por ter me incentivado desde o início, ter me apresentado ao curso de sexualidade e enxergar naquele momento o que eu gostaria de fazer por toda a minha vida. Agradeço por ter me incentivado a fazer o mestrado em Educação Sexual, se não fosse por ela talvez eu não estivesse aqui. Andreza, muito obrigada, você é uma das estrelas que estão no meu céu e iluminam minha vida.

Agradeço ao professor doutor Paulo Rennes Marçal Ribeiro por ter acreditado em mim e me permitir assistir as aulas sobre sexualidade antes mesmo do mestrado, seus ensinamentos foram primordiais para eu trilhar esse caminho.

Agradeço a todos os professores que trilharam esse caminho comigo, cada disciplina agregou um conhecimento novo e pertinente a minha vida e que fez toda a diferença.

Agradeço a todos os amigos que fiz nesse Mestrado, alguns levarei por toda a vida, agradeço cada risada partilhada, cada conhecimento transmitido, foi muito bom conhecer todos. Obrigada.

Agradeço ao grupo de Estudo sobre Modificações Corporais (GESMC) que me ajudaram com os vários estudos e conhecimento sobre as mais diversas formas de modificação corporal, em especial agradeço ao Thiago Soares por toda a ajuda que ele me prestou, você é um querido e mora em meu coração.

Agradeço a cada amigo da vida que de alguma forma me ajudou nessa pesquisa, cada artigo, foto ou matéria sobre tatuagem que foi enviado, ou mesmo palavras de incentivo, me fizeram sentir especial ao ser lembrada e ajudada. Vocês foram sensacionais. Obrigada.

Agradeço a minha querida irmã gêmea Patrícia, que desde o início esteve comigo, fez coisas que não cabem nessas folhas, me ajudou no projeto, na proficiência e no decorrer de todo o processo. Amo você minha irmã, obrigada por existir, essa dissertação é sua também, obrigada por estar ao meu lado em todos os momentos.

Agradeço a irmã que Deus me deu, Fabiana, agradeço simplesmente por sua existência, fizemos graduação juntas e o mestrado também, uma caminhando ao lado da outra. O que seria de mim se não fosse sua companhia, sua risada, sua alegria, seu incentivo e sua persistência em nunca desistir dos sonhos por mais difíceis que pareciam. Obrigada por estar comigo, obrigada por me permitir compartilhar da sua energia positiva, obrigada por ter concluído esse nosso sonho comigo. Amo você.

E por fim, para finalizar as estrelas do meu céu, a estrela mais especial de todas, meu amor, meu namorado, meu companheiro Amsterdam, sem você nada disso teria acontecido, você abriu mãos dos seus sonhos para realizar o meu, mudou-se do Rio de Janeiro e veio para cá me ajudar nessa dissertação. Você aguentou meus medos, anseios e crises. Todos os méritos são seus. Obrigada meu pequeno, por ter me escolhido e feito com que meus sonhos se tornassem realidade, você ilumina a minha existência. Eu te amo.

Quero ficar no teu corpo
Feito tatuagem
Que é para te dar coragem
Pra seguir viagem
Quando a noite vem...
Corações de mãe, arpões
Sereias e serpentes
Que te rasbicam
O corpo todo
Mas não sentes

Tatuagem - Chico Buarque

Menino do Rio,
Calor que provoca arrepio
Dragão tatuado no braço
Calção, corpo aberto no espaço
Coração de eterno flerte
Adoro ver-te...

Menino do Rio- Caetano Veloso

RESUMO

A tatuagem é uma marcação corporal utilizada há séculos, desde a idade antiga até a contemporaneidade. O novo paradigma em que ela se encontra se dá pela maneira como é reconhecida e adotada nas mais diversas culturas e épocas. A problemática desse estudo refere-se a esse ponto, compreender a tatuagem no seu todo para então discutir como ela se origina em mulheres das classes populares. Por ser uma marca que ainda sofre preconceitos, sendo assim estigmatizada, analisaremos por meio da condição de ser mulher, e o pertencimento a uma classe menos favorecida, se esse preconceito se torna maior ou não, se existe uma diferença no que tange o sexo masculino e uma classe mais abastada. Diante dessa realidade o presente estudo pretende realizar uma análise sobre a história da tatuagem, mostrando o seu surgimento no decorrer dos séculos, suas modificações, preconceitos e estigmas, para compreendê-la e entender através da história o porquê desse preconceito perpetuar até os dias de hoje. A abordagem dos indivíduos que fazem parte desse grupo e como eles são vistos também será discutido por intermédio de vários autores que abordaram essa temática. O corpo, lugar no qual a tatuagem é exibida para expressar sentimentos que muitas vezes são sonhos, realizações, desejos ou simplesmente modismo através da epiderme, também será analisado. Serão acrescentados a essa pesquisa os estudos de Pierre Bourdieu e colaboradores no que concernem as referências sobre a mulher e as classes populares. Para auferir esse intuito buscou-se por meio da metodologia qualitativa e como forma de coleta de dados a entrevista semiestruturada analisar o que as mulheres entrevistadas pensam e como vivem com as suas tatuagens. Os resultados obtidos nos mostraram que apesar da mulher ter autonomia e liberdade de usar o corpo para fazer uma tatuagem, essa liberdade é controlada nas escolhas dos desenhos e locais adotados para serem feitos, essa definição é realizada por vezes pelos namorados ou maridos, identicamente são reguladas por estarem a critério do julgamento da sociedade, ou seja, uma liberdade condicionada a uma aprovação de terceiros.

Palavras-chave: Tatuagem. Preconceito. Mulher. Classes Sociais. Corpo.

ABSTRACT

Tattoo is a body marking used for centuries, since ancient age until the contemporary, the new paradigm in which it is, it happens due to the way how is recognized and adopted in many different cultures and ages. The problematics of this study refers to this aspect, to understand the tattoo as a whole and then discuss how the tattoo happens in working-class women. Being a mark that still suffers prejudices, so stigmatized, we will analyse through the condition of being a woman and belonging to a poor class if that prejudice becomes bigger or not, if there is a difference in male and wealthiest class. Before this reality this study intends to perform an analysis of the tattoo's history, showing its appearance over the centuries, its modifications, prejudice and stigma, to understand it and understand through history why this prejudice perpetuate until today. The approach of the individuals who are part of this group and how they are seen will be discussed by various authors that boarded this theme too. The body, place where the tattoo appears to express feelings that are often dreams, achievements, wishes or simply fashion through the epidermis will also be reviewed. It will be added to this research Pierre Bourdieu's studies and employees about to references on women and the working classes. To obtain this objective it was looked through the qualitative methodology and as and like the form of data collection of the semistructured interview, analyzes what women interviewed think, passed and how they live with their tattoos. The results showed us that although women have autonomy and freedom is controlled by the choices of designs and local adopted to be made, this setting is performed sometimes by boyfriends or husbands, identically are regulated by the discretion of the trial of society, a conditioned liberty to a third approvals.

Keywords: Tattoo. Prejudice. Women. Social classes. Body

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 - Os contextos da tatuagem no decorrer da história 37

Quadro 2 - Descrição das entrevistadas 56

Quadro 3 - Subcategorias formadas através da categoria “trajetórias de vida” 59

Quadro 4 - Subcategorias formadas através da categoria “corpos/visual/autonomia” 64

Quadro 5 - Relação de lugares e desenhos escolhidos para a tatuagem 65

Quadro 6 - Subcategorias formadas através da categoria “sociedade/influências/preconceito” 80

Tabela 1 - Idade da primeira tatuagem 61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....14

1. A HISTÓRIA DE UMA ARTE MILENAR.....20

1.1 Tatuagens: origem, lendas e mistérios.....21

1.2 As grandes navegações e a redescoberta da tatuagem.....23

1.3 A tatuagem em terras brasileiras.....31

1.4 A tatuagem contemporânea.....34

2. O CORPO TEM UMA HISTÓRIA.....38

2.1 O corpo pensado, cultuado, castigado, modificado.....39

2.2 Corpos na contemporaneidade: a tatuagem como marca da individualidade.....44

3. O RELATIVIZAR DA TATUAGEM E DO CORPO: A METODOLOGIA EMPREGADA.....49

3.1 Caracterização do estudo.....50

3.2 Participantes.....51

3.3 Local.....52

3.4 Instrumentos.....52

3.5 Procedimentos.....53

3.6 Análise dos dados.....54

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....55

4.1 Dados pessoais.....56

4.2 As categorias da pesquisa.....58

4.2.1 Trajetórias de vida: o porquê da tatuagem.....59

4.2.2 Corpos/Visual/Autonomia.....64

4.2.3 Sociedade/Influências/Preconceitos.....80

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....93

REFERÊNCIAS.....97

ANEXOS.....105

ANEXO A - FOTOS DE TATUAGENS.....106

APÊNDICE.....111

APÊNDICE A-ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....112

Introdução

Naquela época, a tatuagem era um procedimento restrito aos prisioneiros e marinheiros, que se tatuavam entre eles a fim de registrar uma marca exclusiva no corpo ou, muitas vezes, para impor uma hierarquia. Os marinheiros ficam no mar 60/70 dias, isolados, sem documentação de identidade. Hoje, ela não é mais só uma identidade, é uma arte no corpo, é como uma joia exclusiva. Todo mundo quer ter uma. Tem muita gente investindo em si mesmo.
Antônio Stoppa, tatuador em Florianópolis. (Ramos, 2001 p.133).

Fonte- FB.com/astatuadas

O que leva uma pessoa a fazer uma tatuagem? O que uma marca no corpo significa e altera na vida de uma pessoa? Há alguma diferença das marcas contemporâneas para as marcas de tempos remotos? Por que a tatuagem causa tanto encantamento e ao mesmo tempo sofre tanto preconceito por parte de algumas pessoas ou setores da sociedade?

O meu interesse pela tatuagem surgiu desde muito cedo, manifestou-se devido ao gosto precoce por um estilo musical, o *rock n' roll*[1] nos meus 10 anos de idade. Na década de 90 a tatuagem sofria preconceito, (apesar de hoje ser aceito em determinadas frações de classes ainda há percepções de alguns preconceitos) era estigmatizada, associada muitas vezes às classes marginais como, por exemplo, aos que gostavam do estilo musical em questão.

O *rock n' roll* estabeleceu essa aproximação com o universo da tatuagem, para me sentir inserida nesse meio musical fazia-se necessário possuir marcas e adereços que estivessem associados a esse estilo, e essas marcas e adereços eram as tatuagens e os *piercings.*

A partir desse meu interesse pela tatuagem começou a surgir os primeiros enfrentamentos familiares, a proibição foi instantânea, só poderia optar por ter uma tatuagem quando atingisse a maioridade e fosse responsável pelos meus atos. A primeira tatuagem veio aos 21 anos e foi algo que representa uma paixão, um desenho que evidenciava minha banda musical favorita. Sempre ouvi dizer que ao fazer a primeira tatuagem a pessoa sente a necessidade de fazer outra e realmente isso aconteceu comigo, virou um "vício".

Elaborando uma reflexão acerca das proibições familiares e sobre a recepção da sociedade, (no qual era comumente ouvir frases como "isso é coisa de 'maloqueiro'", "isso é coisa de bandido", "você nunca arrumará um emprego"), surgiram dúvidas do porquê a tatuagem era vista dessa forma, o que um desenho na pele pode modificar na personalidade e no caráter de alguém. Esses e outros questionamentos fizeram com que a curiosidade em abordar essa temática viesse à tona.

O interesse por esse assunto surgiu da importância em compreender o que existe por trás da vontade de se fazer uma tatuagem, se há algum aspecto emocional, religioso, social ou mesmo estético. O que leva as pessoas a adquirirem uma marca que vai perdurar no corpo pelo resto da vida, mesmo que haja o processo de remoção dessa marca, pois o mesmo é caro e bem doloroso.

A tatuagem sempre chamou a atenção e olhares de admiração, reprovação ou mesmo indiferença, uma particularidade que sempre fez parte da sua história. A partir de uma revisão

[1] - Estilo musical que surgiu nos Estados Unidos no final dos anos 40.

bibliográfica, com estudos relacionados às marcas corporais antigas, à relação do corpo e relações de gênero tornou esse interesse em algo a ser pesquisado.

Dessa forma, mediante os interesses demonstrados sobre a pesquisa, o objetivo do presente estudo está em averiguar o porquê de mulheres de algumas frações de classes populares optam por tatuar o corpo, visto o papel ativo que a mulher tem na evolução da sociedade (uma sociedade ainda considerada muito machista) e sua luta por igualdade de direitos.

A partir disso, buscar compreender se por meio da tatuagem há alguma diferenciação no que se refere as relações de gênero, a mulher como modelo de feminilidade, "sexo frágil" que escolhe desenhos considerados femininos em lugares "discretos" para afirmar esse padrão que é visto como mais aceitável por nossa sociedade em detrimento ao modelo da mulher considerada fatal, sedutora, pelo qual as opções são por tatuagens com teor apelativo da sexualidade e lugares mais valorizados no corpo feminino e que por muitos é tido como vulgar. Ademais, compreender até que ponto a sociedade consegue reproduzir padrões que influenciarão quando uma mulher resolver fazer uma tatuagem.

O interesse por pessoas de algumas frações de classes populares deu-se devido ao preconceito que essa classe social sofre, como tendência histórica mostra o baixo capital cultural legitimado, seja pela falta de conhecimento, ou, falta de poder aquisitivo, e tentar compreender se esse preconceito também se dá no âmbito das tatuagens, ou seja, se a marca corporal é vista da mesma forma pelas pessoas das classes mais privilegiadas ou se há alguma diferenciação.

Sabe-se que desde o princípio da humanidade o homem imprime marcas em seu corpo, sendo elas de caráter temporário ou permanente. Em estudos relacionados à temática, há pesquisas que mostram que a marcação ocorre desde tempos antigos, ou seja, não é uma prática moderna, como trivialmente é relacionada. Em tempos atuais a prática foi aprimorada e a justificativa da marcação modificada.

A tatuagem já foi utilizada como ritos de passagem, proteção, punição, pertencimento a algum grupo social, como forma de protesto ou tão somente como modismo e embelezamento estético. Atualmente a prática da tatuagem foi se reafirmando, se estruturando com outras características e com novas roupagens, algumas pessoas já a classificam como uma prática banal, mesmo assim ainda não é aceita por alguns segmentos da sociedade que as considera como algo pertencente à marginalização.

Claro que essa mudança de perspectiva e opiniões está atrelada a cultura e o papel que ela exerce em cada momento histórico.

> As culturas são célebres pela diversidade das interferências definitivas praticadas no corpo humano. Escarificação, tatuagem, ablação, plásticas estéticas – a mais recente – representam marcas que registram o prestígio, a agregação ou a exclusão do indivíduo ao grupo, assim como as crenças, as hierarquias, a jurisprudência e a estética de uma época. (Ramos, 2005, p.01)

A oportunidade de desenvolvimento desta pesquisa permitiu uma penetração mais profundamente nesse universo da tatuagem, que até então era superficial, sendo que o contato com alguns tatuadores e alguns tatuados deu-se de uma forma tranquila.

Ao longo do presente estudo, muitos autores foram utilizados, vou ressaltar alguns que tiveram maior relevância nessa pesquisa.

No que concerne às tatuagens foram utilizados autores como o sociólogo David Le Breton (2004), que relata um pouco da história da tatuagem e faz relação dela na contemporaneidade, Célia Maria Antonacci Ramos (2001, 2005, 2006) que estudou as tatuagens não apenas na sua forma artística, mas também as "nazitatuagens" que foram utilizadas por nazistas como forma de exclusão e marcação.

A antropóloga Débora Krischke Leitão (2000, 2004) aborda as tatuagens no contexto e no cenário urbano, já Beatriz Ferreira Pires (2001, 2005) em uma perspectiva da arte trabalha as modificações corporais em todo seu contexto.

As tatuagens brasileiras foram vistas pelo jornalista Toni Marques (1997) que de uma maneira simples contou a história da tatuagem tanto no mundo como no Brasil. O jornalista e escritor João do Rio (1998) trabalhou a tatuagem na cidade do Rio de Janeiro, em meados do início do século XX.

Foram utilizados também os escritos de Pierre Bourdieu (1983, 1999, 2003, 2007) e outros colaboradores para relacionar a condição da mulher nesse contexto, além das classes sociais, em especial, algumas frações das classes populares, compreender a relação que o corpo tem nesse âmbito, além da estrutura que o sujeito da tatuagem tem antes de obtê-la que é chamado de *habitus.*

Assim, essa dissertação se constitui da seguinte maneira.

No primeiro item foi abordada a história da tatuagem, sendo dividido em quatro subitens para melhor compreensão do estudo.

No primeiro subitem foi discutida a história da tatuagem desde seus primeiros vestígios, que inclui a pré-história, perpassando pelas civilizações antigas, pela era cristã, até chegar à Idade Média, visando mostrar como era a tatuagem, se era aceita ou não, e qual a razão dela ter se tornado o que é hoje.

No segundo subitem foi exposta a redescoberta da tatuagem no Ocidente por meio das grandes navegações (redescoberta pelo fato de já existir em outras civilizações) e como passou a ser utilizada por classes menos favorecidas como marinheiros, prisioneiros e prostitutas, mais adiante por grupos sociais que viviam a margem da sociedade, como roqueiros, *punks*[2], *hippies*[3] e *skinheads*[4], o que contribuiu para que essa prática viesse a tornar-se exótica e até mesmo discriminada e analisando quais fatores que levaram a essa constatação.

A abordagem do terceiro subitem vem relatar como foi a descoberta da tatuagem em terras brasileiras. Os nativos que aqui se encontravam já tinham marcas que podiam ser associadas a uma tatuagem primitiva, relacionando-se ao momento que a tatuagem se encontrava no Ocidente e como essa marca corporal se popularizou no Brasil e tornou-se moda nos tempos atuais.

Por último, no quarto subitem como se situa a tatuagem na contemporaneidade, o que mudou desde seu surgimento até as práticas mais refinadas de fazê-la, como o cenário dessa marca mudou, transcorrendo de algo que era visto como exótico para algo pelo qual exista uma possibilidade de ser aceito na sociedade e a tendência de ser considerada por algumas frações de classes como algo artístico.

No item dois a abordagem se dá por meio da relação que o corpo exerce nesse processo, sendo o corpo a matéria essencial para que essa prática aconteça. Esse item foi divido em dois subitens.

No primeiro é relatado a história do corpo, de como ele foi visto e aceito em seu contexto geral, a partir da pré-história até os tempos atuais.

No segundo é argumentado o corpo na contemporaneidade, as mudanças que houve no decorrer do tempo, a importância que é dada para ele nos tempos atuais, atrelado às marcas corporais que nele são adquiridas.

---

[2] Movimento cultural que surgiu em meados da década de 70, que tem como característica ideias políticas anarquistas e revolucionárias.

[3] Movimento cultural que surgiu em meados da década de 60 pregava o amor livre e a não violência.

[4] É uma subcultura originada dos jovens da classe operária no Reino Unido, em meados dos anos 60.

No terceiro item foi empregada a metodologia que será utilizada nesse estudo. Esse item foi dividido em seis subitens. No primeiro foi explorado a caracterização do estudo, ou seja, qual a metodologia foi empregada e o porquê dela ter sido utilizada nessa pesquisa, por meio de autores que abordaram essa temática.

No segundo subitem são discutidos quais os participantes do estudo, ou seja, a escolha por mulheres de algumas frações de classes populares. No terceiro subitem foi definido o local da pesquisa. Já no quarto subitem foi mostrado o porquê da utilização da entrevista semiestruturada para instrumento desse estudo. O quinto subitem foi exposto quais foram os procedimentos adotados para que a pesquisa viesse a acontecer. E para findar, no sexto subitem foi feita a análise dos dados, por meio das entrevistas e como elas foram analisadas e interpretadas.

No quarto item foram trabalhados os resultados e discussões obtidos por meios das entrevistas. Através de categorias e subcategorias foram interpretadas as entrevistas com mulheres de algumas frações de classes populares com ajuda da bibliografia vigente nessa pesquisa.

Para finalizar foram expostas as conclusões finais a partir do que foi relatado na pesquisa, acompanhado das referências e anexos que auxiliaram o entendimento e compreensão desse estudo.

1- A História de uma arte milenar

No calor da festa, exibiu sobre o balcão a sua masculinidade inverossímil, inteiramente tatuada num emaranhado azul e vermelho de letreiros em vários idiomas. Às mulheres que o assediavam com a sua cobiça, perguntou quem pagava mais. Disso vivia. Deu sessenta e cinco vezes a volta ao mundo, metido numa tripulação de marinheiros apátridas. As mulheres que se deitaram com ele naquela noite, na taberna de Catarino, trouxeram-no inteiramente nu ao salão de baile, para que vissem que não tinha um milímetro do corpo sem tatuar, na frente e nas costas, e desde o pescoço até os dedos dos pés.
(Márquez, 1967, p.85).

Site: Hypeness, http://www.hypeness.com.br/2013/05/como-eram-as-mulheres-tatuadas-do-inicio-do-seculo-xx/

1.1 Tatuagens: origem, lendas e mistérios

A tatuagem é uma arte milenar que traz consigo muitas histórias, lendas e superstições. A data correta do seu surgimento é uma incógnita, o que se pode utilizar são os vários relatos e pesquisas de historiadores e geólogos que buscaram algum estudo nesse campo. Exemplifica assim Marques (1997) "das duas, uma: a tatuagem nasceu uma única vez e se espalhou pelo mundo ou nasceu mais de uma vez, filha de muitos pais em todos os continentes" (p.13).

A tatuagem nunca foi específica de um grupo ou condição social, sempre migrou de acordo com a época e situação, já foi considerada símbolo de poder ou insígnia da marginalidade. Atualmente em nossa sociedade é vista com traços da cultura vigente e por muitos como modismo, embora seu caráter de diferenciação de facções ainda permaneça.

Os primeiros indícios do que viria a ser a tatuagem se dá na Pré-História, nas pesquisas de estudiosos dos períodos Paleolítico, Mesolítico e Neolítico há descobertas de desenhos, instrumentos pontiagudos, agulhas feitas de pedras e chifres, assim como pigmentos utilizados para pintar o corpo.

De acordo com estudiosos para os trogloditas[5] as cicatrizes que eles obtinham em brigas eram sinais de valentia e sentiam orgulho delas e com isso passaram a fazê-las intencionalmente, pois quanto mais cicatrizes, mais valentia eles teriam. A partir daí começaram a surgir o que viriam a serem as tatuagens.

As civilizações antigas, como Egito, Grécia e Roma também tem resquícios da tatuagem em sua história. No Egito a múmia da Princesa Amunet de Tebas, datada por volta de 2000 a.C tinha desenhos na barriga, "exibia uma grande espiral no baixo ventre – possivelmente relacionada a um ritual de fertilidade" (Rodrigues, 2008, p.16).

Na Grécia segundo Marques (1997) sabe-se algo relacionado a modificações corporais através de Heródoto, em seu livro *História* ele relata histórias dos Citas, Trácios e Tebanos, nos quais faziam ou tinham marcas e estigmas, sendo essas marcas de nobreza ou forma de castigo. Contudo, essas não eram modificações corporais tão radicais, pois os gregos respeitavam a perfeição estética dos corpos.

Elucida Marques (1997) que,

[5] -Homens que habitavam as cavernas.

> Não se podia esperar dos gregos qualquer tipo de modificação radical do corpo, uma vez que este obedecia a uma ideia de perfeição estética natural, por assim dizer. O corpo do grego devia ser o corpo idealizado pelo pensador e pelo artista. (p.21).

Segundo Ramos (2001) ainda na Grécia a tatuagem era utilizada para marcar os escravos com os nomes dos seus donos, assim esclarece que,

> Na Grécia clássica, por exemplo, os escravos eram tatuados com o nome de seu Senhor. Ou ainda, alguns chefes de Estados gregos raspavam a cabeça dos escravos, tatuavam-na com mensagens secretas e, quando o cabelo crescia, os enviavam como mensageiros secretos em missões arriscadas. (p.40).

Araújo (2005) ainda vai dizer que em Roma o costume de tatuar escravos também foi adotado, os prisioneiros exibiam na testa os seus crimes "os gladiadores prisioneiros entravam na arena exibindo na testa a marca de seus crimes" (p.32).

No entanto a mais famosa referência que temos da antiguidade relacionada a marcas corporais é da múmia que leva o nome de Ötzi (o homem do gelo) [6] que foi encontrado em terras italianas em 1991 que viveu em 5300 a.C. Segundo Marques (1997) "o Homem do Gelo tem linhas paralelas ao longo da região lombar da coluna, uma cruz abaixo do joelho esquerdo, e faixas no tornozelo direito. São tatuagens" (p.16). O homem de gelo tinha 50 marcas de tatuagem entre as costas e joelho.

Na era cristã, a tatuagem foi utilizada tanto por cristãos tementes a Deus, quanto por aqueles considerados pecadores. Na época das Cruzadas os cristãos precisavam de códigos e sinais para que eles se reconhecessem entre si, esses sinais eram marcas corporais, nas mãos ou braços e na maioria das vezes com símbolos representando uma cruz ou coisas associadas a Deus. Rodrigues (2008) refere que "os seguidores de Cristo se reconheciam e se protegiam da submissão aos pagãos tatuando peixes ou letras gregas em seus corpos" (p.16).

Já Idade Média, também conhecida como Idade das Trevas, a representação da tatuagem se modificou, foi banida, pois fora vista como associação ao Diabo, e quem as obtinha eram os pecadores. "Cicatriz, marca de nascença, qualquer má formação à flor da pele – o corpo alterado virava automaticamente, a moradia do Cão. Acreditava-se que a assinatura do pacto se dava no corpo da alma perdida – ai daqueles que ousassem uma tatuagem". (Marques, 1997, p. 34). Com isso a tatuagem começou a ser vista como símbolo da infâmia.

---

[6] - A foto encontra-se nos anexos.

1.2 As grandes navegações e a redescoberta da tatuagem

As grandes navegações que contribuíram para a descoberta de novos continentes, novas nações e povos, redescobriram a tatuagem que até então havia sido banida na Idade Média.

Foi devido ao que os navegadores viram e relataram em seus diários de bordo que podemos saber que a tatuagem nunca foi extinta, só ficou adormecida no velho continente. Foi a partir desses povos ainda desconhecidos que a tatuagem voltou para manter-se até os tempos atuais. "Enquanto a civilização cristã não se decidia quanto ao destino da tatuagem, sua extinção ou não no Velho Continente, o mundo primitivo continuava a repetir desenhos à tinta e em alto-relevo na pele de suas tribos e nações." (Marques, 1997, p.37).

Um dos relatos sobre modificações corporais foi escrito por Marco Polo que passou algum tempo de sua vida percorrendo a Ásia e essa viagem foi descrita em seu livro chamado *"Livro das Maravilhas"* nele relatou o que viu,

> Os varões e as mulheres pintam a pele, quer dizer, desenham na pele, com agulhas em brasa, leões, dragões, pássaros e outras imagens; logo lhes passam cores por cima e gravam-nas tão bem que a cor nunca mais desbota. Fazem isso na cara, no peito, no ventre, nas mãos, nas pernas e em todas as partes do corpo; e isto, neles, é distintivo de nobreza. Quanto mais pintados estão, por mais formosos passam e mais consideração merecem. (Polo, n. d., citado por Marques, 1997, p. 37).

Navegadores como Cristovão Colombo e Américo Vespúcio também relataram marcas e pinturas corporais nos nativos que encontraram em suas navegações. Onde os navegadores estiveram encontraram algo relacionado a marcas corporais.

Para esses povos os significados de pinturas corporais e tatuagens tinham um significado contrário do que foi pregado na era cristã, para eles muitas vezes significava proteção, mudanças de fase da vida como puberdade e casamento. Rodrigues (2008) comenta sobre isso.

> Os índios Sioux, da América do Norte, diziam que depois da morte uma divindade exigia ver as tatuagens para permitir a entrada no paraíso. Na Índia e no Tibet, uma das intenções de ter a pele desenhada é dar força às pessoas nos períodos difíceis da vida, como puberdade e gravidez. Isso também ajudaria a superar doenças e desgraças. (p.17)

Para Araújo (2005) as marcas corporais serviam como identidade, memória, poder e beleza, estandarte de bravura e ao mesmo tempo oferecer proteção a quem utiliza. Nascimento, casamento e guerras também eram motivos para se experienciar as marcas corporais.

> No dia do casamento, as mulheres indianas, nepalesas e de outras regiões da Ásia se enfeitam com tatuagem de hena, tinta extraída da flor de uma árvore que floresce três vezes por ano [...] Nativos havaianos tatuam a língua em sinal de luto. É uma maneira de impor um silêncio temporário, até que a ferida se cure. A marca da perda, no entanto, fica para sempre. (Araújo, 2005, p.22)

De acordo com Marques (1997) muitos outros navegadores e exploradores relataram em seus diários de bordo as experiências que tiveram com novas tribos e populações que encontravam em seus caminhos, Gonzalo Fernandez de Oviedo na América Central e Nicarágua, Sir John Hawkins na Flórida, o francês Sagard no Canadá, Fernão Magalhães nas Filipinas e muitos outros encontraram povos, com tatuagem ou marcas corporais. Marques (1997) explica que,

> O sujeito primitivo carregava todas as informações importantes para si mesmo e para sua gente, de maneira a não deixar dúvida quanto a seu papel social e seu estágio biológico. O cadastro da tatuagem e da escarificação nas sociedades que o Velho Mundo ignorava é um misto de bandeira, atestado de nascimento, carteira de identidade, certificado de alistamento militar, diploma de honra ao mérito, melancia no pescoço, vestimenta, lingerie sexy, aliança de casamento, crachá, joia, amuleto, imagem de santo, remédio, roupa de luto, biografia. (pp. 37-38).

Cabe fazer um comentário no que diz respeito ao desaparecimento das tatuagens na Era Cristã, não havia desaparecido por completo, ela havia tomado um caráter religioso, ou seja, sua presença era velada. De acordo com Osório (2006), a tatuagem era relacionada às peregrinações em locais sagrados. O que navegadores e marinheiros fizeram foi torná-la popular.

> O *renascimento da tatuagem* no Ocidente é um fenômeno que diz respeito a sua disseminação entre camadas sociais determinadas, a partir do contato entre marinheiros e nativos do Pacífico, fora de seu escopo anterior de prática religiosa cristã (Osório, 2006, p. 20). Grifo do autor.

Porém o marco da redescoberta da tatuagem e a origem do nome vai acontecer através do navegador e capitão James Cook que em 1769 em uma de suas viagens, precisamente ao Taiti ele vê como as tatuagens são produzidas. Foi a partir do som produzido ao se fazer a tatuagem que se originou o nome que é usado até hoje.

> Foi ele o primeiro ocidental a ouvir *tattoow* (tatau) – palavra utilizada pelos nativos para a arte de pintar o corpo de modo que não saísse mais da pele. 'Tatau' repetia o som do cabo de madeira batendo num ancinho[7] de dentes afiados, usado para picar a pele e introduzir-lhe a tinta. Conforme a madeira batia no ancinho vinha o som *tac tac ta tau"*. (Araújo, 2008, p. 37). Grifo do autor.

O capitão James Cook também esteve na Nova Zelândia, onde conheceu o povo Maori[8], lá descobriu a famosa tatuagem Maori as quais ele chama de *Moko,* segundo Araújo (2008) consiste em "desenhos impressionantes: espirais tão profundas na pele que mais pareciam entalhe de madeira. Os dolorosos rituais duravam anos para cobrir o rosto dos homens nobres e guerreiros[9] (p.38)".

Ao retornar para a Europa, Cook leva com ele um polinésio chamado Omai, que tem o corpo todo tatuado, juntamente com os marinheiros pertencentes às tripulações dessas navegações que passaram a se tatuar e aprender a técnica da tatuagem expandindo essa prática para a Europa. De acordo com Leitão (2000) é nesse momento que a tatuagem retorna a Europa, para pertencer à aristocracia. "A conversão dos europeus é o início do modernismo na tatuagem mundial, com a entrada dos temas brancos" (Marques, 1997, p.42).

As tatuagens no Oriente, mais precisamente no Japão de acordo com Marques (1997), ocorreram nos séculos XVII ao XIX, durante o período que ficou conhecido como Edo[10]. As tatuagens faziam referência a palavras de amor e de sexo (tatuagens amorosas), que foram proibidas, porém segundo Araújo (2005) essa proibição foi inútil, pois logo em seguida os povos do Edo começaram a acompanhar as aventuras dos heróis do *Suikoden*[11]*,* e como esses heróis tinham tatuagem em seus corpos, a tatuagem reapareceu.

> Os 108 heróis desta espécie de romance de cavalaria chinês lutavam em favor do povo e contra a corrupção burocrática do governo. Entre os bravos guerreiros, pelo menos dezesseis são tatuados, como Shishim, com nove dragões no corpo; Rochishin, todo coberto de flores, e Busho, com um tigre nas costas. (Araújo, 2005, p. 58).

---

[7] - Ferramenta agrícola constituída por uma travessa dentada de madeira ou de ferro.
[8] -Povo nativo da Nova Zelândia, o termo na língua Maori significa "natural" ou "normal".
[9] - Foto encontra-se nos anexos.
[10] - Período em que o Japão mudou sua capital para Edo (hoje Tóquio) e se fechou para o mundo Ocidental (1660-1867).
[11] - Como foi chamada no Japão novela chinesa *Shuihu Zhuan,* do século XIV.

Quando os Europeus chegaram ao Japão essas tatuagens estavam para ser banidas do país, e foram proibidas em 1870, mas de acordo Marques (1997) já haviam conquistados marinheiros ocidentais. As técnicas utilizadas pelos japoneses para criar a tatuagem consistem em um cabo de bambu afiado com agulha na ponta[12].

Contudo a tatuagem não entrou no Ocidente de uma forma tão aceitável, nessa época a tatuagem tornou-se algo exótico "um novo imaginário sobre a tatuagem a associou ao exótico e ao selvagem, minimizando o uso europeu da técnica. Este novo imaginário foi construído a partir de uma determinada percepção britânica sobre os habitantes do Pacífico Sul" (Osório, 2006, p. 20).

Com isso a tatuagem restabeleceu-se nos espetáculos circenses, pessoas tatuadas passaram a se apresentar juntos com atrações consideradas anormais como o bezerro de cinco pernas, gigantes, anões[13]. O tatuado mais famoso da época segundo Araújo (2005) era o Capitão Constantino, que tinha no corpo 388 imagens de animais fantásticos, fora tatuado em Burna na Índia, era grego e dizia ter sido tatuado a força pelos Mongóis. Podemos citar também o caso do homem zebra, Great Omi[14], que inicia uma época de tatuagens com desenhos que imitam animais.

Esse mercado não era apenas do público masculino, mulheres tatuadas também fizeram sucesso como Betty Broadbent, Trixie e La Belle Irène[15]. "La Belle Irene entrou para o circo em 1890. Embora suas tatuagens tenham sido executadas por dois famosos tatuadores da época, seguia a tradição do circo e dizia ter sido tatuada no Texas, um lugar selvagem" (Osório, 2006, p.21).

Na maioria das vezes conforme Osório (2006) relata, as mulheres tatuadas passaram a fazer parte desse mundo que até então era masculino, algumas se relacionavam com os homens tatuados dos circos ou se casavam com eles, assim puderam aprender o ofício da tatuagem. Nas mulheres as tatuagens passaram a ter um caráter erótico. Assim evidencia Osório (2006) que "as tatuadas passaram sutilmente à prostituição quando a concorrência aumentou. A exposição dos corpos teria, sugere o autor, um elemento erótico, enquanto a tatuagem se tornara um fetiche" (p.22).

[12] - Foto encontra-se nos anexos.
[13] - Foto encontra-se nos anexos.
[14] - Foto encontra-se nos anexos.
[15] - Foto encontra-se nos anexos.

Como foi dito anteriormente a tatuagem entrou no ocidente pelo cais, ou seja, marinheiros[16] e suas tripulações trouxeram seus corpos tatuados e a técnica de como produzi-la. “Em um primeiro momento, os tatuadores se encontravam fundamentalmente em dois locais: o porto e o circo” (Osório, 2006, p. 23). Exprime assim Araújo (2005) “Os marinheiros trazem nos braços os símbolos do mar – sereias, peixes, âncoras e estrelas. No coração, o nome do cais, da mulher amada, e uma frase para protegê-los da morte e dos castigos corporais que sofriam nos navios” (p.52).

Como os marinheiros viajavam por todas as partes começaram a levar a tatuagem por todos os lugares, na época pessoas que viviam à margem da sociedade se interessaram por essas práticas, como prostitutas, soldados e criminosos.

Nas prostitutas a prática pode ter começado, de acordo com Araújo (2005), pelo contato com os marinheiros, mas não há comprovação de como essa prática surgiu entre esse público.

Já os soldados tinham os mesmos sentimentos dos marinheiros, a ida para guerra, ficar longe de casa era motivo para se marcar a pele “Na partida para a guerra, tatuam as próprias iniciais, o símbolo do regimento e até mesmo de sua pátria para ser reconhecido em qualquer parte do mundo” (Araújo, 2005, p.53).

O contrário também ocorria, caso o homem se recusasse a servir como soldado recebia uma tatuagem com a letra D de desertor, isso ocorreu na Primeira Guerra com os ingleses, (Araújo, 2005). Nos criminosos[17] a tatuagem mostrava o crime cometido ou a quantidade de tempo que permaneceram na cadeia, conforme Araújo (2005),

> Cada imagem na pele pode revelar o tipo de punição e de vida que o preso levou dentro e fora da cadeia: um cadeado ou molho de chaves denunciam os maus tratos sofridos na cadeia; o revólver na perna significa assalto seguido de morte, e assim por diante. (p.32).

Fica claro que nessa época a tatuagem era vista e usada por pessoas que viviam à margem da sociedade, com isso levando consigo um caráter marginalizado, Marques (1997) pontua que,

> O vínculo com o crime não se explica pelo ato de o criminoso se tatuar, e, portanto ser tatuagem coisa de criminoso. Como sinal distintivo de grupo social, historicamente, no Ocidente, ela é, com frequência, coisa de homens apartados do mundo, confinados numa cela, num convés, na trincheira da batalha ou do picadeiro. (p.63).

[16] - Nessa época os marinheiros não tinham patentes.
[17] - Foto encontra-se nos anexos.

Complementa Osório (2006) que "A tatuagem não seria consequência desta marginalização, mas da estrutura de funcionamento destes grupos, em termos de controle, corporalidade e identidade" (p.25).

As tatuagens também foram utilizadas pela nobreza europeia, sendo assim divulgada cada vez mais por todos os segmentos da sociedade, Marques (1997) afirma que os duques de Clarence e York, eram irmãos e foram tatuados por um tatuador japonês Hori Chiyo, que era famoso na época, "os ocidentais consideravam a tatuagem uma das grandes artes japonesas, opinião da qual não compartilhavam os próprios japoneses, ou pelo menos suas autoridades" (p.53), os duques foram influenciados pelo pai que também era tatuado, Eduardo VII, filho da rainha Vitória.

Mas as tatuagens da realeza eram diferentes, pois sempre traziam significados orientais (Osório, 2006). Com isso muitos outros nobres também começaram a se tatuar como, por exemplo, o arquiduque Francisco Ferdinando da Áustria.

> Observa-se que o papel da nobreza foi elaborar a tatuagem como um sinal de bom gosto, elegância e distinção. Uma ideia de gosto que utilizava o elemento exótico em tatuagens elaboradas pelos tatuadores mais famosos da época. Mesmo assim, a tatuagem só ganhou a classe média ocidental no final do século XX. (Osório, 2006, p. 27).

Com a tatuagem em voga, foi necessário o aprimoramento do material utilizado para fazê-la. Assim em 1891 o então irlandês Samuel O' Reilly patenteou a máquina elétrica de tatuar. Segundo Marques (1997) "O' Reilly batizou sua invenção de *tattaugraph*, qualquer coisa como tatuógrafo [...] coube ao tatuador Paul Rogers dar a forma final ao aparelho, tal como é conhecido hoje" (p. 58), grifo do autor. Consequentemente, a tatuagem começou a virar negócio, surgindo assim várias lojas de tatuagem, a princípio nas cidades portuárias, pois os tatuadores eram os ex- marinheiros.

Durante a Primeira e Segunda Guerra mundial a tatuagem também foi utilizada por soldados e marinheiros que delas participaram, mais precisamente na Segunda Guerra mundial, a tatuagem foi utilizada pelos nazistas para marcarem o tipo sanguíneo dos soldados e assim facilitar a identificação. Também foi utilizada de uma forma muito cruel, pelos judeus que foram tatuados com números para identificações, e assim perdendo sua própria identidade, cruéis também segundo Ramos (2006) no sentido que os judeus não se permitiam tatuar, principalmente os judeus ortodoxos "a tatuagem é vedada pela lei mosaica[18] [...] e os

[18] - Lei criada por Moisés, composta por um código de leis formado por ordens e proibições.

nazistas certamente sabiam disso. Assim, para os judeus ortodoxos, a tatuagem era experimentada como uma dupla ofensa, já que infringia também um tabu religioso" (p.44).

> A Alemanha nazista numerou os judeus, tatuando algarismos na pele dos prisioneiros. E, nas experiências de utilização da pele humana como revestimento, em substituição ao couro, oficiais recostaram-se em sofás feitos de pele humana tatuada e iluminaram salas com abajures cuja cúpula era feita de pele de tatuado. (Marques, 1997, p. 65).

> A tatuagem no contexto dos campos nazistas foi concebida como matrícula na sociedade dos excluídos, signo de controle político dos segregados da cultura dominante. Entretanto, nos subsequentes à libertação dos campos, essa marca tatuada comunicava, e ainda comunica a vivência nos campos, transformando o corpo dos ex-deportados em um documento político, e a tatuagem, impressa nesse corpo, um símbolo de autenticidade da deportação (Ramos, 2006, p.107).

Como vimos anteriormente marcar a pele do outro, sejam eles escravos ou marginais não foi uma invenção nazista.

> Depreende-se que tatuar como marca de exclusão não foi uma invenção do sistema nazista e nem da SS[19], particularmente. Era um ato já bastante recorrente, especialmente no meio prisional e marginal. (Ramos, 2006, p. 16).

Nos anos 40 e 50 surge uma nova categoria de tatuagens as famosas *pin up*[20]. Esse tipo de desenho fez sucesso entre mulheres em forma de tatuagem, mulheres essas que muitas vezes eram casadas e escondiam a tatuagem para sociedade não ver, ficaram conhecidas como *atomic ladies (*mulheres com muitas tatuagens). (Mifflin, 1997).

Com o movimento de Contracultura[21], a tatuagem mais uma vez fará parte desse ideário. Segundo Osório (2006) "Disseminada entre a juventude de camadas médias na década de 1960, a contracultura teria alguns pontos de expressão nos festivais de música, como o de Woodstock e nas rebeliões estudantis como a de Maio de 1968, na França" (p. 29).

Assim o movimento *hippie* e o *rock n' roll* deram seguimento à tatuagem, tatuagem que se modificou, agora eram tatuagens menores como, borboletas, símbolos de paz e amor, sol, lua, a partir desse momento pessoas famosas começaram a se tatuar como a cantora Janis Joplin e o ator Peter Fonda, essas tatuagens ficaram conhecidas como *Little tattoo era,*

---

19 - Schutz Stafflel, guarda para a proteção de Adolf Hitler, expandindo-se e tornando-se uma força militar.
20 -Fotos de modelos em imagens sensuais, pelo qual era normal pendurá-las na parede, na década de 40 e 50.
21 - Movimento que questionava a cultura ocidental, surgiu nos Estados Unidos.

(Marques, 1997). No festival Woodstock, Janis Joplin, Jimmy Hendrix e outros cantores já exibiam suas tatuagens, o que influenciou os roqueiros que estavam surgindo na época.

> A pintura corporal ou as tatuagens dos *hippies* animam os movimentos do desejo, mimam a aproximação sexual, o erotismo, a aliança com o mundo, proclamam a alegria de voltar as costas aos valores puritanos da América e ser um jogador com a sua existência [...] o corpo é um manifesto. Grifo do autor. (Le Breton, 2004, p. 76).

Na mesma década há o surgimento de outros movimentos, os *punks* e *skinheads*, opostos ao movimento *hippies*, *punks* são jovens totalmente contrários ao sistema imposto são revoltados com a sociedade, com a moda e com aquilo que é dito como correto, eles vestem roupas rasgadas, cabelos com penteados extravagantes e mostram através de seus corpos a revolta que sentem, também pela tatuagem que exibem. Já os *skinheads* segundo Le Breton (2004) são revoltados, machistas, racistas, cabelos raspados e usam da violência em estádios de futebol, e aderem à tatuagem principalmente na cabeça.

> Em meados dos anos 70 os punks, com uma vontade de zombar das convenções sociais no que respeita a aparência física e de vestuário, furam muitas vezes o corpo com alfinetes, prendem na pele cruzes gamadas, símbolos religiosos [...] o corpo é queimado, furado, golpeado, arranhado, escarificado, tatuado, apertados em roupas inapropriadas. A raiva do social volta-se para uma raiva do corpo que simboliza justamente a ligação forçada com o outro [...] o uso da tatuagem e do *piercing* é corrente nos *skinheads* bem como os diversos sinais para a posteridade: caveiras, emblemas nacionalistas, divindades antigas [...] o crânio raspado é voluntariamente tatuado com desenhos agressivos. (Le Breton, 2004, p. 78).

Surgem nessa época igualmente os motociclistas que desejavam uma vida livre, assim aparecem várias gangues de motociclistas, uma das mais famosas que foi tema de filme são os *Hell's Angels*[22]. De acordo com Araújo (2005) "passaram então a formar clubes de motoqueiros e a usar insígnias bizarras, como caveiras, abutres, tanto nas jaquetas de couro como tatuadas na própria pele" (p. 66).

> Em 1967, tribos urbanas – roqueiros, motoqueiros, *hippies* e, de maneira mais radical, os *punks* e *skins* foram apropriando-se dessa prática, adotando a tatuagem como uma marca corporal através da qual tornavam visível e publicamente sua vontade de romperem com as regras sociais e de situarem-se deliberadamente à margem da própria sociedade. (Freitas, 2012, p.09)

[22] -Fundado em 1948 na Califórnia, é o maior e mais polêmico motoclube do mundo, ganhou fama por prestar serviços a bandas de *rock* famosas, como Beatles.

Dessa forma a tatuagem continuaria com seu sentido estigmatizador, inicialmente vista como uma arte exótica, usadas por marinheiros, soldados e circenses e posteriormente usada por grupos sociais que viviam as margens da sociedade, *hippies*, roqueiros, motociclistas, *punks* e *skinheads*, essa classificação só começaria a mudar a partir da década de 80, quando a tatuagem começou a se profissionalizar, nos quais atores e cantores famosos começam a aderir à moda.

Atores como Charlie Chaplin, Sean Connery, Gérard Depardieu, Melanie Griffith, Johnny Deep são alguns nomes de celebridades que fizeram tatuagem, no mundo musical, nomes como Steven Tyler, Axl Rose, Ozzy Osbourne, também adotaram a moda, (Marques, 1997).

A tatuagem concebe-se na literatura, cinema e teatro. Obras como *Rosa Tatuada* de Tenesse Willians, *Na Colônia Penal* de Kafka, em *Cem Anos de Solidão* de Gabriel Garcia Márquez abordam de alguma forma a tatuagem.

> A peça de Tenesse Williiams, *Rosa Tatuada* é um exemplo disso. Também em Flaubert as tatuagens cartaginesas aparecem no romance *Salambô*, no corpo de guerreiros e prisioneiros. Kafka em, *Na Colônia Penal* traz a máquina fantástica que tatua a sentença no corpo do acusado, de acordo com o crime que este cometeu. Este não sabe, entretanto, qual é seu crime e menos ainda seu destino. Em momento algum isso deve ser dito através de palavras. É na pele, nos desenhos que a máquina fará em suas costas, que ele saberá. Em *Cem Anos de Solidão* de Gabriel Garcia Márquez um dos personagens, um dos José Arcádios que povoam a Buendía e o romance, vai embora de Macondo com os ciganos e, quando volta, traz o corpo todo bordado de tatuagens, encantando as mulheres da cidade. Grifo do autor. (Leitão, 2000, p. 06).

Assim como nas áreas culturais, no cinema encontramos o filme *Tattoo*, no qual um tatuador sequestra uma modelo e faz tatuagens nela e no filme *O pecado mora ao lado* conta a história de um marido que se tatua na ausência de sua esposa, (Marques, 1997).

Já nos desenhos animados podemos encontrar referência das tatuagens nos desenhos do marinheiro Popeye que tem uma âncora tatuada no braço e fez muito sucesso na época que surgiu e nos *Cavaleiros do Zodíaco*, no qual o personagem Shiryu tinha nas costas tatuado um dragão.

1.3 A tatuagem em terras brasileiras

A descoberta da tatuagem no Brasil também se remete às grandes navegações, mais precisamente às expedições de Cabral e os relatos aconteceram através das cartas do escrivão Pero Vaz de Caminha ao Rei Dom Manuel em 1500, que relata o que viu no Brasil em relação aos índios que aqui habitavam, e escreveu,

> E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que muitas mulheres da nossa terra, vendo lhes tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela (Vaz de Caminha, 1500/1994).

De acordo com Marques (1997) esse relato de Pero Vaz de Caminha pode significar que essa índia estava ingressando em uma nova etapa da vida, ou condições transitórias.

No século XIX com a abertura dos portos no Brasil para a Inglaterra, fez com que os marinhos ingleses trouxessem a tatuagem, "em algum ponto do vasto século XIX, a tatuagem apareceu nas cidades portuárias; tatuagens inglesas e escandinavas, inicialmente, seguidas das americanas. A tatuagem branca[23] veio parar aqui como de resto parou em todos os portos" (Marques, 1997, p.139). A princípio a tatuagem causou espanto, curiosidade, fascínios, iniciando por meio dos marinheiros, percorrendo pelas prostitutas e assim se dissipando entre as camadas pobres.

> A tatuagem vira febre mundo afora; o brasileiro não índio e pobre adota a tatuagem. O povo a recebe intermediada pelo sexo, pelo trabalho braçal, pela marginalidade, pela marinha, pelos imigrantes. Tendo sido recepcionada e difundida na cama, a tatuagem, em seguida, se muda para as páginas policiais, o presídio e o hospital (Marques, 1997, p. 141).

Com o aumento da tatuagem e de sua prática, a palavra tatuagem entrou no dicionário brasileiro, segundo Marques (1997) o primeiro dicionário a registrar a palavra foi o *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Cândido de Figueiredo, de 1899.

Ainda não havia tatuadores profissionais nessa época, as tatuagens eram feitas muitas vezes da pouca técnica que conheciam. Rio (2008) assim relata que no fim do século XIX e início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro, havia quatro tipos de pessoas que se tatuavam: os negros, turcos, prostitutas e pobres, com isso popularizou-se e virou comércio, existiam várias formas de se fazer esse trabalho.

---

[23] - O autor fala em tatuagem branca para se referir à entrada da tatuagem não nativa no Brasil.

> Os tatuadores têm várias maneiras de tatuar: por picadas, incisão, por queimadura subepidérmica. As conhecidas entre nós são incisivas nos negros que trouxeram a tradição da África e, principalmente, as por picadas que se fazem com três agulhas amarradas e embebidas em graxa, tinta, anil ou fuligem, pólvora, acompanhando o desenho prévio. O marcador trabalha como às senhoras bordam. (Rio, 2008, p.19).

Assim como aconteceu na Europa e nos Estados Unidos, no Brasil não foi diferente, a tatuagem surgia na pele dos menos favorecidos e era vista como sinal de marginalidade.

> Hoje toda a classe baixa da cidade é tatuada — tatuam-se marinheiros, e em alguns corpos há o romance imageográfico de inversões dramáticas; tatuam-se soldados, vagabundos, criminosos, barregãs[24], mas também portugueses chegados da aldeia com a pele sem mancha, que influência do meio obriga a incrustar no braço coroas do seu país. (Rio, 2008, p. 19).

Com a popularização, a tatuagem começa a se destacar em livros, crônicas, poesia, os exemplos são nas crônicas de Machado de Assis de 1895 que ele escrevia para o jornal carioca *Gazeta de Notícias*, nas poesias de Leão de Vasconcelos que em 1925 escreveu o livro *Tatuagens Sentimentais*, Jorge Amado com os livros *Mar Morto* de 1936 e os *Velhos Marinheiros* de 1961 e Graciliano Ramos com *Insônia* de 1947, (Marques, 1997).

As cidades portuárias do Brasil recebiam muitos tatuadores estrangeiros, muitos vinham e iam embora, mas em 1959, um dinamarquês chamado Lucky se estabeleceu em terras brasileiras, mais precisamente na cidade de Santos, foi marinheiro em outrora, aprendeu a prática de fazer tatuagem e foi nessa cidade onde começou a se popularizar e criar fama, no qual recebeu o apelido de Mr.Tattoo, (Leitão, 2000).

De acordo com Leitão (2000) é na década de 70 que a tatuagem começa a se configurar da maneira como ela é vista hoje, começa a estabelecer-se entre os jovens da Zona Sul do Rio de Janeiro, jovens surfistas, com os corpos bronzeados, ligados à natureza, influenciados pelo movimento *hippie,* ficaram conhecidos como a "juventude dourada". "Lucky passa a ter outra freguesia, porque os tatuadores profissionais por muito tempo continuam nos portos, não se aventurando a ganhar as cidades. Muitos jovens do Rio iam até Santos para se tatuar com Lucky" (Leitão, 2000, p.08).

A tatuagem se estabeleceu no Brasil, engendrando-se na população brasileira. Em 1979, através da música "Menino do Rio" de Caetano Veloso e interpretada por Baby Consuelo[25], Caetano pega como símbolo Petit[26], um surfista que na época tinha apenas

[24] - Mulher que vive com um homem, mas não é casada com o mesmo. Sinônimo= amásia.
[25] -Passou a adotar o nome de Baby do Brasil a partir de 1995.

dezesseis anos e foi tatuado então pelo tatuador que estava no auge, Lucky, que tatuou um dragão em Petit.

> É através da voz de Baby Consuelo que a música de Caetano, hino de uma geração, transforma a tatuagem em algo socialmente aceitável, e até certo ponto desejável. A música do "menino do Rio", e seu "dragão tatuado no braço" viram mesmo música tema da novela Água Viva, da Rede Globo. (Leitão, 2000, p. 08).

Marques (1997) reafirma esse acontecido dizendo que,

> O público gosta de copiar roupas, penteados e trejeitos de artistas de cinema e TV. Nos anos 80, passou a copiar a tatuagem. Na novela *Guerra dos Sexos*, exibida de junho de 83 a janeiro de 84, na Rede Globo, o personagem interpretado pelo ator Mário Gomes tinha no peito uma gaivota cruzando o sol. Todas as lojas e todos os ateliês caseiros foram obrigados a produzir uma quantidade incalculável de réplicas dessa tatuagem telenovelesca – inclusive em peles femininas. Grifo do autor. (p.201).

A partir da década de 80 iniciou a profissionalização da tatuagem, estúdios começaram a surgir, gerando a preocupação com materiais esterilizados e profissionais aptos a essa ocupação.

> Multiplicaram-se as lojas, no Rio e em São Paulo. Num dia de verão, uma única loja podia receber até vintes clientes, e não só brasileiros. Sempre que o porto do Rio recebia navios de Marinha de guerra estrangeira, chovia dólar no bolso dos tatuadores. E ainda havia os turistas, nacionais e internacionais, loucos pelo mais pessoal dos suvenires[27]. (Marques, 1997, p. 198).

Dessa forma, a tatuagem inicia uma nova etapa em sua história, começa a tornar-se um modelo para artistas, criando visibilidade no meio artístico.

1.4 A tatuagem contemporânea

Atualmente o indivíduo da tatuagem, não tem uma identidade específica, ele não pertence a nenhum grupo ou comunidade, o novo sujeito da tatuagem não tem idade, classe social, gênero, ele simplesmente quer ter uma tatuagem pelo simples fato de achá-la bonita, por querer enfeitar o corpo, entre outros fatores (Fonseca, 2003).

---

[26] - José Artur Machado, conhecido como Petit, símbolo da geração de jovens bronzeados e surfistas, na Praia de Ipanema, zona Sul do Rio de Janeiro.

[27] - A palavra vem do francês 'para a memória'. São presentes, lembranças dadas por aqueles que viajam.

De acordo com Le Breton (2004) na contemporaneidade existe a banalização da tatuagem, vive-se na época do imediatismo, o que em um momento era tido com valor negativo hoje é aceito de alguma forma, e essa tendência pode acontecer com as outras modificações corporais que atualmente são vistas com olhar de estranhamento que são as: escarificações[28], *branding*[29], *tongue splitting*[30], ritual de suspensão[31], entre outras.

A tatuagem entrou no Ocidente através de grupos contrários ao que a sociedade demandava, era um símbolo de exclusão, atualmente foi apropriada pelo sistema, "hoje as tatuagens já não possuem nem um desses significados. Tendo sido apropriadas pelo sistema da moda, da publicidade e da mídia, transformaram-se em um adorno corporal comum" (Kemp, 2005, p.59).

Atualmente a tatuagem não tem mais o sentido subversivo com que os jovens a utilizavam nas décadas de 60,70 e 80, "se a tatuagem ou *piercing* podiam ainda ser associados a uma dissidência social nos anos 70 ou 80, hoje já não é esse caso" (Le Breton, 2004, p.10).

Os tatuados querem ser vistos, admirados, valorizados e a tatuagem os ajudam nesse quesito, almejam ser populares. Ao postar as fotos de suas tatuagens em redes sociais, querem curtidas e compartilhamentos, mostrando seus corpos e o pertencimento do próprio. Seus ídolos também aderiram às tatuagens, e ter essa marca no corpo significa estar na moda, ser popular "as marcas contemporâneas, pelo contrário, tem em primeiro lugar um objetivo de individualização e estético" (Le Breton, 2004, p.12).

As pessoas com marcas corporais na sociedade atual não querem ser vistas como mais uma em meio às outras, querem mostrar que são diferentes, escancarar a liberdade que tem em expressar suas vontades, desejos e gostos através da tatuagem.

> A tatuagem conhece desde então uma difusão social crescente. O sinal na pele tem valor de decoração, traduz uma vontade estética em relação a si. Proclama a independência do indivíduo face ao social, e sua vontade clara de fazer de si o que entender. De prática marginal e estigmatizante, a tatuagem passa pouco a pouco a ser valorizada e reivindicada como artística [...] diz respeito às todas as classes sociais [...] as tatuagens ou os *piercings* transformaram-se em acessórios de beleza que não se gastam um adereço definitivo que contribui para a afirmação do sentimento de identidade. (Le Breton, 2004, p.20).

---

[28] - Técnica de modificação corporal que consiste em produzir cicatrizes no corpo através de material cortante.
[29] - É a escarificação produzida através de queimaduras (geralmente de 2º grau).
[30] - Bifurcação central da língua, aparência de língua de cobra.
[31] Suspensão do corpo por meio de ganchos passados através de perfurações na pele.

Le Breton (2004) vai argumentar conjuntamente que devido a esse passado negativo da tatuagem, as pessoas mais velhas são contra essas modificações e para os jovens essa visão já não existe. Para eles essa marca serve entre outras coisas como uma forma de embelezamento e estética.

> O sinal é memória de um acontecimento, da abertura pessoal de uma passagem na existência, do qual o indivíduo não quer perder a lembrança. Sob uma forma ostensiva ou discreta, participa de uma estética da vida cotidiana, jogando com o segredo segundo o seu lugar e o grau de familiaridade com o outro (Le Breton, 2004, p. 11).

Na sociedade contemporânea, é o indivíduo quem escolhe o momento que a tatuagem deve ser feita, diferentemente das sociedades tribais, que viam nas marcas corporais um rito de passagem "podemos dizer que nos tribais o ritual precede o fato e prepara o indivíduo para vivenciá-lo. Nos contemporâneos, ele se dá depois do fato consumado e serve como registro do ocorrido, um registro que ajuda a criar a identidade" (Pires, 2003, p.81).

Atualmente nos deparamos com corpos com vários tipos de modificações corporais, sejam modificações corporais aceitas, como tatuagem, *piercing* e cirurgias estéticas, sejam modificações corporais extremas como são os casos das escarificações, *brandings*, rituais de suspensão.

De acordo com Mifflin (1997, citado por Le Breton, 2004) o público majoritário da tatuagem antigamente era masculino historicamente falando e atualmente esse público mudou. De acordo com a revista Super Interessante (2014), que realizou um censo sobre a tatuagem, o público com mais tatuagem são as mulheres.

A tatuagem popularizou-se, percebendo isso, o mercado consumidor resolveu aplicar nesse tipo investimento, um exemplo são as bonecas *Monster High*[32], que vem com tatuagens no corpo e na internet já existem jogos para que as crianças possam fazer e criar suas próprias tatuagens na boneca, ou seja, a criança vira um tatuador virtual. A tatuagem tem seu lugar aceito atualmente, mas o preconceito e dúvida por parte da sociedade ainda existe.

Enfim, o quadro 1 ilustra de uma forma compacta o contexto da tatuagem no decorrer da sua história.

[32] -É uma franquia de fashion dolls estadunidense criada e desenvolvida pela Mattel em 2010. A franquia gira em torno de personagens inspirados em monstros lendários e de filmes de terror encarnados com jovens adolescentes em uma escola para monstros.

Quadro 1 – Os contextos da tatuagem no decorrer da história

Contexto Sócio - Cultural	Tatuador	Usuários	Recursos e cenários	Identificados pelo sujeito como:
Navegação - Descobertas Europa (Século XVIII)	Povos Indígenas das Ilhas do Pacífico	Navegantes: Marinheiros e Capitães	Saber exótico Corpo dos navegantes como tela de exibição	O exótico
Marginalidade (fins do século XIX e começo do XX)	"Amadores" trabalham por trocas	Presidiários Meretrizes Soldados	Saber de bricolagem Técnica rudimentar (manual) Itinerância	O marginal A criminalidade
Revolução tecnológica Centro de difusão: Centros urbanos, e Estados Unidos (começo do século XX)	Tatuador Moderno Profissional	Urbano, cosmopolita	Saber técnico Máquina elétrica Nascimento dos estúdios modernos	O tecnológico
Rebeldia juvenil Tribos urbanas (anos 60 e 70)		Tribos Urbanas Hell's Angel Roqueiros Punks Skin heads		A transgressão A droga
Sociedade Contemporânea Neotribalismo (Década de 80 à atualidade)	Tatuador contemporâneo Profissional Artista	Diferentes tipos, multifacetadas	Saber técnico Saber artístico (desenhar) Assepsia Material descartável Catálogos, álbuns, revistas especializadas Lojas contemporâneas	A estética Individualidade Sociedade inclusiva

Fonte: Fonseca, A. L. P, 2003.

2- O corpo tem uma história

O corpo humano é um traje sagrado. É o primeiro e o último traje de uma pessoa: é nele que se entra na vida e é com ele que se parte dela; deve ser tratado com honra, e com alegria e medo também. Mas sempre com graça. (Graham, 1993, p.14).

Fonte: Site 'O Forum', http://calvicieoforum.saude.ws/viewtopic.php?f=5&t=13860

2.1 O corpo pensado, cultuado, castigado, modificado.

No decorrer da história há vários debates que tangem à temática do corpo, a maneira como é visto e as práticas relacionadas à corporeidade vão se desenrolar de acordo com as diferentes épocas, civilizações e culturas existentes.

> Pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura é, simultaneamente, um desafio e uma necessidade. Um desafio porque rompe, de certa forma, com o olhar naturalista sobre o qual muitas vezes o corpo é observado, explicado, classificado e tratado. Uma necessidade porque ao desnaturalizá-lo revela, sobretudo, que o corpo é histórico. Isto é, mais do que um dado natural cuja materialidade nos presentifica no mundo, o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. [...] o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura. (Goellner, 2010, p.28).

Com isso buscou-se fazer uma breve reflexão sobre a história do corpo para então relacioná-la com as modificações corporais, mais especificamente as tatuagens. Para compreensão dessa prática é necessário entender o processo corporal que levou a sociedade classificar a tatuagem como uma modificação.

O corpo é um lugar socialmente construído, a forma como o homem o utiliza vai ocorrer por intermédio da época e cultura. O corpo é polissêmico, "o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo" (Mauss, 2003, p. 407). Melo (2004) vai argumentar que não se pode falar de corpo sem que haja o controle do mesmo.

> O corpo submetido ao controle não é algo novo em nossa civilização. Podemos destacar situações em que o corpo foi negligenciado ou não valorizado em detrimento de outros valores dominantes, a exemplo das guerras, da ideia de que o corpo pode ser comparado a uma máquina ou considerado como fruto do pecado dos homens. Diferentes concepções de corpo podem ser vistas em diferentes contextos sociais e momentos históricos. As formas de vivenciar o corpo nas diferentes sociedades estão presentes nos simples momentos do cotidiano, como andar, por exemplo. As diversas formas de vida, de ser corporalmente, são apreendidas pela cultura. (Porpino, 1999, p.02)

É através do corpo que expressamos nossas primeiras sensações, muito antes da linguagem verbal surgir à linguagem corporal já era utilizada, desde tempos remotos, os homens da pré-história já utilizavam seu corpo para se comunicarem por meio de gestos.

> Suporte da subjetividade, o corpo é nosso primeiro universo. É ele que recebe as primeiras impressões do mundo: cheiro, sabores, luz, calor [...] muito antes do pensamento, o corpo é sensação. É pelo corpo que um eu se exterioriza e possibilita a presença do sujeito no mundo. Os tempos sociais, afetivos, culturais e psíquicos passam pelo suporte do corpo para demarcarem sua existência. É nele que o sujeito se constitui, sendo também primeira forma de visibilidade humana. (Barros, 2006, p.13).

O corpo tem uma história, devido a isso vive em constante modificação. A visão corpo-alma sempre norteou os pensamentos e escritos que existiram a respeito do corpo. Se o corpo é polissêmico, cada cultura terá o seu significado. "A concepção de corpo, seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário e na realidade, na vida cotidiana e nos momentos excepcionais sofreram modificações em todas as sociedades históricas" (Le Goff & Truong, 2006, p.10).

Na pré- história de acordo com Costa (2011) a relação do homem com o corpo era que ele sentia-se como parte desse ambiente.

> Os trabalhos rupestres mostram a representação de corpo do homem primitivo, deles imergem a sua relação mítica com o mundo circundante, cheia de medos, de sensações de impotência diante dos mistérios e da agressividade dos eventos naturais que provavelmente colocavam a vida em risco. As posturas e posições corporais, expressadas nos desenhos, dão alguma informação de como os homens primitivos concebiam o corpo. A percepção de si mesmos se sustentava na forma como explicavam um mundo ameaçador, pelo temor que sentiam diante do perigo. (pp. 247-248).

Corpo e espírito não se separavam, não havia a valorização ou desvalorização desses, pois o corpo pertencia ou fazia parte do universo. Utilizava-se o corpo como instrumento de sobrevivência no mundo "o corpo do homem primitivo estava em sintonia e intimidade com o ambiente, com a satisfação das necessidades e a solução dos problemas imediatos do cotidiano" (Costa, 2011, p.248).

Os povos egípcios acreditavam na imortalidade da alma, segundo Pires (2001) ao morrer era preciso cuidar desse corpo, pois ele serviria de moradia da alma depois da morte, sendo assim havia um culto ao corpo.

> A imortalidade da alma estava vinculada à representação, à conservação e à recomendação do corpo. Assim, neste período foram desenvolvidas técnicas artísticas de representação do corpo humano – tanto para a pintura como para a escultura – métodos científicos de conservação – embalsamação e mumificação – e fórmulas de encantamento (Pires, 2005, p. 23).

Pires (2005) argumenta que os egípcios eram adeptos da mumificação, pois assim garantiam a imortalidade da alma, nesse processo junto ao seu corpo eram colocados os objetos e pertences que fizeram parte da sua vida enquanto vivos, até mesmo os escravos eram colocados juntos ao seu corpo.

O corpo do nobre se destacava dos demais, essa argumentação se dava porque acreditavam que era assim que os deuses determinavam "tais padrões culturais indicam que o domínio do corpo foi essencial para estes povos e seus desejos de encaminhar o espírito, após a morte, para a conquista da felicidade eterna" (Costa, 2011, p.249), ou seja, nessas culturas o corpo passava a ter muita importância.

No período clássico, na Grécia Antiga a relação do corpo vai acontecer por intermédio da diferenciação entre homem e mulher, que segundo Pires (2005) se dava através do calor corporal. O calor corporal do homem era maior em detrimento ao da mulher, que era quase nulo, com isso muitos homens usavam menos roupas e na mulher havia a necessidade de vestimentas, pois não tinham esse calor, essa circunstância foi o argumento da soberania do homem nessa época "Desta forma, os cidadãos atenienses valorizavam os corpos masculinos e viam na nudez uma forma precisa de distinguir os indivíduos fortes dos menos saudáveis" (Pires, 2005, p. 27).

Costa (2011) diz que as principais cidades-estados, Esparta e Atenas tinham formas diferentes de enxergar o corpo, em Esparta a valorização se dava através da virilidade e da força, sendo que o indivíduo que nascia com alguma deficiência física era morto, e o indivíduo que adquiria alguma deficiência no decorrer da vida era excluído das atividades que necessitavam de força e do exército espartano. Era uma sociedade excludente. Já em Atenas, o culto ao corpo acontecia por meio do belo, da arte e literatura. "Ambas as cidades cultuaram a beleza do corpo, feminino e masculino, deveriam levá-los mais próximo possível da perfeição" (Costa, 2011, p. 251).

A partir da civilização romana e com o advento do Cristianismo o corpo não é mais visto com admiração. Para Pires (2005) o Cristianismo impôs ao corpo a necessidade da dor física e o sacrifício corporal como salvação do espírito.

> Com o advento do cristianismo, o corpo passou a carregar em si a marca do pecado: a mulher foi condenada aos sofrimentos do parto, e o homem a retirar da terra, com trabalhos penosos, o seu sustento. O cristianismo foi a religião, por excelência, da mortificação do corpo físico para que se pudesse salvar a alma. (Melo, 2004, p.45).

Perante as leis cristãs, os corpos são todos iguais, o que difere um indivíduo do outro é o espírito "contrariamente a civilização Grega, a Romana aspirava ao entorpecimento de todos os sentidos. A experiência sensorial deveria ser anulada em detrimento da espiritual." (Pires, 2005, p. 31).

Melo (2004) vai argumentar que esse entendimento da corporeidade como algo desprezível vai adentrar a Idade Média, nesse período o corpo é visto como algo impuro, e acaba sendo mais desvalorizado, pois tudo que pertencia ao mundo era provisório.

> O corpo não tem o menor valor, é a prisão do homem, não é nada em si mesmo, por ser passageiro e mortal. Deve o corpo, pois, ser submetido a humilhações e mutilações, pois é a origem de todo o mal. Dentro desse enfoque, ser dominado pelo corpo é próprio dos seres inferiores. (Melo, 2004, p.47).

Foi nesse período que a Santa Inquisição[33] utilizou-se do corpo para aplicar suas punições. Marcas de nascença, cicatrizes pelo corpo eram consideradas marca do diabo e consequentemente essas pessoas recebiam torturas ou acabavam na fogueira.

Para Le Goff e Truong (2006) a relação que temos com o nosso corpo, de acordo com o conceito histórico é o reflexo do período da Idade Média.

> Muitas de nossas mentalidades e muitos de nossos comportamentos foram concebidos na Idade Média. Isto é válido também para as atitudes em relação ao corpo, ainda que as duas reviravoltas principais tenham ocorridos no século XIX (com o ressurgimento do esporte) e no século XX (no domínio da sexualidade). É de fato na Idade Média que se instala esse elemento fundamental de nossa identidade coletiva que é o cristianismo, atormentado pela questão do corpo, ao mesmo tempo glorificado e reprimido, exaltado e rechaçado (Le Goff & Truong, 2006, p.29).

Para Le Goff e Truong (2006) o corpo na Idade Média é um paradoxo, por um lado o cristianismo o reprime, por outro lado é glorificado por causa de Cristo, a igreja controlou o corpo socialmente e culturalmente.

Nos séculos XVI e XVII inaugura-se a valorização do homem como ser pensante, o homem com razão. Pensamentos e corpos são separados, visto como coisas distintas "o corpo passará de instrumento da alma para ser um mecanismo, uma maquinaria autônoma. 'O penso, logo existo' cartesiano torna-se a marca do homem ocidental" (Melo, 2004, p.48).

---

[33] Espécie de tribunal religioso criado na Idade Média para condenar todos aqueles que eram contra os dogmas pregados pela Igreja Católica.

De acordo com Capra (1986), Descartes, criou a partir desse pensamento o conceito de plano cartesiano que,

> Privilegiasse a mente em relação à matéria e levou-o a conclusão de que as duas eram separadas e fundamentalmente diferentes [...] a divisão cartesiana entre matéria e mente teve um efeito profundo sobre o pensamento ocidental. Ela nos ensinou a conhecermos a nós mesmos como egos isolados existentes 'dentro' dos nossos corpos. (Capra, 1986, p.55).

A nova concepção de homem moderno, conforme Tucherman (2004) é o sujeito individual, seu corpo é próprio e associa-se com o espaço das coisas.

> Abandonando a antiga imagem da duplicidade da alma e do corpo, a saúde do corpo é pensada a partir de um novo paradigma: o de uma corrente que constrói uma nova imagem de saúde e individualidade corporal, mudando as relações entre corpo e o ambiente humano. Agora, numa sociedade cada vez menos religiosa e mais secular, a saúde passa a ser vista, e cada vez mais, como uma responsabilidade individual, em vez de uma dádiva de Deus. (Tucherman, 2004, p.80).

Segundo Capra (1986) esse pensamento cartesiano produziu uma nova visão no que concerne a saúde e corpo. Indústrias voltadas à fabricação de objetos que ajudassem na manutenção de um corpo perfeito ficaram em voga, o público alvo foram às mulheres, na medicina os médicos não podiam mais atuar em doenças psicológicas, nas ciências humanas houve um conflito entre mente e cérebro.

Para contestar esse corpo cartesiano o filósofo Merleau- Ponty (1999) relata que o corpo é construído a partir de experiências vividas, ele assume um caráter peculiar, e critica esse caráter dual ao qual o corpo é submetido, exemplifica assim Melo (2004) que o "mundo e sujeito são unos, sendo o corpo importante categoria mediadora que faz a ponte entre o Ser e o Mundo, o Ser e o outro, e entre Ser e o Outro no Mundo" (p. 51).

> Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele. Portanto, sou meu corpo, exatamente na medida em que tenho um saber adquirido e, reciprocamente, meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório de meu ser total. (Merleau-Ponty, 1999, p. 269).

Medina (1991) vai pontuar que com o decorrer do tempo essas ideias vão permear a sociedade que vem surgindo, influenciados também pela manifestação sobre o corpo após a

Segunda Guerra mundial, essas manifestações vão discutir a relação do corpo com a sexualidade, atividades ligadas ao esporte e danças. E esclarece que,

> A análise evolutiva da concepção de corpo, da Grécia Antiga aos nossos dias, revela-nos o confronto entre o Idealismo e o Materialismo, entre a Metafísica e a Dialética. Estes são os registros que a razão humana, através de sua história, encontrou para a leitura e interpretação da realidade. E mais: para a sua conservação ou transformação radical. (Medina, 1991, pp. 52-53).

Melo (2004) vai ressaltar que esse novo paradigma do materialismo histórico-dialético, propõe que o homem seja reconhecido com um corpo, mas esse corpo tem uma compreensão histórica, que surge a partir do seu convívio social e como ele orienta sua vida.

De acordo com os vários relatos de autores que estudaram a ótica do corpo no sentido de como ele é abordado na sociedade, podemos perceber como foi construída essa relação existente na nossa sociedade contemporânea, "revendo essa trajetória, pode-se perceber um pouco mais como foram construídas, em nossa cultura atual, sob vários disfarces, as dicotomias corpo-alma, matéria e forma, exterior e interior, objetivo e subjetivo" (Melo, 2004, p.50).

2.2 Corpos na contemporaneidade: a tatuagem como marca da individualidade

Vivemos na época da vigência do Capitalismo, atualmente o que se prega é o consumismo exacerbado das coisas que nos rodeiam, "autoestima, status, bom gosto, personalidade, ostentação são sentimentos relativos à nossa cultura e que se expressam através das mercadorias, que se transformam em seus símbolos" (Kemp, 2005, p.77).

Bauman (2001) trabalha muito bem essa relação sociedade *versus* consumismo, ele chama essa sociedade de modernidade líquida, porque assim como o líquido se ajusta ao vasilhame que é colocado, a nossa sociedade é ajustável ao que se prega. Os líquidos se espalham e vazam com muita facilidade, comparando assim com a atualidade.

> Chegou a vez da liquefação dos padrões de dependência e interação. Eles são agora maleáveis a um ponto que as gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar; mas como todo o fluído eles não mantêm a forma por muito tempo. Dar-lhes forma é mais fácil que mantê-los nela. Os sólidos são moldados para sempre. Manter os fluidos em uma forma requer muita atenção, vigilância constante e esforço perpétuo – e mesmo assim o sucesso do esforço é tido menos inevitável (Bauman, 2001, pp.14-15).

Assim a "política da vida" é introduzida pelo ter e não o ser. A pessoa se satisfaz quando tem mais bens de consumo que o seu vizinho. Só que esse anseio pelo ter é infindável, quanto mais se tem, mais se almeja, "nenhum dos prêmios é suficientemente satisfatório para destituir os outros prêmios que acenam e fascinam" (Bauman, 2001, p.86).

> O consumismo de hoje, porém, não diz mais respeito à satisfação das necessidades – nem mesmo as mais sublimes, distantes (alguns diriam, não muito corretamente, 'artificiais', 'inventadas', 'derivadas') necessidades de identificação ou a auto-segurança quanto à 'adequação'. Já foi dito que *o spiritus movens* da atividade consumista não é mais o conjunto mensurável de necessidades articuladas, mas o *desejo* – entidade muito mais volátil e efêmera, evasiva e caprichosa, e essencialmente não referencial que as 'necessidades' um motivo autogerado e autopropelido que não precisa de outra justificação ou 'causa' [...] o desejo tem a si mesmo como objeto constante, e por essa razão está fadado a permanecer insaciável qualquer que seja a altura atingida pela pilha dos outros objetos. Grifo do autor. (Bauman, 2001, p.88).

As consequências desse consumo exagerado manifestam-se através de doenças que são tidas como contemporâneas, estresse, agressividade, depressões, juntando-se a isso a banalização do corpo, complementa Pires (2003) diante dessa situação "nos colocam diante da necessidade de nos reapropriarmos deste e de criarmos uma identidade que nos diferencia dos demais" (p. 77).

Vivemos em uma sociedade imediatista, para alguns o passado não tem importância, o futuro nem é pensado, o momento presente é o que importa, segundo Pires (2003) vive-se uma inconstância e com isso o indivíduo através dessa flutuação quer por meio de práticas milenares de modificação corporal, construir o seu corpo atual, "esses indivíduos que veem as modificações corporais como sendo um requisito estético necessário para se inserirem no contexto urbano atual" (p. 78).

Com as tatuagens esses indivíduos querem mostrar à sociedade suas lembranças e suas emoções mais íntimas, e mesmo com a imposição da sociedade por corpos perfeitos, o novo sujeito da tatuagem quer exibir esse corpo "como essa associação se dá de forma absolutamente particular, o real significado de qualquer uma das marcas corporais só é totalmente compreendido pelo indivíduo que a possui" (Pires, 2003, p.79).

O corpo com isso é a representação do que o indivíduo passa naquele instante na sua vida através dos desenhos marcado em sua pele.

> Há nessa transferência não apenas uma mudança no modo de efetuar, de perpetuar e de relacionar-se com os principais fatos de sua história, mas também na forma de concebê-los que, com essa alteração, deixa de ser uma atividade predominantemente racional e passa, como os sonhos, a ser uma maneira encontrada pelo indivíduo de resgatar elementos do

> inconsciente. O registro corporal hoje, mais do que uma marca estética ou amuleto protetor, representa um prolongamento da mente (Pires, 2003, p.80).

Atualmente o corpo remete ao nosso individualismo, nossa identidade pessoal "o corpo contemporâneo não deixa de ser – como em qualquer época e lugar – o corpo que expressa uma condição cultural muito específica que é experimentada como modo de vida". (Kemp, 2005, p.14).

A cada indivíduo cabe à construção pessoal do seu corpo, há uma vontade de transformação, um lugar único que pertence a si mesmo. "Nas nossas sociedades o corpo tende a tornar-se uma matéria-prima a modelar segundo o ambiente do momento. É doravante, para um grande número de contemporâneos, um acessório da presença, um lugar de encenação de si próprio" (Le Breton, 2004, p.07).

> Já não se trata de se contentar com o corpo que se tem, mas de modificar os seus fundamentos para completá-lo ou torná-lo conforme a ideia que faz dele. Sem o suplemento introduzido pelo indivíduo no seu estilo de vida ou nas suas ações deliberadas de metamorfoses físicas, o corpo seria uma forma decepcionante, insuficiente para acolher suas aspirações. É preciso acrescentar-lhe a sua marca própria para tomar posse dele (Le Breton, 2004, p.08).

Há também nessa conjuntura corpo e tatuagem a percepção do olhar do outro, cada indivíduo terá uma compreensão diferente em relação às marcações corporais, para cada um a tatuagem tem um significado peculiar e distinto. Se apropriando da Antropologia no que diz respeito ao Etnocentrismo, não se pode julgar o corpo e a tatuagem de alguém pelo que se considera ser correto, ou seja, julgar o indivíduo por meio de padrões corporais que se presume serem os corretos, nesse sentido o que cabe ao outro é relativizar essa situação, ou seja, não condenar e nem julgar, simplesmente aceitar que aquela marca tem algum significado para quem a possui.

O que fica claro é que as tatuagens para sociedades antigas significavam que os corpos estavam unidos através daquela marca e havia uma representação social para aquilo. Hoje, marcar o corpo significa expressar sua individualidade, embora essa individualidade esteja associada a restrições sociais.

Sendo assim de acordo com Kemp (2005) a tatuagem para quem a possui atualmente significa que,

> Não existe, por parte dos envolvidos [...] qualquer preocupação em 'manter tradições', ou de como essas práticas se relacionam em sua origem a outros fatos e

> representações como mito e ritual. A tradição é apropriada e evocada agora como forma de expressar ruptura, discordância dos padrões de embelezamento [...] e do consumo da individualidade. A tradição do outro, que em seu contexto original representa os laços do indivíduo com o grupo e suas tradições, serve inesperadamente como recurso de rompimento com sua própria história. Reapropriados dentro de um novo contexto cultural, a tradição adquire um novo sentido e abre possibilidade de novos usos e representações. (p.63).

Nas sociedades atuais não é uma prática socialmente imposta, e sim um adorno a mais ao corpo, o embelezamento dele.

Assim enfatiza Berger (2006), "o corpo é um reflexo da sociedade que articula significados sociais e não apenas um complexo de mecanismos fisiológicos; assim sendo, é impossível pensar o corpo sem considerar a pluralidade de sentidos que ele engloba" (p. 38).

O corpo se transforma, torna-se uma vitrine de exposições, atrelado a condutas e regras estéticas, (Berger, 2006). As marcas no corpo podem significar códigos de pertencimento para grupos específicos, como roqueiros, *punks*, nazistas, mas também pode significar que ter essa marca no corpo, demonstra seus gostos, desejos, sonhos e realizações, tatuar o símbolo de um clube de futebol ou um nome de uma banda musical famosa significa não expressar verbalmente suas opções, pois está explicitamente inscrito nele.

As marcas corporais para muitos significam uma identidade, para outros um ornamento, mas em ambos os casos o corpo sempre estará atrelado nessa situação, é no corpo que estará exposta essa nova condição. A partir do momento que o corpo contém uma marca, ele passa a ser diferente dos demais.

> As tendências exibicionistas e performáticas alimentam os novos mecanismos de construção e consumo identitário, numa espetacularização do eu que visa à obtenção de um efeito: o reconhecimento nos olhos do outro e, sobretudo, o cobiçado, fato de ser visto. Nesse contexto, a subjetividade é estruturada em função do corpo, que se torna um espaço de criação epidérmica e um campo propício para a expressão do eu, mais do um mero suporte para acolher aquele enigmático espaço interior que devia ser auscultado permanentemente por meio de complexas técnicas introspectivas e hermenêuticas (Sibilia, 2003, p. 03).

Segundo a autora novas identidades surgem nesse desfecho, os tatuados e os não tatuados.

Atualmente as marcas corporais, não significam um corpo marcado pelo exótico, pelo diferente, hoje ter uma tatuagem no corpo significa estar na moda, o corpo como pedestal da arte. Há várias convenções de tatuagem em todo o mundo, no qual o tatuado expõe o seu corpo a observação de terceiros para ser vislumbrado, observado, analisado, da mesma forma quando se vai a uma exposição de arte em um museu. Como explicita Barros (2006).

> Associar a tatuagem como expressão artística encontra-se na tendência atual das chamadas ‘convenções de tatuagem’ realizadas anualmente em cidades brasileiras e europeias, que têm a finalidade de ampliar o espaço da tatuagem e validá-la como produção artística. [...]. Um corpo tatuado também é um corpo de incentivo e de resultado do consumo. (p.36).

Assim, o corpo contemporâneo marcado pela tatuagem, carrega consigo as indicações da individualidade, mesmo vivendo tempos pelo qual o efêmero é atuante, a tatuagem vem em contra partida e fica em definitivo na pele.

3- O relativizar da tatuagem e do corpo: a metodologia empregada

Restava o terceiro desafio, o mais formidável, aquele que eu estava a anos-luz de imaginar ter de enfrentar um dia, ao abrir a porta do Woodlawn Boys Club e para o qual esta obra dá uma primeira resposta parcial e provisória (assim como todas as investigações científicas, mesmo quando elas se disfarçam como relatos): como dar conta, antropologicamente, de uma prática tão intensamente corporal, de uma cultura totalmente cinética, de um universo no qual o mais essencial transmite-se, adquiri-se e desdobra-se aquém da linguagem e da consciência – enfim, de uma instituição feita de homem (ns) e que se situa no limite prático e teórico da prática? (Wacquant, 2002, p.15).

Fonte: Grafite Tattoo, http://griffetattoo.blogspot.com.br/2014/08/mulher-tatuada-e-sexy.html

3.1 Caracterização do estudo

Segundo Minayo (1994) metodologia é a união do que o pesquisador tem conhecimento, os conteúdos pesquisados e adquiridos e a teoria utilizada, para se obter um traçado de como se chegou aquele pensamento, ou seja, quais métodos foram utilizados. "Entendido tanto em seu processo operacional (organização da sequência de atividades para chegar ao fim almejado), quanto intelectual (abordagem e análise prévia e sistemática do problema para a identificação das vias de acesso que permitem solucioná-lo)". (Gonçalves, 2005, p.23).

Mas ao se falar em método busca-se entender quais caminhos o pesquisador resolveu seguir para fazer sua pesquisa.

Portanto, essa pesquisa caracteriza-se em qualitativa "a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental" (Godoy, 1995, p. 62), ou seja, nesse tipo de pesquisa valoriza-se o contato entre pesquisador e pesquisado.

Para Godoy (1995) esse tipo de pesquisa deixa o entrevistador livre para refletir sobre o que é perguntado "Do ponto de vista metodológico, a melhor maneira para se captar a realidade é aquela que possibilita ao pesquisador 'colocar-se no papel do outro' vendo o mundo pela visão do pesquisado" (p.61).

De acordo com Guarnica (1997) na pesquisa qualitativa o termo pesquisa ganha um novo significado, sendo assim,

> Concebido como uma trajetória circular em torno do que deseja compreender, não se preocupando única e/ou aprioristicamente com princípios, leis e generalizações, mas voltando o olhar à qualidade, aos elementos que sejam significativos para o observador-investigador. Essa "compreensão", por sua vez, não está ligada estritamente ao racional, mas é tida como uma capacidade própria do homem, imerso num contexto que constrói e do qual é parte ativa. O homem entende porque interroga as coisas com as quais convive. (p.111).

E ressalta que nesse tipo de pesquisa não há conclusões e sim considerações que devem ser feitas, pois nunca há uma definição para o problema abordado.

A pesquisa qualitativa em educação de acordo com Triviños (1987) teve seu início a partir da década 70 nos países da América Latina, com isso surgiram novas perspectivas em pesquisas principalmente na área da educação.

> O avanço das ideias facilitou o confronto de perspectivas diferentes de entender o real. Frente à atitude tradicional positivista de aplicar ao estudo das ciências humanas os mesmos princípios e métodos das ciências naturais, começaram a elaborar-se programas de tendências qualitativas, para avaliar, por exemplo, o processo educativo, e a propor, "alternativas metodológicas' para a pesquisa em educação". (Triviños, 1987, p. 116).

Richardson (2008) vai ainda dizer que a pesquisa qualitativa ajudará a entender o fenômeno social existente no estudo e ainda descrever a complexidade existente na situação que está sendo abordado.

> Em princípio, podemos afirmar que, em geral, as investigações que se voltam para uma análise qualitativa têm como objeto situações complexas ou estritamente particulares. Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de cartas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades dos comportamentos dos indivíduos (p.80).

Para tanto, faz-se necessário um olhar detalhado nas práticas de modificações corporais, em particular nas tatuagens, nas pessoas que a obtém e a cultura na qual ela está inserida.

3.2 Participantes

Participaram dessa pesquisa quinze mulheres, a opção por mulheres foi pensado de acordo com a história da tatuagem e da própria mulher.

As quinze mulheres escolhidas pertencem a algumas frações de classes populares, elas foram selecionadas de acordo com o baixo poder cultural que tinham, seja pela falta de estudos, seja pelo baixo poder aquisitivo, pois segundo Bourdieu (1998 citado por Reina, 2009, pp. 53-54), os "agentes sociais originários de uma mesma fração de classe, tendo as mesmas condições materiais de existência e sujeitos as mesmas ações práticas, tendem a ter a homogeneização de seu *habitus*, portanto, a regularidade das disposições aqui encontradas".

Cabe ressaltar que as quinze participantes são jovens adultas, a idade varia entre dezoitos a trinta e cinco anos, a idade mínima de dezoito anos é a idade pelo qual se tem a permissão de fazer tatuagem sem autorização dos pais ou responsáveis e até trinta e cinco por ser uma idade na qual se encontra um grande número de pessoas tatuadas.

Essas quinze mulheres foram escolhidas aleatoriamente, pois nenhuma o pesquisador conhecia pessoalmente.

3.3 Local

Este estudo foi realizado na cidade de Araraquara, estado de São Paulo, mais precisamente na área periférica da cidade, por conter elementos necessários para a pesquisa que foi realizada.

3.4 Instrumentos

O instrumento utilizado nessa pesquisa foi a entrevista semiestruturada, por ser muito utilizada em pesquisas qualitativas, haja vista que é uma das principais formas para a coleta de informação para a pesquisa.

De acordo com Manzini (2012) a entrevista semiestruturada tem o intuito de estudar um grupo específico de pessoas, como por exemplo, médicos, enfermeiras, professores, tendo elasticidade nas perguntas, e podendo haver perguntas complementares de acordo com o decorrer da entrevista.

Para Triviños (1987) entende-se por entrevista semiestruturada,

> Aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruta de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha do seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar da elaboração do conteúdo da pesquisa (p.146).

Para o autor, através da entrevista semiestruturada, o pesquisador não fica preso somente nas perguntas que estão colocadas, ele pode questionar o entrevistado de acordo com as respostas que vão sendo apresentadas, ou seja, a pesquisa fica mais completa nesse sentido.

Para Manzini (1991) há necessidade de existir perguntas essenciais para começar a entrevista, ou seja, um questionário já elaborado com perguntas principais, pois outros questionamentos surgem no decorrer da entrevista.

> Na entrevista semiestruturada, a resposta não está condicionada a uma padronização de alternativas formuladas pelo pesquisador como ocorre na entrevista com dinâmica rígida. Geralmente, a entrevista semiestruturada está focalizada em um objetivo sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista (p.154).

Essas perguntas norteadoras foram selecionadas de acordo com que a pesquisa necessitava, ou seja, foram elaboradas com a ajuda dos textos utilizados nessa pesquisa, pelo qual há vários estudos relacionados à tatuagem que foram de total utilidade para a elaboração dessas perguntas, com isso foi produzido um roteiro de perguntas, "o roteiro tem várias funções, sendo uma das principais, auxiliar o entrevistador a buscar informações sobre o objetivo da pesquisa, na sua forma de condução" (Toloi & Manzini, 2013, p. 3299).

As perguntas foram elaboradas em uma linguagem simples, para que houvesse clareza e entendimento por parte das pessoas que foram selecionadas para essa entrevista.

3.5 Procedimentos

Em um primeiro momento, houve uma entrevista piloto para que essa servisse de molde para as demais, sendo reajustada em sua formulação caso fosse necessário. O sujeito da pesquisa para a entrevista piloto foi chamada porque possuía tatuagens e morava nos arredores do bairro pesquisado.

Ela indicou que no bairro no qual morava havia outras mulheres tatuadas que poderiam ajudar nas entrevistas. A entrevista foi feita na casa das entrevistadas em momentos que se encontravam sozinha para facilitar o procedimento.

Foi explicado detalhadamente as pesquisadas qual era o intuito das entrevistas e todas aceitaram sem qualquer ressalva, até acharam interessante pesquisar algo dessa natureza, ou seja, para as pessoas leigas entenderem essa questão das marcas corporais.

As entrevistas foram gravadas na íntegra por gravador com a permissão de todas as entrevistadas. A transcrição da entrevista foi feita com muito cuidado, sendo revisada para que o conteúdo estivesse na íntegra. Segundo Duarte (2004) esse procedimento garante o caráter fidedigno da entrevista.

> Há alguns procedimentos importantes a serem adotados na preparação de entrevistas para análise. O primeiro deles diz respeito à transcrição: entrevistas devem ser transcritas, logo depois de encerradas, de preferência por quem as realiza. Depois de transcrita, a entrevista deve passar pela chamada conferência de fidedignidade: ouvir a gravação tendo o texto transcrito em mãos, acompanhando e conferindo cada frase, mudanças de entonação, interjeições, interrupções. (p. 220).

No texto transcrito foi mantida a fala original, com os eventuais erros de pronúncia e as risadas para que a entrevista se mantivesse fiel a original.

3.6 Análise dos dados

As entrevistas foram analisadas e interpretadas e para essa investigação foi utilizado a análise de conteúdo sugerida por Bardin (1977). Esta análise corresponde a,

> Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p.42).

Triviños (1987) também corrobora com Bardin (1977) ao falar de análise de conteúdo. Explica que a intenção ao utilizar o método de análise de conteúdo

> É o de ser um meio para estudar as 'comunicações' entre os homens, colocando ênfase no conteúdo 'das mensagens' [...] usar o método de análise de conteúdo nas mensagens escritas, porque são mais estáveis e constituem um material objetivo ao qual podemos voltar todas as vezes que desejarmos (Triviños, 1987, p.160).

O conteúdo analisado foi agrupado em categorias, conforme descrito, pois as categorizações das respostas ajudam na investigação do problema de pesquisa utilizado. Essa análise de conteúdo será utilizada para o aprimoramento da pesquisa, a análise são por temas, que são divididos em três fases segundo (Bardin, 1977).

A pré-análise pelo qual será estruturada a maneira como o trabalho deverá ser feito e produzido, assim como o método a ser utilizado por meio das entrevistas. A exploração do material será a fase pelo qual a entrevista será dividida em categorias por meio de leituras do material coletado e, por fim, a terceira fase será onde haverá o tratamento dos resultados, as respostas já estarão em categorias para serem pertinentes na pesquisa, sendo relacionadas com o referencial teórico.

4-Resultados e discussões

A tatuagem! Será então verdade a frase de Gautier: 'o mais bruto homem sente que o ornamento traça uma linha indelével de separação entre ele e o animal e quando não pode enfeitar as próprias roupas recama a pele?' A palavra tatuagem é relativamente recente. Toda gente sabe que foi o navegador Loocks (sic) que a introduziu no ocidente, esse escrevia tatou, termo da Polinésia de tatou ou to tahou, desenho [...]. Mas como ela é antiga! O primeiro homem, de certo, ao perder o pelo, descobriu a tatuagem. (Rio, 2008, pp.43-44).

Fonte: Site Tinta na pele, http://www.tintanapele.com/2012/10/mod-girls-58-lindas-mulheres-tatuadas.html

Nesse item serão discutidas e analisadas as entrevistas que foram feitas, os resultados e discussões foram auxiliados a partir do referencial teórico de vários pesquisadores que abordaram as questões do corpo e da tatuagem.

Na primeira parte deste item foi delineado o perfil das entrevistadas e logo em seguida as análises das entrevistas foram divididas em categorias e subcategorias, pois assim ficou mais fácil a compreensão e o detalhamento da pesquisa.

4.1 Dados pessoais

Por meio da coleta dos dados pessoais, pode-se esboçar uma descrição das entrevistadas para essa pesquisa. A partir dos dados coletados foi possível verificar a idade, religião, profissão, escolaridade, estado civil e se tinham filhos.

Com isso foi permitido traçar um parâmetro dos sujeitos que fizeram parte dessa pesquisa, analisando se essas mulheres são pertencentes a algumas frações de classes populares.

No quadro 2 está à descrição das quinze mulheres que constituíram a entrevista. Foram utilizados nomes fictícios para preservar a identidade das entrevistadas.

Quadro 2 – Descrição das entrevistadas

Participantes	Idade	Estado Civil	Profissão	Escolaridade	Religião
Amanda	34	Solteira	Telefonista/moto táxi	Ens.Médio	Evang.
Milena	24	Solteira	Atendente/loja	Ens.Médio	Evang.
Natália	29	Solteira	Auxiliar/escritório	Ens.Médio	Católica
Talita	25	Solteira	Auxiliar/comércio	Ens.Médio	Católica
Denise	21	Solteira	Ajudante/despachant	Ens.Médio	Umbanda
Vivian	24	Solteira	Prostituta	Ens.Fundamental	Católica
Jussara	31	Casada	Doméstica	Ens.Fundamental	Evang.
Helena	25	Solteira	Recepcionista	Ens.Médio	Católica
Maria	30	Solteira	Vendedora/loja	Ens.Médio	Católica
Eduarda	32	Solteira	Vendedora	Ens.Médio	Umbanda
Isabela	22	Solteira	Desempregada	Ens.Médio	Católica
Carla	26	Solteira	Manicure	Ens.Médio	Evang.
Jéssica	27	Solteira	Auxiliar/escritório	Ens.Médio	Católica

Juliana	28	Solteira	Cabeleireira[34]	Ens.Médio	Católica
Aparecida	27	Solteira	Auxiliar/escritório	Ens.Médio	Católica

Fonte: Elaboração própria

De acordo com os dados coletados das 15 mulheres entrevistadas, 13 estudaram até o ensino médio e 2 até o ensino fundamental, o que reforça a fração de classe as quais são pertencentes de acordo com os dados que foram descritos na entrevista.

São de classes populares de baixo capital cultural legitimado pela escola (fruto da progressão continuada), sendo assim levanta a hipótese que os pais também são oriundos dessa camada, como tendência histórica.

Sendo assim, depreende-se das leituras de Bourdieu (1998) que é através da família pelo qual é transmitido o capital cultural e na maioria das vezes as pessoas pertencentes a algumas frações de classes populares não prosseguem seus estudos no ensino superior, ou seja, não adquirem o capital institucionalizado que Bourdieu (1998) descreve. Também pode ser avaliado por meio da profissão que as entrevistadas relataram na pesquisa.

De acordo com o quadro acima, todas possuem empregos com baixa remuneração e que não exige um curso superior, sendo assim atestam a falta de um capital institucionalizado, "A influência do capital cultural se deixa apreender sob a forma da relação, muitas vezes constatadas, entre o nível cultural global da família e o êxito escolar da criança" (Bourdieu, 1998, p. 42).

Como foi descrito anteriormente essas entrevistas foram feitas na área periférica da cidade de Araraquara e todas as entrevistadas moram nessa região, demonstrando o baixo capital financeiro que possuem, pois por se tratar da periferia, os alugueis e aquisições de imóveis são mais acessíveis do que área central da cidade.

Para compreender a questão do capital cultural, analisaremos melhor o que significa isso.

Através dos estudos de Pierre Bourdieu (1998), entende-se que para ele as pessoas ou agentes sociais, possuem algum tipo de bagagem, essa bagagem está inserida dentro de algum tipo de capital, seja ele, Cultural, Social ou Econômico. Assim exemplifica Reina (2005) "O capital cultural tem, na posse de títulos escolares, uma das suas manifestações institucionais;

[34] - Cabeleireira citada aqui, por trabalhar na periferia, pois dependendo do local (salão de classe alta), algumas cabeleireiras se acendem e fazem seus filhos se acenderem socialmente também.

já o capital econômico tem sua fundamentação na apropriação de bens materiais e o capital social está baseado nas relações humanas" (p. 79).

Atentaremo-nos a entender o Capital Cultural, as classes populares e o *habitus,* através disso compreender como são atribuídos os comportamentos, atitudes das pessoas dessa fração de classes em relação as tatuagens.

Antes dessa análise é necessário assimilar o que Bourdieu (1998) entende por Capital Cultural e classes populares. Segundo ele, Capital Cultural seria um legado no qual o sujeito está inserido, os conhecimentos, gostos e informações que ele possui de acordo com o meio familiar, incorporando esse capital na sua vivência.

> Cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e a instituição escolar. (Bourdieu, 1998, pp. 41-42).

Complementa dizendo que o Capital Cultural existe de três formas: capital cultural incorporado, capital cultural objetivado e capital cultural institucionalizado. O incorporado é o que advém desde o nascimento com a família, o objetivado se dá através de bens culturais e materiais para ajudar na formação da pessoa, (não basta apenas tê-los é preciso saber como usá-los e para isso é necessário o capital cultural incorporado) e por fim o institucionalizado que são os diplomas e carreira que a pessoa conquista. Exemplifica assim sobre esses três capitais,

> A maior parte das propriedades do capital cultural pode inferir-se do fato de que, em seu estado fundamental, está ligado ao corpo e pressupõe sua incorporação. A acumulação de capital cultural exige uma incorporação que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, custa tempo que deve ser investido pessoalmente pelo investidor [...] O capital cultural no estado objetivado detém um certo número de propriedade que se definem apenas em sua relação com o capital cultural em sua forma incorporada. O capital cultural objetivado em suportes materiais, tais como escritos, pinturas, monumentos [...] A objetivação do capital cultural sob a forma do diploma é um dos modos de neutralizar certas propriedades devidas ao fato de que, estando incorporado, ele tem os mesmos limites biológicos de seu suporte (Bourdieu, 1998, pp.74-77-78).

4.2 As categorias da pesquisa

Como já foi escrito anteriormente, a análise do conteúdo será dividida em categorias e dentro dessas categorias se houver necessidade haverá subcategorias para melhor esclarecimento dos discursos trabalhados.

Através da investigação da pesquisa, interpretou-se o conteúdo da entrevista e com isso obteve-se a divisão do conteúdo analisado em categorias que são: Trajetórias de vida: o porquê da tatuagem; Corpos/Visual/Autonomia/; Sociedade/Relacionamentos/Preconceitos.

4.2.1 Trajetórias de vida: o porquê da tatuagem

Nessa categoria investigou-se a razão pela qual as mulheres pesquisadas optaram por fazer uma tatuagem, se nessa opção havia alguma razão concreta para tal escolha ou se elas foram guiadas pelo modismo que a tatuagem criou na contemporaneidade. Examinou-se também se nessa situação a entrevistada passava por algo que a fez adotar a prática da tatuagem.

Sendo assim, essa categoria foi dividida em subcategorias para melhor esclarecer a discussão.

Quadro 3 - Subcategorias formadas através da categoria "trajetórias de vida".

Trajetórias de Vida: O porquê da tatuagem
Razão de ter feito uma tatuagem
Idade inicial da tatuagem
Como estava a vida ao fazer a tatuagem

Fonte: Elaboração própria

Na subcategoria "razão de ter feito uma tatuagem" percebeu-se que a maioria optou pela prática da tatuagem sem nenhum motivo aparente, apenas pelo fato de se ter uma tatuagem, ou seja, a tatuagem na época atual é muita subjetiva (com algumas ponderações) muitas vezes não havendo objetividade. Sendo assim, nem sempre há um motivo social para fazê-la, como era, por exemplo, na década de 80 nos quais roqueiros por serem subversivos e lutar contra o que a sociedade exigia, faziam tatuagens para irem contra essa exigência.

Essa opção fica explicitada através das explicações apresentadas pela entrevistada.

Amanda: "Desde sempre eu quis, ai quando eu fiz 18 anos eu comecei a fazê [sic] tatuagem, fiz a primeira com 18 anos, no dia do meu aniversário".

Milena: "Eu fiz com 18 anos, porque eu acho bonito, eu gosto de tatuagem, quero fazê [sic] mais".

Talita: "Na realidade sempre pensei em fazer tatuagem, eu tinha medo de fazê [sic] e me arrepender depois, ai eu tava [sic] no meu trabalho, me deu a louca, fui lá e fui fazê [sic]".

Houve também outras razões para serem feitas essas tatuagens. Explorando um pouco mais esse questionamento, tentando entender o porquê de se fazer essa marca, muitas das entrevistadas disseram que sofreram a influências de amigos, irmãos, parentes e um grande fator atual é a mídia que de certa forma induz a esse tipo de prática.

Le Breton (2004) explica que na contemporaneidade a vontade de se ter uma tatuagem ou marca corporal sofre a influência de terceiros.

> O desejo de se separar não é menor que o de pertencer, não a um grupo estruturado, mas a uma sensibilidade esparsa e comum, é uma questão de caminhar com os outros, desconhecidos ou próximos, numa conivência em que se investe muito, mas continuando a seguir sua própria via. O gosto pelas modificações corporais vem a maior parte das vezes do fato de tê-las visto em outros e de ter sido atraído pela sua experiência [...] O conhecimento de um (a) amigo (a) ou de um membro da sua família já marcado incita a dar o passo. (Le Breton, 2004, p. 98).

E nos depoimentos fica evidente essa afirmativa.

Natália: "Eu tinha 15 anos, ah porque todo mundo tinha, minhas primas e amigas".

Helena: "Eu fiz porque todos meus amigos tinha [sic], até meu irmão chato fez, meus amigos me disse [sic] que seu não fizesse ficaria fora da moda, eu fiz com 19 anos, hoje tenho 25 e quero fazer mais".

Juliana: "Eu sempre gostei de tatuagem, mas tinha medo de me arrepende [sic], esperei ser de maior [sic] ai eu fiz duas, só a terceira foi uma comemoração de namoro com meu namorado.

Maria: "Tenho 30 anos, fiz minha primeira tattoo com 20, eu fazia supletivo e meus amigos de lá tinham tatuagem, na época não era tão famosa como é hoje, mas eles disseram que ter tatuagem chamava a atenção e como gosto de chamar a atenção eu fiz, hoje quero continua [sic] fazendo".

Vivian: "Eu sempre achei linda tatuagem, mas achava que doía, ai engravidei e minhas amigas disseram que ter tatuagem ajudava a te [sic] mais cliente".

Eduarda: "Ahh moça, sou pobre e pobre adora uma macumbinha e como gosto de tatuagem quis fazê [sic] Oxum[35], você conhece? Sou filha de Oxum, e fazendo ela eu fico protegida".

A subcategoria "idade inicial da tatuagem" pode-se observar quais as idades escolhidas para começar a prática da tatuagem.

Vejamos na tabela abaixo.

Tabela 1 – Idade da primeira tatuagem

Idade da primeira tatuagem	
Participantes	Idade
Amanda	18
Milena	18
Natália	15
Talita	23
Denise	20
Vivian	20
Jussara	20
Helena	19
Maria	20
Eduarda	26
Isabela	21
Carla	24
Jéssica	23
Juliana	23
Aparecida	18

Fonte: Elaboração própria

[35] -Orixá pertencente a religião Umbandista, que reina sobre as águas doces e rios.

Das 15 entrevistadas como se observa na tabela acima, apenas uma fez antes de atingir a maioridade, o que leva a acreditar que a espera pela maioridade foi levado em conta.

Vejamos através dos depoimentos.

Aparecida: "Ninguém da minha família tem tatuagem, esperei fazê [sic] 18 anos, porque eu poderia falar que eu era de maior, [sic] mas mesmo assim fiz escondido, sabe como é adolescente, apanhei quando eles viram".

Natália: "Quando eu fiz a primeira tatuagem eu tava [sic] com 15 anos, porque não obedecia mesmo meus pais, ai meu pai falou que mulher com tatuagem não presta, fiquei tão assim que até queria tirar a laser, porque foi uma coisa de impulso e da minha prima ficar na minha cabeça, fiquei com meu medo e escondi até fazê [sic] 18 anos".

Helena: "Fiz com 19 porque ai eu já podia me responsabiliza [sic] pela minha vida, ninguém ia ter o direito de fala [sic] nada".

A escolha pela maioridade muitas vezes foi devido a opinião que a família exercia no momento de optar pela tatuagem. De acordo com Le Breton (2004) algumas pessoas refletem muito ao tomar a decisão para se fazer uma tatuagem, devido a fatores como, ser uma marca permanente que mesmo atualmente existam maneiras de se retirar, ainda tem um custo muito alto. Muitos também esperam a maioridade para não ter que se justificar para os pais caso venha o arrependimento.

> Uns esperam imenso tempo as circunstâncias propícias após terem tomado uma decisão porque ainda hesitam, temem arrepender-se depois de uma tatuagem impossível de apagar [...] Alguns esperam durante anos, o momento por exemplo de serem maiores, para não terem que prestar contas aos seus pais (Le Breton, 2004, p.94).

Na subcategoria "Como estava a vida ao fazer a tatuagem", algumas das entrevistadas disseram estar normal, só queriam mesmo ter uma tatuagem. O que mais uma vez ressalta a subjetividade da escolha.

Como citam as respectivas entrevistadas.

Milena: "Estava normal, eu só quis faze [sic], não estava frustrada nem nada, fiz porque achava bonito, por gosta [sic]".
Natália: "Ah estava normal, as minhas tatuagens nenhuma tem significado, é gosto, é de olhar, acha [sic] o desenho bonito e fazê [sic], os desenhos foi [sic] escolhido porque achei bonito, sou muito impulsiva, faço o que vem na minha cabeça".

Jussara: "Não tinha nada de diferente, nenhum acontecimento, só quis faze [sic] porque to mundo tinha e queria tá [sic] na moda".

Sendo assim muitas das tatuagens feitas nos últimos 10 anos tendem a não ter sofrido influências de grupos, a tatuagem hoje é muito peculiar, sendo relacionada com frequência à beleza e estética, uma identidade visual e corporal. Leitão (2004) explica que "quando me refiro a uma mudança de significado da tatuagem contemporânea, estou falando da perda de alguns de seus sinais mais transgressivos e de sua incorporação às possibilidades estéticas socialmente aceitas" (p.04). Mas algumas disseram ter sofrido algum tipo de desilusão ou estar vivendo um momento de alegria.

Talita: "Tava [sic] muito feliz com meu namorado, ai resolvi fazê [sic] o nome dele, porque sou muito sincera, fiel e verdadeira, eu quis mostra [sic] para ele que, era uma marca que eu registrei para ele ver que é meu dono, para homenagear ele mesmo, tem gente que me critica, diz que sou doida, e se nós largamos, vivi o momento".

Helena: "Normal, só a minha terceira tatuagem, eu tinha acabado de ser largada pelo meu namorado, e aquele idiota não gostava de tatuagem, hoje é muito bom passar na frente dele e mostra [sic] minhas tattoo, ele falava que era coisa de mulher vagabunda".

Vivian: "foi quando eu resolvi me prostituir para sustenta [sic] meu filho, porque minhas amigas que também fazem isso falaram que tatuagem chama atenção dos homens, ai eu fiz".

Jussara: "A primeira fiz porque tava [sic] na moda, a segunda minha vida tava [sic] boa, meu filho tinha acabado de nascer, ai resolvi fazer a tatuagem para quando ele cresce [sic] ver que ele é o mais importante da minha vida".

Segundo Le Breton (2004) na contemporaneidade a subjetividade da tatuagem faz com que as pessoas ao observarem alguém tatuado fiquem questionando-se qual o verdadeiro significado daquele desenho, porque muitas vezes o desenho pode ter vários significados, como é explicado nessa argumentação.

> O sinal tegumentar é uma maneira de escrever metaforicamente na carne os momentos - chave da existência: uma relação amorosa, um casamento, um aniversário, uma conivência amigável ou política, uma mudança de estatuto, um momento feliz aparece muitas vezes, sob uma forma ostensiva ou discreta na medida em que o significado continua muitas vezes enigmático aos olhos dos outros e o sitio mais ou menos acessível ao seu olhar na vida corrente. (Le Breton, 2004, p.132)

Além disso,

> Ainda que frequentemente evoquem e citem formas tradicionais, os usos atuais das tatuagens não traduzem conteúdos ancestrais. A tatuagem deixou de ser um *signo estatutário* claro e preciso, socialmente determinado e sobrecodificado, para passar a constituir um *signo identitário* voluntariamente apropriado, simbolicamente flutuante e ambíguo. (Ferreira, 2011, p.137). Grifo do autor.

4.2.2 Corpos/Visual/Autonomia

Nessa categoria pretende-se abordar quais foram os propósitos que levaram as entrevistadas a escolher certa região do corpo para fazer a tatuagem em detrimento a outra região. Questionou-se a questão da dor, se houve ou não, e se isso as incomodou de alguma forma. E, por último, compreender se as tatuagens obtidas tiveram relação com as questões voltadas ao visual, à beleza e à estética, tão exigidas no mundo contemporâneo.

Essa categoria foi dividida em algumas subcategorias para a melhor compreensão das análises abordadas.

Quadro 4 – Subcategorias formadas através da categoria "Corpos/Visual/Autonomia"

Corpos/Visual/Autonomia
Região do corpo/Desenho
Dor
Visual e estética

Fonte: Elaboração própria

Na abordagem da subcategoria “região do corpo/desenho”, para algumas das entrevistadas o lugar do corpo que foi escolhido para o desenho foi estratégico, ou seja, lugares que através de uma roupa o desenho fique omitido ou lugares pelos quais a visualização não ocorra a todo o momento, pois as mesmas temem enjoar da tatuagem. Outras escolheram lugares que representassem sensualidade e beleza.

Segue abaixo um quadro com a relação dos lugares e desenhos escolhidos por nossas entrevistadas para melhor entendimento da análise.

Quadro 5 – Relação de lugares e desenhos escolhidos para a tatuagem

Região e desenhos- Tatuagem		
Participantes	Local	Desenhos
Amanda	Costas Barriga Pulso	Anjo sentado na Lua Símbolo da amizade Coração c/nome do filho
Milena	Costas	Borboleta
Natália	Barriga Pé Costas Nuca Perna	Estrelas Borboleta Fada Letras japonesas Flores
Talita	Barriga	Nome do namorado
Denise	Pulso Pulso Braço	Pena Andorinha Data de Namoro
Vivian	Cóccix Seio Barriga Virilha	Morango Cereja Flor Pimenta
Jussara	Costa Costa Barriga	Borboleta Anjo Coração
Helena	Canela Pé Barriga	Flor Beija-Flor Tribal
Maria	Costas Barriga	Apanhador de Sonhos Anjo
Eduarda	Costas Pescoço	Oxum Flor

Isabela	Costas	Flor
Carla	Pé	Estrela
Jéssica	Nuca	Flor
Juliana	Cóccix Costas Canela	Cereja Flor Coração
Aparecida	Costas	Flor

Fonte: Elaboração própria

Por meio do quadro 5 foi analisada a região e o desenho que as entrevistadas preferiram tatuar. Das 15 entrevistadas, 9 optaram por tatuar na região das costas, seguida pela região da barriga que totalizou 7 mulheres, ou seja, lugares que de alguma forma, caso haja necessidade pode ser ocultado por uma roupa.

Fica claro isso através das respostas.

Amanda: "Então, nas costas foi a primeira, fiz aqui porque as pessoas falavam que a gente enjoava do desenho e nas costas a gente não enxerga".

Milena: "Assim, eu nem vejo muito a tatuagem porque ela fica nas costas, foi uma decisão que eu fiz justamente com medo de enjoar ou medo de me arrepende [sic], sempre falavam para fazê [sic] nas costas que dificilmente você viria, mas todo mundo que vê gosta".

Natália: "Ah escolhi por ficar escondida, só a do pé que aparece às vezes, por causa disso mesmo".

Aparecida: "Fiz nas costas, porque qualquer blusa que eu use da para esconde [sic], as pessoas ainda criticam muito as pessoas que fazem tatuagem, principalmente esse pessoal que mora aqui no meu bairro, homem é normal, mas mulher falam que é dada [sic]".

Carla: "Eu gosto de ter as tatuagens, mas não mostro muito, você sabe né? Fiz no pé. Com tatuagem as pessoas criticam a gente, fala que somos bandidos ou coisa até pior, mas é porque sou pobre, no rico é bonito e todo mundo gosta".

Por intermédio das respostas observa-se que apesar da tatuagem contemporânea não pertencer apenas aos setores que eram considerados marginalizados também é vista como uma expressão artística, mesmo assim, o estigma ainda persiste fazendo com que as pessoas escondam seus desenhos por medo do julgamento de algumas pessoas na sociedade em geral.

Percebe-se que o maior medo ao optarem por fazer uma tatuagem é no mercado de trabalho, pois essa marca ainda está relacionada à marginalidade e sendo assim sofrem uma rejeição por alguns trabalhos tidos como tradicionais como: médico e advogado. Assim as pessoas que optaram por fazer tatuagem às concebem em lugares escondidos no qual uma roupa possa cobrir "existe uma tensão latente entre ser "tatuado" e continuar sendo um cidadão produtivo, não rejeitado pela sociedade. Nas relações de trabalho, essa dicotomia se exacerba, pois empregadores em potencial tem visão negativa em relação às marcas" (Caroni & Grossman, 2012, p.1066).

Também houve outras regiões do corpo citadas pelas entrevistadas, como nuca, pé, seios e cóccix, que são vistos como lugares relativamente femininos, ou seja, remetem a feminilidade "já nas mulheres, os locais escolhidos são discretos, comportando desenhos menores que os deles, (homens), como se a feminilidade se traduzisse, também, no diminuto, no escondido, no detalhe que só é revelado a um olhar atento" (Osório, 2005a, p. 133).

Essas reflexões podem ser melhores compreendidas através dos escritos de Bourdieu (1999) que relata que as noções de corpos são construídas culturalmente, assim as diferenças entre homem e mulher são naturalizadas e vistas como normais e assim aceitas pela sociedade, fazendo com que as mulheres escolham a parte do corpo que são tidas como femininas e sexualmente aceitas de uma forma mecânica e natural.

> A divisão entre os sexos parece estar 'na ordem das coisas', como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, até o ponto de ser inevitável: está presente ao mesmo tempo, em estado objetivado, nas coisas [...] em todo mundo social e, em estado incorporado, nos corpos, no *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (Bourdieu, 1999, p.08).

Dentro dos estudos da tatuagem podemos incluir as pesquisas sobre as relações de gêneros, pois a partir das escolhas pessoais que incluem o que será tatuado assim como o local do corpo que receberá o desenho, constata-se ainda uma possível diferenciação entre os gêneros. Nesse sentido, até mesmo em relação à tatuagem a mulher sofrerá o julgamento de uma sociedade que é considerada machista. Para afirmar isso Bourdieu (1999) explica que a

diferenciação entre os gêneros na realidade é uma construção social e não uma diferença biológica.

> O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexuantes. Este programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo, e em primeiro lugar *ao próprio corpo,* na sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos em conformidade com os princípios de uma visão mítica do mundo enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela própria inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social. Grifo do autor. (Bourdieu, 1999, p. 09).

De acordo com os depoimentos a seguir, alguns lugares do corpo foram escolhidos estrategicamente, escolhidos para provocar ou para atrair olhares.

> *Helena: "Uma é na canela e a outra no pé, porque esses lugares são charmosos e como eu queria provoca [sic] meu ex-namorado eu fiz uma tatuagem na barriga, porque ele dizia que mulher assim era fácil, a outras foi [sic] em lugares que eu queria mostrar para todo mundo ver e comentar".*

> *Denise: "ah escolhi esses lugares porque na mulher tem que ser coisa delicada, em lugar delicado, no braço, no pulso, e também tem que ser desenho pequeno, fiz andorinha, e uma pena, meu noivo gosta".*

> *Jussara: "Fiz duas nas costas e uma na barriga porque é um lugar mais feminino né? Homem gosta de tatuagem, mas têm que ser assim, aquelas tatuagens grandes tipo de cavera [sic] é coisa feia, homens não gosta, a mulher fica machona é feio".*

> *Jéssica: "As pessoas ricas, as mulheres que tem tatuagem, sempre aparece, é bonita, ai fiz num lugar igual de uma menina que vi no shopping, fiz na nuca se rico usa porque eu não posso usa [sic]".*

Por meio dos depoimentos, percebe-se que as entrevistadas utilizam a tatuagem como forma de atração sexual, ou seja, através de desenhos e o lugar do corpo escolhido visam estimular e atrair os olhares daqueles nos quais essas mulheres querem atrair. Perez (2006) complementa dizendo que,

> O corpo é uma construção cultural e, como tal, sinalizado, fragmentado, e sexualizado em cada uma de suas partes. Assim, por exemplo, a parte baixa das costas, o quadril e o pescoço – locais preferidos, como vimos, pelas mulheres – são considerados áreas de especial conotação erótica feminina, adornados e exibidos como forma de atração sexual. (pp. 192-193).

Além do local do corpo, os desenhos escolhidos também foram planejados, entre as quinze entrevistadas o desenho que mais se sobressaiu foi o desenho de flor em oito entrevistadas, seguidos pelos desenhos de coração e borboletas com o total de três entrevistadas cada.

Compreende-se que tanto os lugares como os desenhos, são escolhidos, na maioria das vezes por conter traços da feminilidade ou erotismo.

A tatuagem contemporânea no que diz respeito às algumas das entrevistadas é usada como artefato da sedução, o olhar do outro é muito importante nesse sentido, o olhar do outro causa contentamento e prazer.

Segundo Dunker (1994) para essas mulheres tatuadas, o lugar ocultado mostrando apenas uma parte dessa tatuagem por intermédio da roupa que estão vestindo aguça a curiosidade masculina. Nesse sentido a tatuagem demonstra o que a mulher deseja de forma implícita.

As entrevistadas ao serem questionadas sobre o que achavam dos significados das suas tatuagens com os desenhos de pimenta, morango e cereja, afirmaram.

> *Vivian: "Fiz no lugar que chama a atenção dos homens, perto do rego [sic], nos seios, na barriga, na virilha e foi [sic] desenhos que os homens gostam: cereja, pimenta, morango, flor, os homens vendo isso ficam doidos, assim fica mais fácil de conseguir cliente, os homens gostam de mulher com tatuagem, falam que a gente fica mais safada. Ah pimenta é coisa quente, morango é doce, significa que sou quente e doce ao mesmo tempo, os homens adoram".*

> *Juliana "Quando eu era solteira fiz uma cereja perto do rego [sic] e fiz para chamar a atenção mesmo, os homens iam saber que gosto das coisas boas da vida (risos), mas agora essa cereja é para o meu namorado".*

> *Isabela: "As flores significam que sou meiga, feita para casar, se eu tatuasse uma caveira, por exemplo, mostraria que sou machona [sic]".*

Assim esses significados remetem a uma associação entre ser quente e doce e que ao tatuarem esses desenhos, o homem poderia encontrar esse aspecto nessas mulheres. A tatuagem auxilia nesse sentido, como ainda é vista em seu sentido transgressor proibido, a excitação, o desejo, e o prazer aumentam nessa significação.

A tatuagem na contemporaneidade surge como um algo a mais na busca pela sedução e pelo olhar do outro.

Dunker (1994) exemplifica isso através de um registro,

> Neste registro cabe mencionar o célebre caso clínico conhecido como 'o homem da caneta Bic'. Tratava-se de um homem que para poder manter relações sexuais com sua mulher precisava desenhar no corpo dela certos sinais arbitrários a que chamava de tatuagens. Este ritual se iniciara quando ele era jovem e certa vez tomou um carimbo da fábrica do pai e "tatuou" o peito e as coxas. Em seguida sobe numa árvore e brinca de Tarzan, temendo e desejando ser olhado pelos operários da fábrica. Então volta ao escritório e se masturba. Dizia: 'Se elimino as tatuagens, tenho medo de não ter mais sexo'. É claro que este caso não traduz a montagem que envolve a maioria das tatuagens, mas seus elementos fundamentais parecem estar presentes: a sedução, a procura do olhar do outro e a sua relação com o casamento, filiação e exercício da sexualidade. (p.62).

Le Breton (2004) também falou da tatuagem no sentido erótico que ela representa.

> A superfície cutânea que chama a atenção pela marca é transfigurada em relação ao resto do corpo, muitas vezes olhada, tocada pelo próprio individuo, é também objeto de uma atenção particular, tanto dos desconhecidos como dos próximos. A experiência comum mostra que as modificações corporais destacam um fragmento do corpo ao conferir-lhe um valor erótico suplementar nos jogos do amor, mas também no sentimento de si do indivíduo consciente da sua presença (pp. 141-142).

Mas ao mesmo tempo em que essa suposta sensualidade e liberação demonstram que a mulher é dona de seu próprio corpo e faz com ele o que quiser, percebe-se também a subordinação dela com o olhar do homem, a aprovação dele, através de marcas que remetem à sexualidade ou à feminidade. Segundo Bourdieu (1999) relata que,

> O corpo feminino ao mesmo tempo oferecido e recusado manifesta a disponibilidade simbólica que [...] convém à mulher, combinação de um poder de atração e de sedução conhecido e reconhecido por todos, homens ou mulheres, e de molde a honrar os homens dos quais a mulher depende ou aos quais está ligada, e de um dever seletivo de recusa que acrescenta ao efeito de "consumo onstentatório" o preço da exclusividade (pp. 25-26).

E continua,

> As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que se instituem entre os gêneros inscrevem-se assim progressivamente em duas classes de *habitus* diferentes, sob a forma de *hexis* corporal opostas e complementares e de princípios de visão e de divisão que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino (Bourdieu, 1999, p.26).

Para Bourdieu (1999) em nossa sociedade há a prevalência do sexo masculino em detrimento ao feminino, estamos inseridos em uma sociedade androcêntrica, no qual o masculino é visto como um todo e natural sem a necessidade de se afirmar ao contrário do sexo feminino. Nesse sentido há a existência de uma violência simbólica, ou seja, uma violência invisível que é incorporada pela sociedade e pela mulher fazendo acreditar que essa é a maneira correta.

Percebe-se, assim, que as entrevistadas de alguma forma preocupam-se com as opiniões e julgamentos dos homens, tanto positivamente quanto negativamente, como avaliar o tipo de desenho e o lugar do corpo escolhido, ou seja, por mais que a mulher evoque uma condição de liberdade e de pertencimento do corpo, de alguma forma ela está sob o enfoque da visão masculina, ou seja, como foi chamada por Bourdieu (1999) uma violência simbólica,

> Violência branda, insensível, invisível para as suas próprias vítimas, que se exerce no essencial pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou, no limite, do sentimento. Este modo de relação social que de tão comum se diria fora do comum proporciona assim uma ocasião privilegiada de apreensão da lógica da dominação exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido pelo dominante como pelo dominado, uma língua (ou uma pronúncia), um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, falar ou de agir) (pp.01-02).

Nos depoimentos das entrevistadas observa-se que a escolhas de desenhos que remetem à feminilidade, delicadeza e tamanhos pequenos são consideradas por elas como normais, e as mesmas se preocupam com a opinião dos homens e o julgamento deles quanto ao lugar e o desenho.

> *Amanda: "A segunda tatuagem resolvi faze [sic] na barriga, porque fica escondido e nessa época comecei a trabalhar com homens, então tem que ter respeito e eu sempre tapei [sic] ela".*

De acordo com essa resposta, foi necessário desempenhar um questionamento mais profundo sobre essa resposta para que tivéssemos certeza do que a entrevistada pensava sobre esse assunto. E a resposta foi a seguinte.

> *Amanda: "Mulher com muita tatuagem é coisa de mulher da vida né? Então se os homens vissem e ainda por cima na barriga ia achar que eu era fácil, barriga, seios, bumbum chama a atenção de homem né? E com tatuagem eles iam acha [sic] que eu queria sexo".*

> *Aparecida: "Fiz tatuagem delicada porque é assim que mulher tem que se [sic], mulher tem que se dar o respeito, já vi um monte de garota aqui no bairro que tem um monte de tatuagem e os homens falaram que já pegou, agora, por exemplo, a minha é uma flor, pequena o homem fala que fui feita pra casar".*

> *Vivian: "Os homens gostam de mulher [sic] com tatuagem, mas não as mulheres deles, meus clientes dizem que ficam excitados de ver tatuagem, mas não quer que a namoradas deles tenha, pois é coisa de puta, mas eu nem ligo sou mesmo".*

De acordo com Osório (2005a) a escolha do desenho na maioria das vezes remete à fragilidade ou inocência. Os "desenhos femininos", muitas vezes, apresentam um aspecto infantil, "desenhos feitos por crianças ou para crianças, como bonecas e querubins. Os animais escolhidos por elas são domésticos ou vistos como inofensivos, como gatos, beija-flores e golfinhos" (Osório, 2005a, p.118).

Percebe-se que com esse discurso as próprias mulheres incorporam essa situação como normal, as outras mulheres que são contrárias a essa situação muitas vezes recebem apelidos que se referem à sexualidade ou coisas relacionadas a isso, como 'mulher da vida', 'puta' ou similares.

Assim Bourdieu (1999), como já foi dito anteriormente, demonstra que através dos corpos, das diferenças biológicas que são construídos culturalmente esses julgamentos de que homem é superior à mulher aparecem.

> O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexuantes. Este programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo, e em primeiro lugar ao *próprio corpo,* na sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos [...] a diferença *biológica* entre os *sexos*, que dizer entre os corpos masculino e feminino e, muito em particular, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim surgir como a justificação natural da

> diferença socialmente construída entre os *gêneros*, e em particular da divisão sexual do trabalho. (Bourdieu, 1999, p.09). Grifo do autor.

Os outros depoimentos seguem essa mesma linha de pensamento.

> *Jéssica: "Eu fiz na nuca também porque meu namorado que falou para eu fazer, porque ele disse que fica mais charmoso e assim pode esconder das outras pessoas se eu for em algum lugar que o pessoal não goste da tatuagem".*

> *Maria "Eu fiz nas costas, na barriga porque achava sensual essas partes, e fica bonito, só que agora nem mostro muito porque meu namorado fala que ficar mostrando é feio, pois todo homem vai [sic] achar que sou fácil, ele nem deixa eu colocar foto no Facebook ou Instagram, só ele e as pessoas da família vê minha tatuagem".*

Sendo assim, no caso das mulheres, além de sofrerem o preconceito de ter uma tatuagem (pois ainda está em alguns setores ligada à marginalidade) ainda sofrem com a conexão existente entre a tatuagem e a prostituição.

> A relação que se faz entre a mulher e a prostituição não podem ser visto só pela associação com o passado da tatuagem, passado esse marginal, pois no primeiro momento eram os trabalhadores dos Portos e as prostitutas que se tatuavam e em um segundo momento, os integrantes dos movimentos de contracultura. Essa associação deve ser vista também dentro de uma perspectiva de corpo, de autonomia corporal. Porque tanto a prostituta como a tatuada detém o total domínio do seu corpo, elas fazem uso do seu corpo como querem. E isso sim está fora da ordem, existe todo um discurso valorativo em cima do corpo da mulher, e se você se dispõe a transgredi-lo, seja usando seu corpo ou fazendo uma tatuagem, você está sujeito a ser estigmatizado. (Manguinho, 2010, p.03)

Com isso demonstra-se que ter autonomia sobre o próprio corpo, não é algo que agrade os homens e de alguma forma as próprias mulheres. É algo que já está incorporado e que vai demorar certo tempo para se modificar. Nesse caso o homem até permite que a mulher tenha uma tatuagem, mas sempre à maneira dele. A mulher faz a tatuagem, mas com as ressalvas que a sociedade androcêntrica permite.

> Em síntese, pode-se dizer que as preferências nas escolhas tanto dos locais quanto dos tipos de desenhos estão demarcadas pelos universos do feminino e do masculino, que atuam como referentes culturais ou '*habitus* da escolha'. Esses hábitos não se originam do acaso nem da natureza biológica do corpo da mulher ou do homem, mas indicam uma relação de gênero que é construída culturalmente (Perez, 2006, p.193). Grifo do autor.

Na subcategoria “dor” foi abordado à relação da dor que a tatuagem provoca nas entrevistadas, ou seja, se elas sentiram dor, se elas tinham medo da tatuagem por causa disso. Algumas responderam que não sentiram dor e se sentiram foi algo muito tranquilo, algumas ressaltaram que os tatuadores disseram que são os homens que comumente reclamam da dor. E algumas afirmaram que sentiram dor.

Para Osório (2005a) a dor é sempre esperada, para a mulher é considerada normal, já para os homens isso é negado.

> Decorre disto que a postura esperada no estúdio, seja de homens ou de mulheres, é o silêncio. Dá-se às mulheres, contudo, o privilégio de uma demonstração pública da sensação da dor, enquanto é negada aos homens. É possível observar que este silêncio é, muitas vezes, acompanhado de posturas corporais rígidas, indicando algum grau de tensão em função do desconforto. Entre a dor e a não-dor teríamos, portanto, o silêncio. (p.126).

Algumas respostas com esses questionamentos, observamos a seguir.

Amanda: “Não, eu tive prazer em fazer, porque sempre foi muito consciente, a dor é psicológica nessa hora, tinha mais ansiedade em ver terminada, agora a tatuagem que fiz da amizade doeu, porque não gostei do cara que fez, estranho né?”.

Natália: “Não senti dor, foi até gostoso”.

Jussara: “Não senti dor, apenas um incômodo, já quando um amigo meu fez ele chorou que nem criança, eu dei risada”.

Vivian: “Senti uma dorzinha, mas foi bem tranquilo, o tatuador falou que eu poderia chorar se quisesse, que homem já tinha chorado lá, mas homem é estranho né?”

Isabela: “Senti uma dor pequena, o tatuador até ofereceu uma pomadinha para aliviar a dor[36], cê [sic] sabe qual é né?”.

Eduarda: “Eu senti dor sim, até chorei, eu fiz a tatuagem com uma mulher e ela falou que mulher é mais sensível mesmo”.

[36] - São pomadas anestésicas a base de xilocaína, prilocaína e lidocaína.

Jéssica: "Fiz na nuca e o tatuador já tinha falado que esse lugar era um dos que mais doía, e doeu, parece que tá queimando, teve um amigo meu que fez e ele falou que até doeu, mas não demonstrou porque senão iam achar que ele era gay".

Por meio desses depoimentos percebe-se que a dor também demonstra a diferenciação entre ser homem e ser mulher, algumas das entrevistadas no momento de tatuar afirmaram não sentir dor, as mesmas foram alertadas pelos tatuadores que o 'sentir dor' nas mulheres é algo normal, que a mulher por ser considerado "sexo frágil" pode sentir isso.

Já para o homem não é permitido esse tipo de comportamento, ao demonstrar fragilidade nessa situação o homem já é julgado pela sua masculinidade e é tachado por alguns tatuadores.

> A experiência do processo de ser tatuado, fundamentalmente o que concerne ao lidar com a dor, estão, igualmente, perpassados pela lógica da diferenciação de gênero. Enfrentar a dor em silêncio, suportá-la até o fim sem queixas é uma prova de masculinidade. Sem a necessidade de empreender esta prova, as mulheres, ao contrário, queixam-se, buscam apoio, compartilham a má parte da experiência de ser tatuada. Em outras palavras, exprimem sua fraqueza socialmente determinada, isto é, a fraqueza atribuída ao feminino (Osório, 2005b, p. 79).

A próxima subcategoria a ser abordada "visual e estética" vai argumentar se a relação de deixar o corpo mais bonito por meio da tatuagem foi relevante na opção por ter uma marca corporal e se ao ter uma tatuagem essas mulheres se sentiram mais bonitas, mais desejáveis e se essa marca corporal mudou alguma coisa nesse sentido.

Algumas das entrevistadas disseram que isso não era importante, pois só fizeram a tatuagem por estar na moda, ou porque queriam apenas ter o desenho, mas mesmo dizendo isso afirmaram que se sentiram mais bonitas depois de ter a tatuagem, ou seja, há uma contradição nas afirmações delas, mesmo não dizendo que a estética não as influenciaram, elas consideraram que as tatuagens as deixaram mais bonitas. Seguem os depoimentos.

Milena: "A estética é importante sim, não é o principal de tudo, mas é importante, eu acho que a tatuagem fica bonita no corpo, chama a atenção sim de outras pessoas, me senti mais bonita".

Jussara: "Não me importo não, eu fiz porque todo mundo estava fazendo, fui na onda, mas que fiquei mais bonita, a isso sim".

Talita: "Não me importo, fiz por causa do meu namorado mesmo, às vezes quando coloco um biquíni, aparece, não queria cobrir totalmente, porque é legal o povo ficar olhando, mas fiz por causa do meu amor mesmo. Eu gosto de ser diferente do que a moda fala, por isso fiz assim".

Juliana: "Que mulher não se preocupa com essas coisas? Moda é bonita pra gente rica, a gente vê nas revistas e tenta imita [sic] com o que a gente tem, vejo o programa da Eliana sabe? Vai o cabeleireiro lá ensina a gente a fazê [sic] em casa e não fica a mesma coisa quando a gente faz, acho que com a tatuagem é a mesma coisa, eu fiz porque acho bonito, mas não fica igual a das mulheres ricas, eu fiz com um conhecido que tava [sic] começando e nem sei se ele faz ainda e não ficou igual".

Já para outras entrevistadas o visual e a estética são muito importantes e a tatuagem foi um item a mais para que elas se sentissem mais bonitas e atraentes.

Amanda: "Ah toda mulher gosta de se arruma [sic], é coisa de mulher, quando eu fiz a tatuagem era porque eu queria ter mesmo, não era tão famosa como hoje, hoje todas as artistas têm, gente rica também, na minha época era coisa de maloqueiro, por exemplo, sabe a Débora Secco ela tem uma tatuagem de oração nas costas eu queria fazer igual, ia ficar igual a ela, vão pensar que sou rica".

Jéssica: "A tatuagem me deixou mais bonita, pelo menos eu acho... rs. chama a atenção, o visual é importante, não é porque não a gente não tem dinheiro que vamos ficar feia né? Eu tento ficar bonita e a tatuagem até melhorou isso, todo mundo fala da tatuagem, sei que tem gente que fala mal, mas nem Jesus agradou todo mundo né?".

Eduarda: "Pra mim é importante, sou mulher e mulher tem que se cuida [sic], você já viu né? Sou gorda se eu não me cuida [sic] pode piora [sic], quando fiz a tatuagem foi por causa disso, todo mundo ia olha [sic] a tatuagem e nem lembra [sic] que sou gorda, mas tem gente que fala mal, fala que ao invés de eu fazer a tatuagem e gastar dinheiro com isso, eu tinha que emagrecer, mas eu queria fazer a tatuagem, nem ligo pros [sic] outros".

Maria: "Sim, muito. Eu fiz porque é moda, todas as mulheres têm, eu já vi muita riquinha com tatuagem, então eu fiz, o visual fica mais bonito, charmoso, a tatuagem ajudou".

De acordo com esses depoimentos fica claro que a moda, a estética e o visual são argumentos muito favoráveis para essas mulheres terem desenhos na pele, ou seja, a tatuagem

vista como uma busca identitária, o pertencimento a um grupo específico foi deixado para trás, hoje o que essas mulheres buscam muitas vezes um visual mais bonito e chamativo e devido ao fato da tatuagem fazer parte da moda atual, através dessas marcas elas se sentem inseridas na moda contemporânea.

Segundo Ramos (2005) as tatuagens contemporâneas perderam seus significados ideológicos busca-se uma resignificação nos desenhos, pelo qual na atualidade é utilizada pelo prazer estético. "Os procedimentos de novas gerações, de recuperar através da tatuagem algumas das tradições de suas culturas extintas marcam uma interface dos processos de globalização, que induz no prazer estético uma forma de homogeneização das aparências" (p.06).

O culto ao corpo na contemporaneidade se faz presente, e um grande termômetro para isso é a mídia que ajuda a divulgar a tatuagem.

> No que se refere à cultura do corpo na contemporaneidade, a imagem é central, primeiro porque toda a cultura do corpo passa por imagens reais do corpo, projetadas como espetáculos e, segundo, porque as imagens veiculadas pelos meios de comunicação são indissociáveis deste processo de desejar e construir um corpo ideal. (Berger, 2006, p. 185).

A mídia influência as pessoas a lidarem com seus corpos, seja por meio de programas de emagrecimento, seja por meio de revistas de beleza, para as pessoas aquilo que é mostrado na tela da televisão ou nas folhas de uma revista é um padrão que deve ser copiado, absorvem isso como algo verdadeiro.

Atualmente o que se presencia são jogadores, atores, cantores 'enfeitando' as telas das televisões cada vez mais tatuados, e isso, claro, influência os telespectadores. Corpo e mídia sempre caminharam juntos, assim a mídia com sua predominância estimulam as várias práticas de modificações corporais, sejam as práticas aceitas pela sociedade, como os implantes de silicone ou cirurgias de emagrecimento que são almejados pelas mulheres de todas as classes sociais, sejam as modificações corporais não tão quistas pela sociedade, como tatuagem, escarificações, e *piercing*. Muitas vezes essas mulheres nem se importam com o fator de ter ou não uma marca corporal, mas ao ver alguém famoso ou até mesmo em alguém de uma classe mais privilegiada ela ficará com vontade de fazer.

> Mesmo que o ator citado faça as tatuagens para si – destacando sua individualidade – ele é uma pessoa pública, presente nas produções da 'Indústria Cultural'. Ou seja, também faz as tatuagens para a coletividade e se utiliza deste tipo de adorno para passar uma imagem de modernidade. Da mesma forma, a tatuagem se aliou à questão de 'ser jovem', traduzindo

> outro estereótipo para quem pratica. Petit era jovem nos anos 1970 e se tatuou. Jovens encontram há décadas na tatuagem uma forma de rebeldia contra seus pais. Um estereótipo foi criado, com a ajuda da mídia. (Scheiner, 2006, p. 94).

Deixando claro que dentro das frações de classes tidas como privilegiadas não são todos os que aderem à tatuagem, ou seja, encontramos mais tatuados no meio futebolístico e artístico.

Por meio dos depoimentos, fica claro que a mídia influência a marcação corporal em nossas entrevistadas.

> *Isabela: "A gente assiste televisão e vê um monte de atrizes com tatuagem, não fiz porque elas têm, mas saber que elas têm tatuagem me deixa mais tranquila para ter, se as atrizes têm por que não posso ter? Minhas cantoras também têm".*

> *Maria: "a gente sempre tenta imitar o pessoal da televisão".*

> *Helena: "é legal ver as moças da televisão com tatuagem, ai podemos até faze [sic] uma tatuagem parecida com a dela. Ai se alguém fala [sic] a gente fala [sic] que as atrizes têm tatuagem também, mas o pessoal daqui fala que o pessoal da televisão pode fazê [sic] tudo que quiserem, pois tem dinheiro, e se a gente copia é feio, mas nem ligo, gosto de parecer com elas".*

A tatuagem atualmente é um mercado lucrativo, visto que muitos estúdios de tatuagens no Brasil encontram-se dentro de Shoppings Centers, estúdios que estão cada vez mais modernizados para atender um público cada vez maior.

Sendo assim o mercado de consumo viu nas tatuagens algo lucrativo, e com um número maior de mulheres aderindo às tatuagens se aproveitaram disso para investir.

Atentando-nos as mulheres, ao serem influenciadas pela mídia, buscam identificar-se com as pessoas públicas e sendo assim buscam essa identificação por meio da prática da tatuagem, muitas delas querendo ter essa marca corporal e não dispondo de um poder aquisitivo para realizar essa tatuagem em um estúdio de qualidade, optam por fazer essas marcas com conhecidos, que estão nesse mercado a pouco tempo e não possuem experiências necessárias para a prática da tatuagem, sendo assim esses desenhos não saem como o desejado, mas como querem estar inseridas nessa moda atual, elas aceitam essa situação.

Nas culturas contemporâneas ocidentais, a tatuagem ganhou visibilidade ao sofrer modelização do sistema da moda. Em diversas culturas, a tatuagem é percebida como uma cultura externa, peculiar, cuja linguagem se manifesta nos textos da moda (mesmo os textos da contracultura, que de certa forma também participam da moda). Textos que se pretendem inovadores em algum sentido, isto é, textos modernos em relação à conjuntura do seu tempo, traduzem textos das tatuagens, embora ela seja uma prática milenar. Assim, movimentos sociais que buscam modernizar uma cultura, inserindo nela movimentos externos (de não cultura e de anti-cultura, entre as quais a cultura da tatuagem), se apropriam da prática de tatuar-se, diferenciam-se coletivamente conforme os gêneros de tatuagem que caracterizam cada grupo, e com isso modelizam o sistema semiótico da tatuagem de tal forma que o próprio sistema se torna um signo – portador de significado integral – naquela cultura. (Novak, 2012, p. 54).

Alguns depoimentos a seguir mostram o que foi citado.

Natália: "A primeira foi no fundo do quintal, foi meu amigo, ele tinha a maquininha, começou a faze [sic], ai minha prima fez, ficou na minha cabeça para eu faze [sic], ai fiz uma estrela, ficou torta e eu não gostava, ai depois de uns anos, eu fui num tatuador bom para arrumar e fiz mais duas estrelas, as outras foram feitas em estúdios, hoje eu me importo com a qualidade quero algo bonito".

Amanda: "A primeira tatuagem eu fiz num amigo meu, ele tava [sic] começando. A segunda tatuagem eu e minha amiga combinamos, a gente ia fazê [sic] um símbolo que significasse a nossa amizade, ai nós escolhemos um desenho. Só que fazer essa tatuagem foi meio estranho, foi num tatuador que eu nunca vi, porque eu morava em Bauru nessa época e foi minha amiga que encontrou esse tatuador, ai eu vim para Araraquara fazê [sic], só que eu fiz e ela não, pois a dela foi marcada para a semana seguinte, só que ai o tatuador sumiu, eu nunca tinha ouvido falar dele, ele era estranho, parecia que tinha acabado de sair da cadeia, (risos) porque a tatuagem é horrível, fazer o que? Fiz pela amizade, uma coisa que significasse para mim e para ela, mas no final eu fiquei com a tatuagem feia e ela não, ela diz que vai fazê [sic], mas está passando por momentos ruins na vida então ela fica adiando essa tatuagem".

Juliana "Eu fiz em um estúdio que tava [sic] começando, o tatuador era conhecido nosso ai eu fiz nele, tem alguns traços torto na tatuagem, mas ninguém vê, ficou bonita e eu gosto muito dela".

Carla: "A gente faz com o pessoal aqui do bairro mesmo, quando fui fazê [sic] fui no centro ver preço é muito caro, ai a gente faz aqui mesmo, o pessoal é conhecido, e a gente da força porque eles estão começando agora e dá força para eles".

Denise: "Fiz com um amigo, ele já tatua faz tempo, mas não tem dinheiro para abrir o estúdio então, ele faz num quartinho que ele tem na casa dele, mas é tudo certinho,

limpinho, ele diz que tentou entrar num estúdio, mas pagavam pouco, por isso continua fazendo assim".

Percebe-se que mesmo as entrevistadas sabendo da importância de se fazer uma tatuagem de qualidade, elas priorizam o ter ao invés da qualidade, não importa qual a maneira e como a tatuagem ficará. O baixo custo do desenho é o que sobressai para elas.

4.2.3 Sociedade/Influências/Preconceitos

Nessa categoria investigou-se como foi à visão e reação das pessoas ao verem as entrevistadas com alguma tatuagem, se sofreram preconceitos devido a marcas que elas tinham. Foi questionado também o que elas acham que os homens pensam ao ver as tatuagens, se a opinião deles é levada em conta. E por fim averiguar se a religião que as entrevistadas seguem também influenciou na prática de fazer a tatuagem.

Sendo assim, essa categoria foi dividida em subcategorias para melhor esclarecer a discussão.

Quadro 6 - Subcategoria formada através da categoria "Sociedade/Influências/Preconceitos"

Sociedade/Influências/Preconceitos
Reação da sociedade
Opinião masculina
Religião

Fonte: Elaboração própria

Na subcategoria "reação da sociedade" será discutida qual a visão e reação das pessoas ao visualizarem a tatuagem das nossas entrevistadas, se elas já sofreram algum tipo de preconceito, seja pela sociedade ou pela família.

Quando foi perguntando às nossas entrevistadas se pensaram quais seriam as reações das pessoas sobre a tatuagem e quais foram às reações das pessoas em relação à tatuagem que

elas tinham, muitas disseram que as pessoas achavam bonitas e elogiavam, mas muitas também teceram críticas dizendo que tatuagem não era algo bom.

Outras disseram que não consideravam a opinião dos outros, só que caíram em contradição, pois ao mesmo tempo em que manifestaram não ser significativa a opinião alheia, elas escolheram lugares que possa ocultar a tatuagem caso seja necessário, ou seja, por mais que demonstrem que o posicionamento da sociedade é irrelevante, automaticamente se preocupam com os lugares a ser tatuado.

Seguem os depoimentos.

Amanda: "Não pensei em ninguém, mas fiz em lugares que não fosse tão chamativo, pra não ter preconceito sabe".

Eduarda: "Não pensei, eu me decide independente das opiniões das pessoas, então eu nem me importava com que as pessoas iam achar".

Talita: "Pensei demais, o que outros iam pensar, sobre o significado daquela tatuagem, eu queria que as pessoas me criticassem, para eu explicar o motivo dessa tatuagem, eu vejo as pessoas cochichando quando estou com uma calça que aparece a barriga, já vi gente uma falando para outra, 'será que é o nome do marido? Do namorado? Do filho?' algumas vem me perguntar e falo que é meu namorado, e as pessoas falam que sou louca porque posso terminar com ele, e ai como que eu ia ficar eu nem ligo, pois estou vivendo o presente o futuro a Deus pertence".

Jussara: "Eu não me preocupo com a opinião dos outros, ninguém paga minhas contas, só é ruim para arrumar trabalho, muitas vezes eu não consegui trabalho em casa de família, sou empregada doméstica, ai alguns patrões me perguntaram se eu tinha, eu não podia esconder né? Ai eu falava que tinha e não me contratavam, mas é engraçado sabe, os filhos deles tinha [sic] tatuagem, acho porque sou pobre, pobre sofre até nisso. Agora consegui um trabalho, o pessoal de lá não se importa com isso".

Aparecida: "Sabe eu até me arrependo de ter feito essa tatuagem, a gente que é mulher sempre é criticada por isso, ou falam que a gente é fácil, que gosta de se mostrar, ou que é mulher de bandido, porque será? Moça, você tem tatuagem né? Você sofre assim como eu?".

Vivian: "Mulher já sofre por ser mulher, quando eu era mais nova, eu era certinha e era criticada, agora que sou prostituta falam da mesma forma, por isso nem ligo se falam ou não, pago minhas contas e é isso que importa, o pessoal fala muito, e de todo mundo, ainda mais aqui essas carolas de igreja que não tem o que fazer".

Helena: "Muita gente me fala que quando eu ficar mais velha a tatuagem vai ficar horrível, mas nem ligo fazê [sic] o que faz parte".

Maria: "Na hora nem pensei, falam que é coisa de marginal, de mano, que é coisa de quem não presta que não tem Deus no coração, que é pecado, mas eu acredito em Deus, e sou do bem, porque todo mundo critica a tatuagem? É só um desenho, só acho errados aqueles desenhos de caveira, de coisa do demônio, esse sim não é de Deus".

De acordo com os depoimentos entende-se que por mais que a tatuagem esteja na moda, pertencente a mídia, e nos corpos de pessoas famosas, o estigma que criou-se no passado ainda se faz muito presente, ou seja, pessoas que tem essas marcas ainda são julgadas e questionadas por tê-las.

> O sinal corporal é, pois uma faca de dois gumes, é perfeitamente reconhecido como tal. O indivíduo esforça-se então por reduzir a ambivalência social a seu respeito escondendo as suas marcas ou monstrando-as segundo o que o seu público presumivelmente espera. Se as deixa em evidência está, a todo o instante, a ser definido sob esse ângulo e o seu estatuto encontra-se por isso permanentemente afetado. (Le Breton, 2004, pp. 150-151).

De acordo com Le Breton (2004) o sujeito que faz a tatuagem por mais que a faça para si mesmo, involuntariamente ou conscientemente executa a tatuagem pensando no que o outro vai falar, sabendo na maioria das vezes que vai ser julgado.

Mas essa questão da tatuagem ser estigmatizada é algumas vezes relacionada às pessoas de classes menos favorecidas, ou seja, se houve uma banalização das mesmas essas se devem ao fato da apropriação que a classe dominante fez das marcas corporais.

Para afirmar essa exclusão entre as classes dominantes em detrimento às classes populares, muitos afirmam que ao possuir uma tatuagem a pessoa é vista como marginal ou pertencente à classe presidiária, ao contrário das classes dominantes, que ao possuir essa marca, é vista como alguém ligado a moda ou algo para contribuir com sua beleza.

Para reiterar isso de acordo com o questionamento que foi estabelecido com as entrevistadas perguntando o porquê de muitas pessoas criticarem suas tatuagens, pode-se observar que as mulheres quiseram se apropriar da tatuagem para se aproximarem da classe dominante, muitas vezes perceberam que essa exclusão só aconteceu por serem pobres, assim sendo criticadas.

Amanda: "Quando eu fiz a tatuagem ela já estava na moda, muitas atrizes tinha tatuagem, teve até a Débora Secco, que fez a tatuagem do cara do Rappa[37] e depois apagou, se ela tinha porque eu não podia ter".

Isabela: "Pra [sic] pessoas pobres tudo é errado e feio, se a gente compra um celular bom é porque roubamos ou compramos em algum lugar errado, a tatuagem também é assim, só falam mal porque a gente é pobre, se a gente fosse rica todo mundo ia achar bonito e elogiar".

Carla: "Teve uma vez que um parente meu me disse que tatuagem é coisa de cadeiero [sic] que eles fazem com tinta de caneta né? Mas a gente sabe quando é desse pessoal a tatuagem é meio verde, é feia, deve ser por isso que falam mal de quem tem tatuagem, mas eu acho tão bonito os desenhos, e nunca fui pra cadeia".

Jéssica: "Umas amigas minhas falam que essas coisas só é bonita em gente que tem dinheiro, pois quem tem dinheiro pode tudo, e depois eles podem tirar né? É com laser, mas mesmo assim eu fiz, eu gosto, deixa que os outros falem".

Essa abordagem foi desenvolvida no pensamento de Bourdieu (1983) que descreve que as classes populares ao aceitar e tentar imitar os valores, condições e gostos das classes dominantes, são ridicularizadas, ao tornar aquilo parte do seu cotidiano, ocorre o que se chama de banalização.

> É assim que o estilo de vida popular se define tanto pela ausência de todos os consumos de luxo, uísque ou quadros, champanhe ou concertos, cruzeiros ou exposições de arte, caviar ou antiguidade, quanto pelo fato de que esses consumos nele estão, entretanto, presentes sob a forma de substitutos tais como vinhos gasosos no lugar de champanhe ou uma imitação no lugar de couro, indícios de um desapossamento de segundo grau que se deixa impor, a definição dos bens dignos de serem possuídos (Bourdieu, 1983, p. 100).

De acordo com o raciocínio de Bourdieu (1983) quando exemplifica as diferenciações dos gostos das classes dominantes para os gostos das classes populares como, por exemplo, o vinho, a champanhe ou o gosto musical diferenciado, podemos fazer uma comparação com a tatuagem.

A classe dominante acolheu a tatuagem algumas décadas atrás, com isso mudando o paradigma de marginalidade para algo aceitável, legitimando essa condição. A classe popular ao se apropriar da tatuagem, e adquiri-la de uma forma pela qual o poder financeiro não

[37] - A atriz Débora Secco, tatuou no pé a frase "Falcão, amor verdadeiro, amor eterno" em homenagem ao namorado Falcão, vocalista da banda O Rappa, só que terminaram o namoro e ela removeu a tatuagem.

colabora, fazem-nas em condições precárias, com técnicas inapropriadas, em lugares não adaptados, com profissionais inaptos ou iniciantes nesse trabalho, considerado dessa forma pelas classes dominantes como algo que banalizou-se.

Entende-se dessa forma que os gostos das classes dominantes sobressaem aos demais, legitimando esse gosto "as distâncias entre as classes não são menos marcadas quando consideramos a competência específica que é uma das condições (tácitas) do consumo de bens de cultura legítimos". (Bourdieu, 1983, p.91).

Considerando dessa forma que as classes populares ao tentar assemelhar-se aos gostos das classes dominantes por meio de imitações ou de cópias inferiores ou de tatuagem com qualidade péssima, reforçam simbolicamente a dominação das classes dominantes, transformando assim o que a classe popular adquiriu como banalização.

> Os gostos obedecem, assim, a uma espécie de lei de Engels generalizada: a cada nível de distribuição, o que é raro e constitui um luxo inacessível ou uma fantasia absurda para os ocupantes do nível anterior ou superior, torna-se banal ou comum, e se encontra relegado à ordem do necessário, do evidente, pelo aparecimento de novos consumos, mais raros e, portanto, mais distintivos (Bourdieu, 1983, p. 85).

Para legitimar a falta de cultura de algumas frações de classe das camadas populares, a classe dominante utiliza-se de ações para manter a distinção e nesse sentido o *habitus* adquirido por eles é a arma utilizada, o capital incorporado. "O valor relativo das diferentes espécies de capital econômico e cultural ou das várias espécies de capital cultural [...] é continuamente questionada e reavaliada através de lutas para aumentar ou desvalorizar um ou outro tipo de capital" (Bourdieu, 1987, p.10 citado por Silva, 1995, p.28).

Entende-se que *habitus* seriam disposições dadas ao sujeito no decorrer da sua vida de acordo com o meio social que está inserido, inicialmente no meio familiar, é um formador de ideia, juízo e ações. Esse formador é o que molda o sujeito na sua vida cotidiana, só que essas disposições não são permanentes, elas modificam-se, conforme explica Bourdieu (1983, citado por Loyola, 2002),

> *Habitus* é um operador, uma matriz de percepção e não uma identidade ou uma subjetividade fixa [...] Sendo produto da história, o *habitus* é um sistema de disposições aberto, permanentemente afrontado a experiências novas e permanentemente afetado por elas. Ele é durável, mas não imutável (p.83).

As maneiras, condutas, comportamentos, posturas são condições para que essas disposições orientem e façam com que o indivíduo molde sua vida de acordo com elas, como

argumentou Bourdieu (1983) ele é durável, mas se modifica de acordo com o ambiente e situação que o indivíduo se encontra.

> Funcionam a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas graças às transferências analógicas de esquemas, que permitem resolver problemas da mesma forma e as correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidos por esses resultados. (Bourdieu, 1983, p.65)

Levando em conta esse pensamento, podemos compreender o porquê da tatuagem, principalmente entre as pessoas das classes menos favorecidas ainda é tão discriminada e estigmatizada.

Para Bourdieu (1983) as classes populares são desprovidas de dispositivos que os legitimem, a família e muitas vezes a escola não deram condições para tal situação, sendo assim ficam ao domínio das classes dominantes, e tentam reproduzir esses valores em suas vidas.

> O estilo de vida das classes populares deve suas características fundamentais, compreendendo aquelas que podem parecer como sendo as mais positivas, ao fato de que ele representa uma forma de adaptação à posição ocupada na estrutura social: encerra sempre, por esse fato, nem que seja sob a forma do sentimento da incapacidade, da incompetência, do fracasso ou, aqui, da indignidade cultural, uma forma de reconhecimento dos valores dominantes. O que separa as classes populares das outras classes é menos (e, sem dúvida, cada vez menos) a intenção objetiva de seu estilo que os meios econômicos e culturais que elas podem colocar em ação para realizá-las. (Bourdieu, 1983, p. 100)

Reina (2009) complementa dizendo que por estarem subordinados a essa classe dominante, as classes populares aceitam códigos e valores morais como sendo os corretos.

Para Bourdieu (1983) o estilo de vida e gosto sofre a interferência do meio que se vive, a classe social que a pessoa se insere ajuda nesse sentido, aquilo que vestimos, comemos, ou que adornamos o corpo, pode nos soar como algo natural, mas na verdade esse gosto nos foi induzido de alguma forma, através do ambiente que nos encontramos, ou seja, o gosto não é inato, é algo que se deu socialmente, foi construído e é frequentemente reconstruído.

Fica claro que ao ter uma marca corporal a pessoa é influenciada de alguma forma pelo meio que ela se encontra, pelo capital cultural que está inserida e faz parte, Bourdieu (2007) enfatiza “O gosto é o princípio de tudo o que se tem, pessoas e coisas, e de tudo o que

se é para os outros, daquilo que serve de base para se classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado" (p. 56). E conclui que,

> Os gostos, entendidos como o conjunto de práticas e de propriedades de uma pessoa ou de um grupo são produtos de um encontro (de harmonia pré-estabelecida) entre bens e um gosto [...] entre estes bens, é preciso incluir, com o risco de chocar, todos os objetos de eleição, de afinidade eletiva, como os objetos de simpatia, de amizade ou de amor. (Bourdieu, 1984. p.170).

Depreende-se por meio das leituras de Bourdieu (2007) que as escolhas que são feitas, toma-se como exemplo as tatuagens, são escolhas para se diferenciar de outras classes vigentes (seja na qualidade do desenho, na textura) é o que ele chama de distinção. As preferências que as pessoas têm, vão de acordo com o que ele chama de capital cultural que são adquiridos pela família e pela escola.

> Como toda a espécie de gosto, ela une e separa: sendo o produto dos condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência, ela une todos aqueles que são o produto de condições semelhantes, mas distinguindo-os de todos os outros e a partir daquilo que se têm de mais essencial, já que o gosto é o principio de tudo o que se tem, pessoas e coisas, e de tudo se é para os outros, daquilo que serve de base para se classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado (Bourdieu, 2007, p.56).

Deixando claro que Bourdieu (2007) diz que as classes populares não são ausentes de capital cultural, ele explica que as classes dominantes tomaram essa cultura como legitima e usam de táticas para afirmá-las, como por exemplo, os diplomas, ou seja, essas frações de classe não obtém um capital cultural que é legitimado.

Trazendo para os dias atuais, constatamos que as tatuagens em algumas pessoas de classes populares ainda estão associadas à marginalidade.

Através do site do historiador e artista de *performance* Thiago Soares (2013) pode-se constatar que as pessoas de classes menos abastadas ainda são condenadas por conterem tatuagens associadas a algum tipo de criminalidade.

Duas dessas situações tiveram uma grande repercussão nas mídias sociais. Dois rapazes, ambos de classe baixa, foram torturados por policiais porque tinham na pele uma tatuagem de palhaço. Segundo os policiais a pessoa que têm no corpo uma tatuagem de palhaço, cometeu algum tipo de crime contra autoridade policial.

É certo que dentro da comunidade carcerária há um tipo de regra para dispor de uma tatuagem e cada desenho significa o crime ou algo que o preso deseja, mas ao associar todos

os desenhos das pessoas a algum tipo de crime é generalizar, e a generalização nesse sentido pode gerar preconceito para as pessoas que possuem tatuagem, principalmente nas classes menos favorecidas.

A polícia militar da Bahia lançou uma cartilha com o nome "Tatuagem: Desvendando segredos" (2012). Nessa cartilha constam os vários desenhos de pessoas que já estiveram presas por algum tipo de crime e quais tatuagens elas tinham, em posse dessas fotos eles fizeram essa cartilha para ajudar os policiais na captura de bandidos que tenham algumas daquelas tatuagens.

O grande problema é que a maioria dos desenhos faz parte do senso comum de quem procura desenhos para se tatuar, desenhos como: Palhaço, Carpa, Caveira, imagem de Nossa Senhora Aparecida ou Jesus Cristo, desenhos animados, índias e muitos outros. Nos estúdios de tatuagem é muito comum encontrar esses desenhos em pastas que os clientes indecisos podem escolher para tatuar-se. Esses desenhos são vistos como desenhos comerciais pelos tatuadores, ou seja, fazer uma cartilha para que possa identificar bandidos por meio dessas tatuagens é um preconceito.

Sendo assim, é preciso rever esse tipo de material ou conduta usada pelo meio militar para procurar bandidos. Cabe uma reflexão, será que a polícia usará esse mesmo procedimento para com uma pessoa da classe média alta ou é mais uma forma de repressão com as pessoas das classes populares?

Esse tipo de pensamento, ou seja, essa associação entre marginalidade e tatuagem foi sugerida por Lombroso (2007) que era psiquiatra e criminologista. Em 1876 escreveu o "Homem Delinquente" influenciado pela frenologia[38], um capítulo do livro é destinado ao estudo da tatuagem nos criminosos. Segue alguns escritos dele sobre a tatuagem.

> O lugar da tatuagem, e, sobretudo o número, são de grande importância antropológica, porque provam a vaidade instintiva que é característica do criminoso. [...] Toda essa multiplicidade é a prova da pouca sensibilidade à dor, que os delinquentes têm em comum com os selvagens. (Lombroso, 2007, pp. 35-36).

> É especialmente na triste classe dos homens delinquentes que a tatuagem assume um caráter particular, e estranha tenacidade e difusão. [...] a observação torna-se tão comum, que um destes, solicitado por mim por que não tinha tatuagem, respondeu-me: "porque são coisas que fazem os condenados". (Lombroso, 2007, p. 32).

[38] -Teoria que reivindica ser capaz de determinar o caráter, características da personalidade e grau de criminalidade pelo formato da cabeça.

> Também os desenhos de tatuagens que nada têm de particular, que tornam comuns inteiramente os delinquentes com os cidadãos, pastores, marinheiros, podem ser úteis à Justiça e à medicina legal: ajudam exatamente para revelar a identidade do indivíduo, a sua região, os acontecimentos importantes de sua vida. (Lombroso, 2007, p. 36).

Com isso é necessário o cuidado para utilizar ideias que estão ultrapassadas, e que tendem à generalização das pessoas que têm tatuagens. Seguir pensamentos assim gera um retrocesso em uma questão que já mudou de paradigma.

Na subcategoria "opinião masculina" foi perguntando as nossas entrevistadas, o que elas acham que os homens pensam das mulheres que tem tatuagens e quais as reações que eles têm ao ver alguma mulher tatuada.

Algumas respostas sobre esse questionamento já foram ditas por nossas entrevistadas em outras perguntas, algumas repetiram o que já haviam dito e outras responderam que muitas vezes os homens gostam de tatuagens, quando não está em suas namoradas. Assim, reafirmam o machismo ainda existente em nossa sociedade.

Quando foram questionadas a respeito dessas afirmações, algumas disseram que os homens estão corretos que só fazem isso para proteger a "honra" da mulher. Percebe-se que o machismo não é unicamente do homem e, sim, de toda a sociedade, ou seja, está incorporado.

Seguem os depoimentos.

> *Milena: "Ai isso depende, tem homens que gostam que as mulheres façam tatuagem, tem homens que não gostam, acham feio, acha que tatuagem não é coisa de mulher, a maioria hoje aceita, ninguém liga normalmente, mas tem homens que não gostam disso, os homens gostam da minha por ser uma tatuagem super feminina, nunca ninguém criticou, nem mesmo o meu noivo".*

> *Natália: "Ah muito homens gostam, é cobiça, eles falam do desenho, do lugar, atiça os pensamentos deles. Mas meu pai falava que mulher com tatuagem não presta, hoje a mulher que tem expressa seus desejos e vontades pela tatuagem, mostra que ela tem atitude, que não obedece ao que o homem pensa. Hoje é raro quem não tem tatuagem, virou moda".*

> *Talita: "Eu acho muito difícil homem gostar da tatuagem de uma mulher, vamos supor que ele acabou de conhecer ela, ela já tenha tatuagem, acho difícil ele gostar, às vezes ele gosta de mulher que tenha tatuagem, mas não a mulher dele, ainda tem muito preconceito, porque os homens acham que mulher com tatuagem é fácil".*

> *Vivian: "Homem é machista, e safado, quando não é com a mulher dele pode tudo, quando é com a namorada não pode? Eu converso com meus clientes, e eles vem aqui*

para ter relação sexual e ver o que a mulher dele não tem, um cara uma vez me disse sobre a minha tatuagem de pimenta, que era bonita e sexy, mas só ficava bonita em mulher como eu, em mulher de família não, porque ela ia ficar falada".

Jussara: "Eu acho que homem é meio assim, até gosta, mas na mulher dos outros. Foi uma briga quando eu quis fazer outra tatuagem, meu filho não se importou, mas é criança, então nem sabe ainda, mas meu marido achou ruim, disse que o pessoal do bairro ia fala [sic] que isso não é coisa de mulher honesta, só deixou porque a tatuagem é pequena, se fosse grande ele não ia deixar".

Eduarda: "Eu acho que o homem gosta, mas aquelas tatuagens pequena e discreta, mas tá certo tatuagem muito grande é muito masculina, homem que faz tatuagem grande".

Isabela: "Homem gosta sim, mas é que homem é muito ciumento, a tatuagem chama a atenção, e todo mundo vai ficar olhando a mulher dele, eu tenho, mas como fica nas costas da para esconde [sic], eu fiz a tatuagem para mim então nem faço questão de ficar mostrando".

Helena: "Acho que homem gosta, pelo menos os que saio acham bonito e fala que eu fiquei mais bonita, e sempre perguntam se eu tenho alguma escondida num lugar secreto...rsrs... se eu arrumar um namorado e ele achar feio fazer o que? Fiz antes dele, ele vai ter que aceita[sic] e homem é o que não falta".

Nessa perspectiva Bourdieu (1999) afirma que a mulher vê essas situações como algo normal, ou seja, o homem por sentir ciúmes ou outra coisa do tipo tem o direito de exigir que ela faça o que ele quer, a mulher vê isso como algo natural, que faz parte na natureza masculina.

Deixando claro que por mais que o machismo esteja sendo contestado por algumas esferas da sociedade, ele ainda se faz muito presente em nossa sociedade. A questão da dominação é algo muito mais complexo, essa ordem social está incorporada nas pessoas, seja através dos corpos, nas posições sociais, seja no pensamento, ou seja, através dessa ordem social tanto o homem quanto a mulher seguem comportamentos e atitudes que na visão deles são destinados a cada um, distintivamente.

Não que com isso ele queira dizer que a mulher goste de ser dominada ou que aceite essa dominação, ela se dá por meio das estruturas objetivas que só consegue força graças a sua reprodução.

> E observar assim claramente que tal construção prática, longe de ser o ato intelectual consciente, livre, deliberado de um "sujeito" isolado, é ela própria o efeito de um poder, inscrito duradouramente no corpo dos dominados sob a forma de esquemas de percepção e de disposições (de admiração, de respeito, de amor, etc.) que *sensibilizam* a certas manifestações simbólicas do poder. (Bourdieu, 1999, p.34). Grifo do autor.

Nesse sentido Bourdieu (1999) argumenta que será muito difícil nos livrar do machismo e de vários preconceitos em nossa sociedade.

> As paixões do *habitus* dominado (do ponto de vista do gênero, da etnia, da cultura ou da língua), relação social somatizada, lei social convertida em lei incorporada, não são das que se podem suspender por meio de um simples esforço da vontade, assente numa tomada de consciência libertadora. Se é completamente ilusório crer que a violência simbólica pode ser vencida apenas pelas armas da consciência e da vontade, é porque os efeitos as condições da sua eficácia estão duradouramente inscritos no mais íntimo dos corpos sob a forma de disposições. (Bourdieu, 1999, p.33).

Na subcategoria "religião" foi questionada se a religião influenciou alguma coisa em relação à tatuagem.

Todas disseram que sim, pois as entrevistadas pertenciam a alguma religião, dentre elas a católica, evangélica e umbandista. As respostas foram as seguintes.

> *Amanda: "Quando eu fiz tatuagem eu era perdida na vida, hoje não posso mais fazer, eu virei evangélica e a igreja não permite, eles dizem que as pessoas que tem tatuagem tão cultuando alguma maldade, porque o corpo é de Deus, é sagrado e a gente tá estragando o que Deus deu. Eles aceitam, mas antes a gente faz culto para limpa [sic] a tatuagem e tira[sic] a maldade dela, a minha foi mais fácil, mas sabe aquelas pessoas que tatuam coisa da besta, ai cruz credo, o culto demora mais, porque o demônio fica no desenho sabe. Mas ai ele é aceito. A gente também faz culto pelas pessoas mundanas que tem tatuagem para tirar a maldade delas".*

> *Helena: "Sou católica, mas não vou a igreja, acho que Deus não gosta muito de tatuagem grande, pois o corpo é de Deus, então se a gente muda muito o corpo é pecado, mas uma tatuagem pequena acho que ele não se importa muito".*

> *Natália "Não, um desenho não muda caráter, mas eu acho que se tatuar imagem de santo é pecado eu não gosto, falta de respeito".*

> *Denise: "Na minha religião, sou umbandista, a gente não tem nenhum tipo de preconceito, cada um é responsável por si mesmo, eles só falam para gente não fazer*

qualquer desenho, por exemplo, de caveira, às vezes o Exú Caveira[39] pode achar ruim, e temos que pedir autorização para ele, mas se a gente quiser tatuar nosso orixá de nascimento, a minha é Oxum, ai a gente vai ficar protegida, eu ainda não fiz porque é muita responsabilidade, mas vou fazer".

Vivian: "Sou católica, mas só fui na igreja para ser batizada e fiz catecismo quando eu era criança, depois nunca mais eu fui, acredito em Deus, as vezes até tenho medo de algo que fiz, mas acho que Deus não castiga, ainda mais por causa de um desenho que eu fiz no corpo, muita gente fala que vou pro inferno por causa disso".

Isabela: "Acho que Deus não vai achar ruim de eu ter feito uma tatuagem, fui perguntar pro [sic] padre um tempo atrás, ele me mandou rezar uns Pai Nosso e Ave Maria que eu seria perdoada, o padre falou que Deus não gosta de tatuagem grande é coisas do demônio, se for como a minha pequena, Deus perdoaria porque eu rezei".

Carla: "Nem vou muito na igreja, meus pais quase me mataram quando apareci com tatuagem, falaram que eu ia para o inferno que não temos o direito de mexer no corpo que Deus deu para gente, até choraram, a gente é crente, tive que ir no culto, e o pastor fez oração para limpar a tatuagem, eu fiquei meio assim sabe, com medo, mas agora to bem, eu quero fazer mais tatuagem, mas acho que vou fazer uma escondida, em algum lugar que meus pais não vejam".

Jéssica: "Eu vou na missa de domingo, mas o padre nunca falou nada, só as pessoas falam que pessoas com tatuagem Deus não gosta, que pessoas com marca é marca da Besta, mas eu não acredito nisso, eu rezo e faço coisas boas pra pessoas e nem desejo mal de ninguém, acho que é isso que Deus quer né?".

Maria: "Fico meio assim, acredito em Deus, rezo em casa, mas na igreja falam que a gente não pode mexer no corpo, porque foi feito a imagem de Deus, e se a gente faz tatuagem ele muda, mas tá todo mundo fazendo, será que Deus vai castigar todo mundo que tá fazendo isso, eu tenho medo, mas ele vai perdoar a gente, eu quero fazer mais tatuagem, mas preciso de dinheiro".

Com base nos depoimentos percebe-se que as entrevistadas preocupam-se muito com as questões religiosas e com as questões sobre o pecado de ter alterado o corpo que segundo algumas religiões são a 'imagem e semelhança' ao de Deus.

Essas ideologias de acordo com Ramos (2001) sobre a profanação do corpo como já foi visto anteriormente relaciona-se com a questão do corpo relatado no Velho Testamento da Bíblia, no qual se dizia que aqueles que marcavam o corpo estavam estigmatizados.

[39] - De acordo com as crenças, são espíritos que incorporam nos médiuns de Umbanda.

Segundo a Bíblia no Velho Testamento.

> Agora, pois, serás maldito sobre a terra, que abriu sua boca e recebeu o sangue do teu irmão da tua mão. Quando tu a tiveres cultivado, ela te não dará os seus frutos. Tu andarás vagabundo e fugitivo sobre a terra. E Caim disse ao senhor: O meu crime é muito grande, para alcançar o seu perdão. Tu me lanças hoje fora da terra; e eu serei obrigado a me esconder diante da tua face; e andarei vagabundo e fugitivo pela terra. O primeiro, pois, que me encontrar matar-me-á. Respondeu-lhe o senhor: Não será assim, mas todo o que matar Caim será por isso castigado sete vezes em dobro. E pôs o Senhor um sinal em Caim, para ninguém, que o encontrasse, o matar. (Gn. 4:14 Centro Bíblico Católico)

Caim foi marcado por ser um pecador, com isso fez com que as marcas corporais fossem símbolos de pecado. Em Levítico (19:28) também é citado sobre marcações corporais "Não fareis golpes na vossa carne, pranteando mortos; nem fareis figuras algumas, nem marcas sobre o vosso corpo".

Segundo Ramos (2001) por causa desses escritos na Bíblia as marcas corporais foram vistas como algo inapropriado, algo que não era permitido.

Assim, por mais que na atualidade as conjunturas tenham mudado no que se refere às marcas corporais e por mais que nossas entrevistadas tenham feito tatuagem, o medo de tatuar algo maior, é relatado por elas com temor, como seu Deus as fosse castigar.

Considerações Finais

O homem só é homem na medida em que está entre outros homens e revestido dos símbolos representativos da sua razão de ser. Nus e imóveis, tanto o grande sacerdote como o vagabundo não passam de simples cadáveres de mamíferos superiores num tempo e num espaço destituído de significação, pois deixaram de ser o suporte de um sistema simbolicamente humano. (Gourhan, 1965, p.21).

Fonte: Grafite Tattoo, http://griffetattoo.blogspot.com.br/2014/08/mulher-tatuada-e-sexy.html

A história da tatuagem passou por uma sequência de mudanças, ela se reestruturou e o seu significado criou uma nova roupagem. Essas mudanças ocorreram porque a tatuagem está atrelada as pessoas, sendo assim as pessoas vivem em constantes transformações, sejam elas corporais ou sociais. Mudam-se as pessoas, muda-se a cultura, modificam-se as condutas e modifica-se a forma como a tatuagem é vista.

Marcas corporais e cultura sempre andaram juntas, como a tatuagem foi vista e como é contemplada hoje varia de acordo com a cultura pertencente à época em que ela acontecia. E mesmo havendo esse processo de resignificação da tatuagem em tempos atuais, o seu caráter de marca popular ainda se faz presente na sociedade.

A tatuagem como foi analisada é uma prática muito antiga com vestígios que datam desde a pré-história. Múmias e civilizações antigas já tinham essas marcas.

Praticada pelos nativos que viam na tatuagem e em outras marcações corporais uma forma de passagem de uma dada época da vida para outra, ou seja, os ritos de passagem. Usadas também como proteção significando algo sagrado, a prática da tatuagem para esses povos tinha um sentido ritualístico. Havia necessidade de marcas para que esse corpo fosse respeitado.

A partir de uma visão etnocêntrica dos europeus foi julgada como exótica, foi marginalizada por ser usada pelos marinheiros, criminosos e prostitutas. Da marginalização passou a ser usada no movimento de contracultura, por grupos sociais que viviam à margem da sociedade, como os roqueiros*, punks, skinheads* e *hippies.*

Nos tempos vigentes a tatuagem passou a ser aceita com algumas ressalvas, pois ainda possui algumas formas de discriminação, talvez pela herança da sua entrada no Ocidente.

A tatuagem popularizou-se de tal forma que virou moda. Moda essa que na década de 90 precisou ser regularizada, ou seja, com essa regularização, a tatuagem virou figurinha de chiclete e bonecas começaram a ser fabricadas com tatuagem nos corpos. Como relatado anteriormente à mídia ajudou nessa questão, impondo o que acha que seja natural de ser aceito como aconteceu na década de 70 com o menino surfista Petit e sua tatuagem virando música.

Por meio das entrevistas deu para avaliar que por mais que a tatuagem seja uma marca aceita em alguns segmentos da sociedade atual, a maioria das mulheres entrevistadas ainda sentem medo e temem represália na busca de um emprego ou mesmo por meio da crítica de julgamento que a sociedade impõe às pessoas com tatuagem.

Percebeu-se por intermédio dos depoimentos que a maioria das entrevistadas antes de fazer a tatuagem, mesmo àquelas que fizeram impulsivamente devido à idade precoce, escolheram lugares pelo qual podiam esconder o desenho, esses muitas vezes são de tamanhos pequenos, ou seja, o que mostra como uma possibilidade a existência de estratégias para utilização dessas marcas, elas não abrem mão de ter a tatuagem, mas que essas possam ser ocultadas e em momentos que acharem oportunos possam ser expostas.

Sinalizando dessa forma que tatuagem é aceita, mas com algumas restrições, há lugares permitidos no corpo, lugares que tendem a não serem tão julgados pela sociedade, assim como o tamanho e o desenho escolhido.

Fica claro que a opinião da sociedade vigente ainda é muito importante, que por mais que vivamos em uma época pelo qual se pode fazer o que queremos com nossos corpos e vida, ainda existem condicionantes que impedem de viver isso plenamente.

Através das entrevistas pode-se constatar que o fato de serem mulheres faz com o preconceito seja ainda maior, em uma sociedade androcêntrica, na qual a visão masculina se sobrepõe a feminina, não haveria de ser diferente em relação à prática da tatuagem. Nos depoimentos analisados as mulheres optaram por desenhos que por meio da sociedade são considerados femininos, como é o caso dos desenhos de borboletas, coração, flores, escolhendo lugares que também são vistos como feminino, nuca, perna e cóccix. Lugares que foram os mais escolhidos pelas entrevistadas.

Demonstrando com isso que o corpo é moldado para se comportar juntamente com a delicadeza, que são aceitos pela sociedade, impondo um método normativo de vivenciar esse corpo, há uma submissão perante o outro, uma submissão simbólica, fazendo com que isso se torne parte indispensável da sua vida.

Isso se faz presente na tatuagem, a escolha dos lugares e desenhos para criar a tatuagem são os sinais pelo qual essa submissão é aceita, por mais que a tatuagem represente uma suposta subjetividade em épocas atuais, essa condição de dependência do olhar do outro ainda é muito importante. Pois encontram conflitos de proibição dentro da sua própria fração de classes, por exemplo, os pais. Sendo assim, utilizam de estratégias para poder utilizar essas marcas. Evidenciando isso por meio das entrevistas coletadas.

Acrescenta-se se a isso o fato de serem mulheres pertencentes a algumas frações de classes populares, fazendo com que o preconceito seja grande, devido ao fato de que as classes dominantes são as detentoras de valores e códigos, e por isso julgam as marcas dessas mulheres como inapropriadas e banais.

Mediante as entrevistas percebeu-se que essas mulheres não priorizam a qualidade da tatuagem, muitas vezes fizeram em lugares sem as especificações necessárias para esse tipo de procedimento, ou seja, optaram por ter a tatuagem e a qualidade ficou em segundo plano, visto que elas acabam por privilegiar a quantidade e o preço barato para fazê-la, ao contrário das classes dominantes que privilegiam a qualidade, pois muitas vezes entendem a tatuagem como arte e por ser detentora do poder financeiro, conseguem utilizar isso a seu favor, criticando as classes populares por seus desenhos.

Analisando a pesquisa em todo seu contexto, ficou perceptível que a tatuagem por mais que seja aceita na contemporaneidade, o seu caráter histórico ainda é levado em conta, seu passado transgressor é muito lembrado, mesmo que inconscientemente.

Percebe-se que há uma limitação na prática da tatuagem, seja ela por meio do local ou do desenho escolhido, sendo esta ainda maior se o sujeito da tatuagem é mulher e pertencente a algumas frações de classes populares.

Nas mulheres há os limites por haver uma permanência de regras e condutas que se devem ser seguidos para que a tatuagem seja aceita na sociedade.

Nas classes populares existe esse limite devido ao baixo poder aquisitivo, estabelecendo com que a tatuagem signifique uma transgressão e não uma arte aceita pela classe dominante.

Com isso, essa pesquisa demonstra que a popularização da tatuagem se faz presente, e a tendência é só aumentar, mas o que fica claro é que embora seja algo popular, que tende a ser subjetivo e individual e ser aceito em determinadas frações de classes populares ainda existe a percepção de alguns preconceitos, seu caráter discriminatório ainda é muito grande, percebe-se que por trás dessas marcas ainda existe muita submissão por parte das mulheres e muito preconceito por parte de quem as julga como inapropriadas.

O que fica claro é que mesmo usada de forma subjetiva, essa subjetividade é regulada pela fração de classes na qual estão inseridas. Reafirmando que o preconceito pela tatuagem não se dá somente no âmbito das classes dominantes, dentro das classes populares também, pois são algumas frações de classes que utilizam a tatuagem, a realidade social não é uma só.

São reguladas pelo *habitus* daquele momento histórico, das ações, interditos, preceitos, conceitos e valores, não se sabe quem é o outro, por isso existem esses indicadores a serem seguidos, pois as condições existenciais colocam a tatuagem como possível ou não, como natural ou não, é um subjetivo que tem uma concretude material.

Referências

Enaltecida, perseguida, proibida, estampada, escondida, estandarte de bravura, insígnia da marginalidade, sentença de morte, hino da vida, marca de poder, marca dos que estão fora do poder, amuleto de proteção, rito de passagem, roupa de luto, sinal de status, estigma, projeto de vida, moda, sedução, aversão, fetiche, inserção na tribo, diferenciação na tribo, atestado de nascimento, documento de identidade, autobiografia, risco do sujeito, traço da cultura, desenho, escrita. Na ponta da língua, na ponta da agulha, a tatuagem. (Couy,2006, pp.109-110).

Fonte: Site Arte no Corpo, http://www.artenocorpo.com/245/fotos-sexy-de-mulheres-tatuadas

Araújo, L. (2005). *Tatuagem, piercing, e outras mensagens do corpo.* São Paulo: Cosac Naify.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo.* (L. A. Reto, A. P. Pinheiro, trads). Lisboa, PT: Edições 70.

Barros, C. M. D. L. (2006). *Histórias marcadas na pele.* Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, Brasil. Recuperado em 23 de julho, 2013 de www.unicap.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7

Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida.* (P. Dentzien, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Berger, M. (2006). *Corpo e identidade feminina.* Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. Recuperado em 20 de julho, 2013 de www.minosoft.com.br/mirela/download/corpo_e_identidade_feminina-mirela_berger.pdf

Bourdieu, P. (1984). *Questões de Sociologia.* **(**M. S. Pereira, trad.). Lisboa, PT: Fim de Século.

Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina.* (M. S. Pereira, trad.). Lisboa, PT: Celta Editora.

Bourdieu, P. (2007). *A distinção: crítica social do julgamento*. (D. Kern, G. J. F. Teixeira, trads.). São Paulo: Edusp.

Capra, F. (1986). *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Cultrix.

Caroni, M. M., & Grossman, E. (2012, abril). As marcas corporais segundo a percepção de profissionais de saúde: adorno ou estigma? *Ciência & Saúde Coletiva, 17*(4), 1061-1070. Recuperado em 23 de abril, 2014 de http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n4/v17n4a27.pdf

Costa, V. M. M. (2011, julho). Corpo e História. *Revista Ecos: literaturas e linguísticas, Cáceres, 8*(10), 245-258. Recuperado em 27 de novembro, 2013 de http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_10/volume/Revista_Ecos_V-10_N-01_A-2011.pdf.

Couy, V. B. (2006). No principio, era a tatuagem. *Revista Travessias*, 9(1), 109-141. Recuperado em 27 de novembro, 2013 de http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_009/arteecomunicacao/no%20principio%20era%20PRONTO[1].pdf.

Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em revista,* (24), 213-225. Recuperado em 23 de julho, 2014 de http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/2216/1859.

Dunker, C. I. L. (1994). Tatuagem e sedução. *Viver Psicologia,* (23), 59-62, 1994. Recuperado em 15 de julho, 2014 de stoa.usp.br/chrisdunker/files/1835.

Ferreira, V. S. (2011). Tatuar o corpo jovem hoje: Rito de passagem ou ritual de impasse? *Revista Vivência,* (36), 137-156. Recuperado em 21 de abril, 2014 de http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/36/PDF%20para%20INTERNET_36/12_Vitor%20S%C3%A9rgio%20Ferreira.pdf.

Freitas, R. B. (2012). A prática da tatuagem entre jovens em conflito com a lei: arte, cultura juvenil ou identificação grupal? In: *Encontro Internacional de Direitos Culturais,* (1), Fortaleza, CE.

Fonseca, A. L. P. (2003). *Tatuar e ser tatuado: etnografia da prática contemporânea da tatuagem-Estúdio: Experience Art Tattoo-Florianópolis-SC-Brasil.* Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. Recuperado em 03 de maio, 2014 de http://www.antropologia.com.br/divu/colab/d28-aperez.pdf

García Márquez, G. (1967). *Cem anos de solidão.* (48a ed.), (E. Zagury, trad.). Rio de Janeiro: Record.

Godoy, A. S. (2005, março). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de administração de empresas, 35(*2), 57-63. Recuperado em 15 de abril, 2014 de http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf

Goellner, S. V. (Org.). (2003). A produção cultural do corpo. In: Louro, G. L., Neckel, J. F. , & Goellner, S. V. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.* Petrópolis, RJ: Vozes.

Gonçalves, H. A. (2005). *Manual de metodologia de pesquisa científica.* São Paulo: Avercamp.

Gourhan, A. L. (1965). *O gesto e a palavra 2: memórias e ritmos.* (E. Godinho, trad.). Lisboa, PT: Edições 70.

Graham, M. (1993). *Memórias de sangue: uma autobiografia.* São Paulo: Siciliano.

Guarnica, A. V. N. (1997, agosto). Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. *Revista Interface-comunicação, saúde, educação, 1*(1), 109-122. Recuperado em 23 de junho, 2014 de http://www.scielo.br/pdf/icse/v1n1/08.pdf

Kemp, K. (2005). *Corpo modificado, corpo livre?* São Paulo: Paulus.

Le Breton, D. (2004). *Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais.* (T. Frasão, trad.). Lisboa: Miosótis.

Leitão, D. K. (2000). *À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos.* Trabalho de Conclusão do Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado em: 15 de agosto, 2013 de http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9186/5280

Leitão, D. K. (2004). Mudanças de significado da tatuagem contemporânea. *Cadernos IHU Ideias,* (16), 01-26. Recuperado em 16 de agosto, 2013 de www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/016cadernosihuideias.pdf

Le Goff, J., & Truong, N. (2006). *Uma história do corpo na idade média.* (M. F. Perez, trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Lombroso, C. (2007). *O homem delinquente.* (S. J. Roque, trad.). São Paulo: Ícone.

Loyola, M. A. (Org.). (2002). Bourdieu e a sociologia. In: Loyola, M. A. *Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andrea Loyola.* Rio de Janeiro: EdUERJ.

Manguinho, J. V. F. (2010). Gênero, corpo e tatuagem. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero,* 9 (pp. 01-08). Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina.

Manzini, E. J. (1991). A entrevista na pesquisa social. *Didática, 26/27,* 149-158. Recuperado em 15 de julho, 2014 de http://www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/images/pdf/manzinisaopaulo1990.pdf

Manzini, E. J. (2012). Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. *Revista Percurso-Nemo, 4*(2), 149-171. Recuperado em 15 de julho, 2014 de http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/viewFile/18577/10219

Marques, T. (1997). *O Brasil tatuado e outros mundos.* Rio de Janeiro: Rocco.

Mauss, M. (2003). *Sociologia e antropologia.* São Paulo: Cosac Naify.

Medina, J. P. S. (1991). *O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo.* (3a ed.). Campinas, SP: Papirus.

Melo, S. M. M. (2004). *Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professoras.* Campinas, SP: Mercado das Letras.

Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção.* (2a ed.). (C. A. R. Moura, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Mifflin, M. (1997). *Bodies of subversion: a secret history of women and tattoo.* Nova York: June Books.

Minayo, M. C. S. (Org.). et al. (2011). *Pesquisa social: teoria, método, criatividade.* (30a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Nogueira, M. A., & Catani, A.(Orgs.). (1998). *Escritos da educação.* (9a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Novak, P. S. (2012). *A tatuagem como sistema semiótico da cultura.* Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado em 04 de maio, 2014 de https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/67641/000871719.pdf?sequence=1

Ortiz, R. (Org.). (1983). *Pierre Bourdieu.* (P. Montero, A. Auzmendi, trads). São Paulo: Ática.

Osório, A. (2005a). O frouxo e o carniceiro: dor e concepções de gênero em dois estúdios de tatuagem cariocas. *Revista Gênero, 5(*2), 113-135. Recuperado em 25 de abril, 2014 de http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/388/292

Osório, A. (2005b). O gênero da tatuagem: pensando masculino e feminino em estúdios no Rio de Janeiro. *Contemporânea, 3*(2), 72-82. Recuperado em 26 de abril, 2014 de http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_05/contemporanea_n05_07_andrea.pdf

Osório, A. (2006). *O gênero da tatuagem: continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro.* Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Recuperado em 20 de julho, 2013 de teses.ufrj.br//IFCS_D/AndreaBarbosaOsorio.pdf

Perez, A. L. (2006, abril). A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. *Mana, 12*(1), 179-206. Recuperado em 26 de abril, 2013 de http://www.scielo.br/pdf/mana/v12n1/a07v12n1.pdf

Pires, B. F. (2003, março). O corpo como suporte da arte. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental, 06*(1),76-85. Recuperado em 20 de julho, 2013 de www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/revistas/volume06/n1/o_corpo_como_suporte_da_arte.pdf

Pires, B. F. (2005). *O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem.* Campinas, SP: Senac.

Porpino, K. O. (1999). *O corpo, esse nosso (des) conhecido*. Recuperado em 23 de maio, 2013 de www.ettrn.br/revista/karenine.html

Ramos, C. M. A. (2001). *Teorias da tatuagem: corpo tatuado, uma análise da loja Stoppa Tatoo da Pedra.* Florianópolis, SC: Udesc.

Ramos, C. M. A. (2005). Tatuagem contemporânea: uma incorporação dialógica em tempos de globalização. In: Bueno, M. C., & Castro, A. L (Org.). *Corpo, território da cultura.* São Paulo: Annablume.

Ramos, C. M. A. (2006). *As nazi-tatuagens: inscrições ou injúrias no corpo humano?* São Paulo: Perspectiva.

Reina, F. T. (2005). *O papel da disciplina educação física no processo de inclusão de alunos provindos das camadas populares no espaço escolar.* Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, Brasil. Recuperado em 14 de abril, 2013 de http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/90353/reina_ft_me_arafcl.pdf?sequence=1.

Reina, F. T. (2009). *Cabeça, tronco e membros: a construção da héxis corporal de professores de educação física e suas relações com o cotidiano escolar.* Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, Brasil. Recuperado em 23 de abril, 2013 de http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/101555/reina_ft_dr_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Revista Super Interessante. (2014, março). *Censo de tatuagem do Brasil* (342), 44-51.

Richardson, R. J. et al. (2008). Métodos quantitativos e qualitativos. In: Richardson, R. J. et al *Pesquisa social: métodos e técnicas.* (3a ed, 8 reimpr, PP. 71-89). São Paulo: Atlas.

Rio, J. D. (2008). *A alma encantadora das ruas.* Rio de Janeiro: Companhia de Bolso.

Rodrigues, A. (2008). *Tatuagem: dor, prazer, moda e muita vaidade.* São Paulo: Terceiro Nome.

Scheiner, A. M. (2006). *Marcado na pele: consumo, tatuagem e cultura de massa – um estudo sobre as narrativas do consumo a partir das tatuagens de marcas de produtos.* Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Recuperado em 15 de junho, 2014 de http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9107/9107_1.PDF

Sibilia, P. (2003). *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Silva, G. O. D. V. (1995). Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. *Informare-Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação, 1*(2), 24-36.Recuperado em 19 de julho, 2013 de repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/215/1/OlintoSilvaINFORMAREv1n2.pdf

Silva, A. J. L. (2012). *Tatuagem: desvendando segredos.* Salvador: Magic Gráfica.

Soares. T. R. (2006). *F.G-Male Beauty, Body art & Body modification culture.* São Paulo: Apresenta textos sobre modificações corporais. Recuperado em 13 de março, 2014 de http://www.frrrkguys.com.br/

Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.* São Paulo: Atlas.

Toloi, G. G., & Manzini, E. J. (2013). Etapas da estruturação de um roteiro de entrevista e considerações encontradas durante a coleta de dados. In: *Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial,* 7 (pp. 3299-3306). Londrina: Universidade Estadual de Londrina.

Tucherman, I. (2004). *Breve história do corpo e de seus monstros.* (2a ed). Lisboa, PT: Nova Vega Limitada.

Wacquant, L. (2002). *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe* (A. Ramalho, trad.). Rio de Janeiro: Relume Dumará.

ANEXOS

Anexo A - Fotos de tatuagens

Figura1- Ötzi - O homem de Gelo traz 50 marcas de tatuagem na pele.
Fonte: Livro-Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo, Leusa Araújo.

Figura 2 - Chefe Maori, início do século XX.
Fonte: Livro-Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo, Leusa Araújo.

Figura 3 – Com ferramentas artesanais o artista faz a tatuagem, tem que haver um motivo para a tatuagem.
Fonte: Livro-Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo, Leusa Araújo.

Figura 4 – “Enigma”, homem tatuado com peças de quebra-cabeça azuis e a testa com chifres.
Fonte: Livro-Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo, Leusa Araújo.

Figura 5 – O Grande Omi, um dos mais famosos homens tatuados do século XX.
Fonte: Livro-Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo, Leusa Araújo.

Figura 6 – Lady Tattoo (Betty Broadbent) fez muito sucesso.
Fonte: Livro-Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo, Leusa Araújo.

Figura 7- La Belle Irène começou a se tatuar por volta de 1882.
Fonte: http://en.letsink.com/164-la-belle-irene-d17

Figura 8 – Prisioneiro, Mara Salvatrucha, membro de gangues salvadorenhos, o rosto todo tatuado.
Fonte: Livro-Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo, Leusa Araújo.

Figura 9 – O filho da Luz (Febrônio Índio do Brasil) tatuava suas vítimas com símbolos cabalísticos.
Fonte: Livro-Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo, Leusa Araújo.

APÊNDICE

Apêndice A - Roteiro das entrevistas

Idade:
Profissão:
Escolaridade:
Religião:
Outras informações (onde mora, estado civil, tem filhos):
Local da tatuagem:
Desenhos:

Por que começou a fazer tatuagem? Com que idade?

Os seus pais e familiares tem tatuagens? Houve proibição?

Com quem você estava quando fez a tatuagem?

Você fez a tatuagem em estúdio próprio para isso? Se não fez, por quê? Por que esse estúdio?

Como estava sua vida quando fez as tatuagens?

Como você se sente depois de ter essas tatuagens? Você gosta de expô-las?

Quando você pensa nas suas tatuagens o que vem a sua cabeça?

Você sentiu dor?

Por que escolheu esses lugares no corpo para fazer a tatuagem?

Você pensou nas reações das pessoas ao verem suas tatuagens?

O visual, a estética é importante para você? A tatuagem mudou alguma coisa nesse sentido?

O que acha que os homens pensam das mulheres que têm tatuagens?

A mídia te influenciou a fazer tatuagem?

E sua religião influenciou alguma coisa ao fazer ou ter a tatuagem?